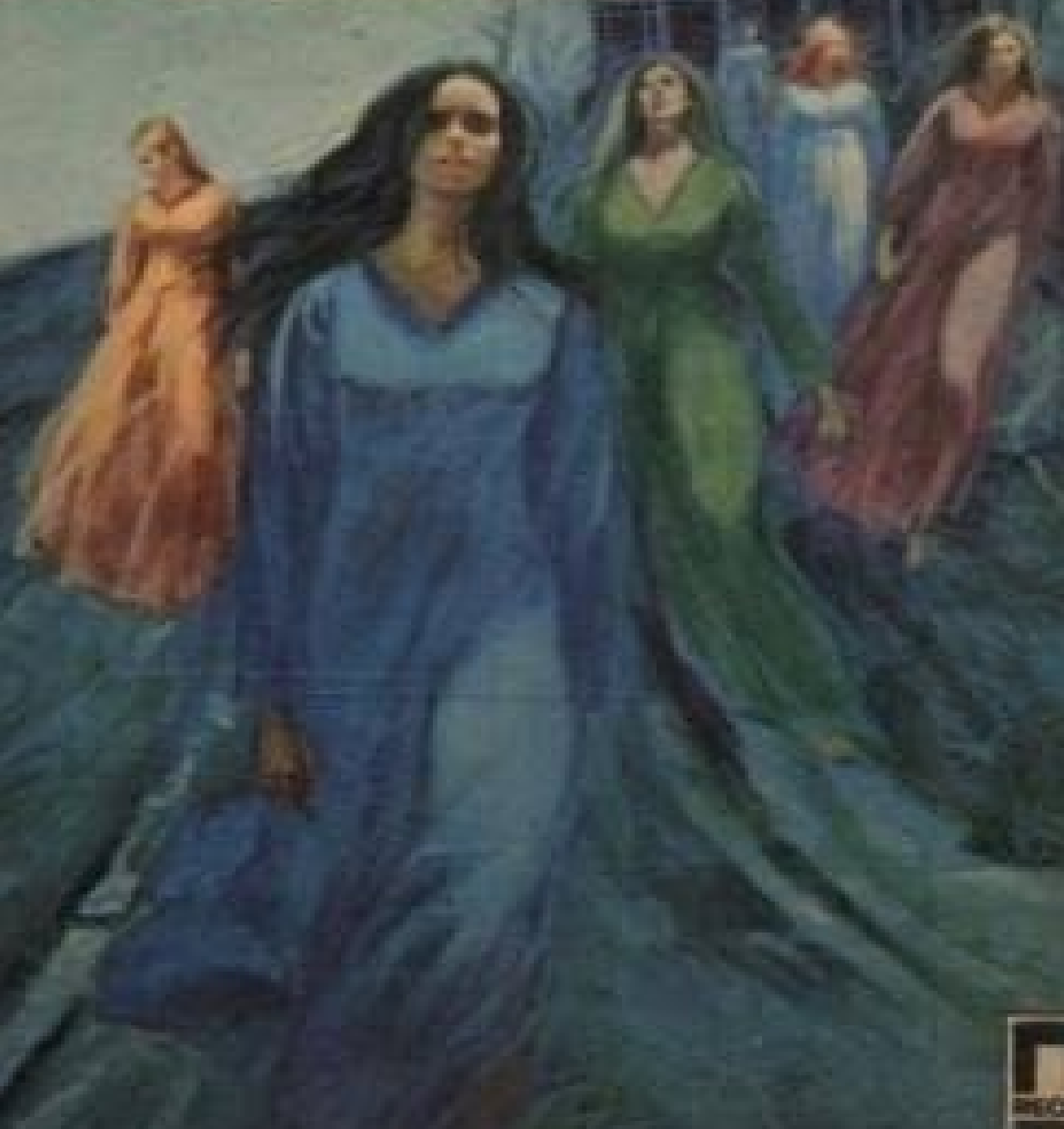


IRA LEVIN

Autor de
O BEBÊ DE
ROSEMARY

AS POSSUÍDAS





Por que as belas e dóceis mulheres de Stepford eram tão alheias às conquistas feministas e obsessivamente dedicadas ao lar e aos maridos? Joanna Eberhart se fazia essa pergunta desde que mudara com a família para aquele subúrbio tranquilo. Com o tempo, ela percebeu que suas amigas, recém-chegadas ao lugar, também passavam a agir de maneira estranha, como se andassem entorpecidas... Tentando descobrir o que havia por trás da súbita transformação das companheiras, Joanna acabaria vivendo um pesadelo, perseguida pela suspeita de que algo sinistro estava prestes a lhe acontecer...

IRA LEVIN

AS POSSUÍDAS

CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "The Stepford wives"

Copyright © 1972 Ira Levin

Tradução: Franklin David Rumjanek

Capa: layout de Natanael Longo de Oliveira
e foto de Eduardo Santaliestra

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3

87 89 90 88 86

Digitalização e correção: Chuncho (LAVRo)

A

Ellie e Joe Busman.

“Na época atual, o combate assume uma forma diferente; a mulher almeja escapar de

uma prisão, ao invés de nela querer colocar o homem; não mais procura arrastá-lo para os domínios da inércia, mas emergir ela própria para a luz da transcendência. A atitude dos homens cria agora um novo conflito: é de um modo deselegante que o homem a libera.”

Simone de Beauvoir

O Segundo Sexo

PRIMEIRA PARTE

A mulher do Comitê de Boas-Vindas, com seus sessenta anos, pelo menos, mas toda juventude e vivacidade (cabelos ruivos, lábios vermelhos e um vestido amarelo-vivo), fez brilhar seus olhos e dentes para Joanna e disse: — A senhora vai gostar mesmo daqui! Esta é uma cidade boa, de gente simpática! A senhora não poderia ter feito uma escolha melhor! — Sua bolsa de couro marrom era enorme, velha e gasta; dela saíam para Joanna pacotes de beberagens para o café da manhã, sopas em pó, uma caixinha de detergente biodegradável, um carnê de descontos válido em vinte e duas lojas locais, dois pedaços de sabão, um jogo de desodorantes em bastão.

— Chega, chega — disse Joanna, que estava em pé na entrada, com as mãos cheias. — Basta. Pare! Obrigada.

A mulher do Comitê de Boas-Vindas colocou um frasco de água-de-colônia em cima das outras coisas e então procurou algo em sua bolsa.

— Não, sinceramente — disse Joanna.

A outra apareceu com um par de óculos de armação cor-de-rosa e um pequeno bloco de notas trabalhado.

— Eu faço os comentários sobre os recém-chegados — disse ela, sorrindo e colocando os óculos. — É para o *Chronicle*. — Remexeu o fundo da bolsa, de onde tirou uma caneta, apertando sua ponta com o polegar, cuja unha estava pintada de vermelho.

Joanna contou-lhe de onde ela e Walter se haviam mudado; o que Walter fazia e em que firma; nomes e idades de Pete e Kim; o que ela havia feito antes de eles terem nascido e quais as faculdades que ela e Walter haviam frequentado. Trocava de posição impacientemente enquanto falava, de pé, ali na porta da frente, com ambas as mãos cheias, e com Pete e Kim fora de seu alcance.

— Tem algum passatempo ou interesses especiais?

Ela quase disse um não que lhe pouparia tempo, mas hesitou: uma resposta completa, impressa no periódico local, poderia servir de anúncio para mulheres como ela, amigas em potencial. As mulheres que conhecera havia poucos dias, das casas da redondeza, eram bem agradáveis e prestativas; entretanto, pareciam estar completamente envolvidas em suas obrigações domésticas. Provavelmente, quando viesse a conhecê-las melhor, descobriria que possuíam horizontes mais largos e outros interesses, mas, mesmo assim, seria sensato colocar aquele anúncio logo.

— Sim, vários — disse. — Jogo tênis, sempre que tenho oportunidade, e sou fotógrafa semiprofissional.

— Ah! — murmurou a mulher do Comitê de Boas-Vindas, enquanto escrevia.

Joanna sorriu.

— Isso quer dizer que uma agência está usando três das minhas fotografias — continuou ela. — E interesse-me por política e pelo Movimento de Liberação da Mulher. Muito mesmo, assim como meu marido.

— *Ele* também? — A mulher do Comitê de Boas-Vindas olhou para ela.

— Sim — disse Joanna —, muitos homens se interessam. — Não entrou em detalhes quanto aos benefícios para ambos os sexos; em vez disso, virou a cabeça em direção ao *hall* e ficou à escuta: na sala de visitas, um auditório de televisão gargalhava. Pete e Kim discutiam, mas sem que ela precisasse chamar a atenção deles. Ela sorriu para a mulher do Comitê de Boas-Vindas. — Ele também se interessa por iatismo e futebol — prosseguiu —, e coleciona documentos americanos antigos. — Essa era a parte de Walter no anúncio.

A mulher do Comitê de Boas-Vindas tomou nota, fechou seu caderno e guardou a caneta.

— Está muito bem, sra. Eberhart — disse, sorrindo e tirando os óculos. — Sei que vai adorar isto aqui, e quero desejar-lhe cordiais e sinceras boas-vindas a Stepford. Se houver alguma informação que eu possa dar-lhe a respeito das lojas e serviços locais, por favor, sinta-se à vontade para telefonar-me; o número está ali, bem na frente do carnê de descontos.

— Obrigada, eu telefonarei. E obrigada também por tudo.

— São bons produtos; use-os! — disse a mulher do Comitê de Boas-Vindas. — Até logo, então!

Joanna despediu-se e ficou a observá-la, enquanto ela descia pelo caminho curvo, em direção ao seu Volkswagen vermelho, amassado. Vários cachorros ocuparam subitamente as janelas, uma confusão de *spaniels* pretos e marrons, pulando e latindo, pressionando os vidros. Algo branco que se movia além do Volkswagen chamou a atenção de Joanna; do outro lado da rua, ladeada de arbustos, numa das janelas superiores dos Claybrooks, a mancha branca moveu-se novamente, deixando um vidro e preenchendo o outro; a janela estava sendo lavada. Joanna sorriu para o caso de Donna Claybrook estar olhando para ela. A mancha branca moveu-se para um vidro inferior e, em seguida, para o vidro do lado.

Com um ronco surpreendente, o Volkswagen projetou-se da calçada, e Joanna recuou para dentro, fechando a porta com os quadris.

Pete e Kim discutiam mais alto:

— Seu cocô! Diarreia!

— Ai! Pare!

— Parem com isso! — gritou Joanna, atirando sua braçada de amostras sobre a mesa da cozinha.

— Ela está me chutando! — gritou Pete.

— Não estou não! Seu diarreia! — berrou Kim.

— Agora *chega* — disse Joanna, indo até a janela redonda e olhando através dela. Pete estava no chão, perto demais da TV, e Kim, de pé a seu lado,

com o rosto vermelho, continha-se para não chutá-lo. Ambos ainda estavam de pijama.

— Ela me chutou duas vezes — disse Pete.

— Você mudou de canal! Ele mudou de canal! — gritou Kim.

— Não mudei!

— Eu estava vendo o gato Félix!

— Silêncio! — ordenou Joanna. — Silêncio absoluto! Quero silêncio completo e total!

Eles a fitavam, Kim com os grandes olhos azuis de Walter, e Pete com os seus olhos escuros e graves.

"Enxote-os para um final fulminante!", gritava a televisão. "Não há eletricidade!"

— A: vocês estão muito perto da televisão — disse Joanna. — B: desliguem-na, e C: vão se vestir os dois. Aquela coisa verde lá fora é grama, e a coisa amarela ali em cima é o sol.

Pete levantou-se e, com um tapa no botão de controle, reduziu a imagem na tela a um ponto luminoso. Kim começou a chorar.

Joanna resmungou e foi até a sala de visitas.

Agachando-se, abraçou Kim pelo ombro, afagou-lhe as costas e beijou seus cachos sedosos.

— Ora, vamos, vamos — disse. — Você não quer ir brincar de novo com Allison? Ela é tão boazinha! Talvez veja outro esquilo.

Pete aproximou-se e afastou um pouco de seu cabelo. Ela olhou para ele e disse:

— Não mude os canais *dela*.

— Está bem — resmungou ele, enrolando um dedo no cabelo escuro.

— E *não dê pontapés* — disse ela para Kim, afagando-lhe as costas. Tentou beijar-lhe a face, mas Kim se esquivou.

Era a vez de Walter lavar os pratos. Pete e Kim brincavam tranquilamente no quarto de Pete. Assim, ela tomou um rápido chuveiro frio, vestiu um *short*, uma blusa, calçou tênis e escovou os cabelos. Deu uma espiada em Pete e Kim, enquanto prendia os cabelos: eles estavam sentados no chão, brincando com a estação espacial de Pete.

Ela se afastou silenciosamente e desceu a escada recém-atapetada. A noite estava agradável. Tudo finalmente já fora desempacotado, e ela se sentia limpa e animada, com alguns minutos livres — dez ou quinze, se tivesse sorte — para talvez se sentar com Walter lá fora e admirar suas árvores e seus dois acres de terreno.

Deu a volta ao longo do corredor. A cozinha estava impecável e a máquina de lavar pratos, funcionando. Walter, junto à pia, debruçava-se na janela, olhando na direção da casa dos Van Sant. Havia em sua camisa uma mancha Rorschach^[1] de suor: um coelho com as orelhas dobradas para fora. Ele se virou, surpreso, e sorriu.

— Há quanto tempo você estava aí? — perguntou, enxugando a mão na toalha.

— Acabo de chegar — disse ela.

— Você parece ter renascido.

— É assim que estou me sentindo. Eles estão brincando como anjos. Quer dar uma volta?

— OK — disse ele dobrando a toalha. — Mas só por alguns minutos. Vou conversar com Ted. — Pendurou a toalha no gancho. — Era por isso que eu estava olhando. Eles acabaram de comer agora mesmo.

— Sobre o que você vai conversar com ele?

— Eu ia lhe dizer — disse ele, enquanto andavam. — Mudei de ideia; vou entrar para a Associação Masculina.

Ela parou e o olhou.

— Existem muitas coisas importantes centralizadas na associação, para que eu simplesmente deixe de participar — continuou ele. — Política local, campanhas beneficentes, *etc.*

— Como é que você pode juntar-se a uma organização *tão* atrasada, *tão*

antiquada? — perguntou ela.

— Conversei com alguns de seus membros no trem. Ted, Vic Stavros e mais uns outros a quem me apresentaram. Eles concordam em que esse negócio de mulher-não-entra é mesmo ultrapassado. — Tomou-lhe o braço e continuaram a caminhar. — Mas a única maneira de mudar as coisas é tomar parte ativa. Então, vou ajudar a fazer isso. Sábado à noite, fico sócio. Ted vai dizer-me quem está em cada comitê. — Ofereceu-lhe um cigarro. — Você está fumando ou não esta noite?

— Ah, *fumando*! — disse ela, aceitando.

Eles se achavam na parte mais distante do pátio, sob um crepúsculo azul e agradável, ao som dos grilos, e Walter estendeu seu isqueiro para o cigarro de Joanna e depois para o seu.

— Olhe só este céu — disse ele. — Vale cada centavo que nos custou.

Ela ergueu os olhos. O céu estava azul-malva mesclado de azul-escuro. Olhou depois para o próprio cigarro.

— As organizações podem ser transformadas mesmo que se esteja fora delas — disse em seguida. — Podem-se fazer abaixo-assinados, piquetes...

— Mas é mais fácil estando dentro — retrucou Walter. — Você vai ver; se esses sujeitos com quem falei forem exemplos típicos, muito em breve essa vai ser uma associação de todo mundo. Pôquer misto, sexo na mesa de sinuca.

— Se esses homens com quem você falou fossem exemplos típicos, já seria uma associação para lodos. Mas, está bem, vá adiante e junte-se a eles; eu imaginarei *slogans* para os cartazes. Terei bastante tempo, quando as aulas começarem.

Ele colocou o braço em torno dos seus ombros e disse:

— Espere um pouco, se eles não admitirem mulheres dentro de seis meses, eu me desligo, e nós marcharemos juntos. Ombro a ombro. Sexo, sim; discriminação sexual, não.

— Stepford está fora de ritmo[2] — disse ela, tentando alcançar o cinzeiro, na mesa de piquenique.

— Nada mal.

— Espere até eu começar de verdade.

Terminaram seus cigarros e permaneceram de braços dados, olhando para o gramado amplo e escuro e para as árvores altas, negras contra o céu malva. Luzes brilhavam por entre os troncos das árvores: as janelas das casas da rua próxima, Harvest Lane.

— Robert Ardrey tem razão — disse Joanna. — Sinto-me muito territorial.

Walter olhou em direção à casa dos Van Sant e em seguida para seu relógio.

— Vou entrar e lavar-me — disse, e beijou-a no rosto.

Ela se virou, segurando-lhe o queixo, e beijou seus lábios.

— Vou ficar aqui fora alguns minutos — disse ela. — É só gritar, se eles começarem.

— OK — respondeu ele, dirigindo-se à porta da sala de estar.

Ela cruzou os braços e esfregou-os; a noite estava esfriando. Fechando os olhos, atirou a cabeça para trás e inspirou o ar puro, cheirando a grama e a árvores, delicioso. Seus olhos abriram-se, e ela viu uma única estrela brilhante, a um trilhão de quilômetros de distância.

— Estrela luzente, estrela brilhante — murmurou. Não recitou o resto, porém completou-o mentalmente.

Desejou que eles fossem felizes em Stepford. Que Pete e Kim se dessem bem na escola, e que ela e Walter encontrassem seus amigos e se realizassem. Que ele não se importasse com as viagens para o trabalho — de qualquer modo, a ideia da mudança partira dele. Que a vida dos quatro fosse enriquecida e não empobrecida, como reudara ao deixar a cidade — a cidade imunda, superpovoada, varrida pelo crime, embora tão palpitante.

Sons e movimentos fizeram com que ela se voltasse em direção à casa dos Van Sant.

Carol van Sant, uma silhueta escura contra o brilho da porta de sua cozinha, colocava a tampa na lata do lixo. Curvou-se até o chão, com o cabelo ruivo brilhando, e apanhou alguma coisa grande e redonda, uma pedra: colocou-a em cima da tampa.

— Alô! — exclamou Joanna.

Carol endireitou-se e a encarou; alta, de pernas longas, parecendo estar nua, emoldurada pelo roxo de seu vestido iluminado por trás.

— Quem está aí? — perguntou.

— Joanna Eberhart — respondeu Joanna. — Assustei-a? Sinto muito. — Caminhou em direção à cerca que separava sua propriedade da dos Van Sant.

— Alô, Joanna — disse Carol, com seu sotaque da Nova Inglaterra. — Não, você não me assustou. Está uma bela noite, não?

— Sim — concordou Joanna. — E acabei de desempacotar minhas coisas, o que a torna ainda mais bela. — Era obrigada a falar alta; Carol permanecera na porta, longe demais para uma conversa à vontade, apesar de ela própria já estar no canteiro de flores, perto da cerca. — Kim divertiu-se muito com Allison esta tarde — continuou ela. — Elas se dão muito bem.

— Kim é um amor de menina — disse Carol. — Estou contente por Allison ter uma amiga tão boa, bem na vizinhança. Boa noite, Joanna. — Virou-se para entrar.

— Ei, espere um pouco! — exclamou Joanna.

Carol voltou-se.

— Sim? — disse.

Joanna desejou que tanto o canteiro quanto a cerca não estivessem ali, para que ela pudesse aproximar-se mais, ou então, diabo, que Carol viesse mais para perto. O que poderia haver de tão importante naquela cozinha iluminada por luz fluorescente, com painéis de cobre penduradas?

— Walter vai falar com Ted hoje — disse ela, em voz alta, para a silhueta aparentemente nua de Carol. — Depois que você tiver colocado as crianças para dormir, por que não vem até aqui, tomar uma xícara de café comigo?

— Obrigada, eu gostaria — disse Carol —, mas é que tenho de encerrar o chão da sala de visitas.

— *Hoje à noite?*

— Até as aulas começarem, só posso fazer isso durante a noite.

— Bem, mas isso não poderia esperar? Faltam só três dias.

Carol sacudiu a cabeça.

— Não, eu já adiei isso por muito tempo. Está tudo arranhado, e, além do mais, Ted irá até a Associação Masculina mais tarde.

— Ele vai todas as noites?

— Quase todas.

— Deus meu! E você fica em casa trabalhando?

— Sempre há uma coisa ou outra para ser feita — disse Carol, — Sabe como é. Agora, tenho de terminar a arrumação da cozinha. Boa noite.

— Boa noite — respondeu Joanna, vendo Carol, de perfil, com um busto grande demais, entrar em sua cozinha e fechar a porta. Ela reapareceu quase instantaneamente na janela acima da pia, ajustando a torneira, apanhando alguma coisa e esfregando-a. Seu cabelo vermelho estava arrumado e brilhante. O rosto, de nariz afilado, parecia pensativo (e, maldito seja, *inteligente*); seus grandes seios roxos balançavam, enquanto ela esfregava algo.

Joanna retornou ao pátio. Não, ela *não* sabia como eram as coisas, graças a Deus. Ser como ela, uma doméstica convicta, nunca. Quem poderia criticar Ted por se aproveitar de uma bobalhona que estava pedindo para ser explorada?

Ela poderia criticá-lo, isso sim.

Walter deixou a casa, vestindo um casaco leve.

— Acho que não me demorarei mais que uma hora — disse ele.

— Essa Carol van Stant é incrível — disse ela.

— Não pode vir tomar café comigo porque tem que encerrar a sala de visitas. Ted vai para a Associação Masculina todas as noites e ela fica em casa, *fazendo trabalhos domésticos*.

— Meu Deus! — exclamou Walter, sacudindo a cabeça.

— Perto *dela* — continuou Joanna —, minha mãe parece Kate Millet (líder feminista (N. do T.)).

Ele riu.

— Até logo — disse. Beijou-lhe o rosto e saiu para o pátio.

Ela olhou novamente para sua estrela, agora mais brilhante. Mentalmente, disse para si mesma: "*Comece a trabalhar, você aí*", e entrou.

No sábado de manhã, os quatro saíram juntos, depois de ajustarem o cinto de segurança da camioneta nova e impecável. Joanna e Walter usavam óculos escuros; conversavam sobre lojas e compras, enquanto Pete e Kim subiam e

desciam o vidro das janelas, até que Walter mandou que parassem. O dia estava claro e muito límpido, um sinal do outono. Dirigiram-se para o centro de Stepford (lojas com fachadas coloniais, belas como num cartão-postal) para usar um carnê de descontos de ferragens e artigos de farmácia; em seguida, para o sul, na Rodovia 9, até uma grande galeria nova — carnês de desconto para sapatos de Pete e Kim (que ansiedade!) e nenhum desconto para o equipamento de ginástica; depois, para leste, na Eastbridge Road, até o Mac-Donalds (*big macks e milk shakes* de chocolate); e um pouco mais para leste, para procurar antiguidades (uma mesa octogonal e nenhum documento antigo); e finalmente para o norte, sul, leste e oeste, até a Stepford-Anvil Road, a Cold Creek Road, Hunnicutt, Beavertail, Burgess Ridge — para mostrar a Pete e a Kim (Joanna e Walter já haviam visto tudo enquanto procuravam casa) sua nova escola, e as escolas que iriam frequentar mais tarde, um sistema de incineração não poluidor, que ninguém, do lado de fora, jamais adivinharia o que era, e as áreas para piquenique, onde havia uma piscina pública em construção. Joanna cantou *Good morning, starshine* a pedido de Pete, e todos cantaram a *MacNamara's Band*, cada um imitando um instrumento diferente na parte final. Kim vomitou, com aviso prévio suficiente, contudo, para que Walter parasse, desapertasse seu cinto de segurança e a tirasse da camioneta ainda a tempo (graças a Deus).

Isso arrefeceu os ânimos. Resolveram voltar através do centro de Stepford, lentamente, pois Pete disse que talvez também vomitasse. Walter mostrou o prédio branco da biblioteca e a estrutura branca da casa de campo, de duzentos anos, onde ficava a Sociedade Histórica.

Olhando para cima, através da janela do carro, Kim cuspiu um *drops* já bem chupado e perguntou:

— O que é aquela casa grande ali?

— É a sede da Associação Masculina — explicou Walter.

Pete esticou-se até o limite permitido por seu cinto de segurança e agachou-se para ver.

— É lá que você vai hoje à noite? — perguntou.

— É — respondeu Walter.

— Como é que se chega ali?

— Existe um caminho, mais adiante, na colina.

Eles se encontravam atrás de um caminhão em cuja carroceria ia um homem de roupa cáqui, de pé, com os braços estendidos para o lado. Seus cabelos eram castanhos, ele tinha um rosto magro, comprido, e usava óculos.

— Aquele é Gary Claybrook, não é? — perguntou Joanna.

Walter deu uma buzina rápida e acenou com o braço para fora da janela. Seu vizinho da frente abaixou-se para olhá-los, sorriu, acenou e agarrou-se ao caminhão. Joanna sorriu e acenou. Kim gritou: — Alô, sr. Claybrook!

Pete berrou:

— Onde está Jeremy?

— Ele não consegue ouvi-lo — disse Joanna.

— Eu queria poder dirigir um caminhão daquele jeito! — disse Pete.

Kim falou em seguida:

— Eu também!

O caminhão arrastava-se e gemia, lutando contra a curva íngreme. Gary Claybrook sorria para eles. O caminhão estava carregado até a metade com pequenas caixas.

— O que é que ele está fazendo? Serão? — perguntou Joanna.

— Não, se é que ele trabalha tanto quanto Ted me conta — disse Walter.

— Hein?

— O que é serão? — perguntou Pete.

As luzes do freio do caminhão acenderam-se; ele parou, com a seta da esquerda piscando.

Joanna explicou o que era serão.

Um carro passou voando colina abaixo, e o caminhão começou a mover-se pela pista da esquerda.

— O caminho é este? — perguntou Pete. Walter assentiu, dizendo:

— Sim, senhor, é este mesmo.

Kim abaixou mais o vidro, gritando:

— Alô, sr. Claybrook!

Ele acenou quando eles o ultrapassaram.

Pete soltou o fecho do cinto de segurança e ajoelhou no banco do carro.

— Posso ir lá qualquer dia? — perguntou, olhando para trás.

— Mm-mmm, sinto muito — disse Walter. — É proibida a entrada de crianças.

— Rapaz, que cerca enorme eles têm! — disse Pete. — Igual à do Hogan's Heroes!

— É para manter as mulheres de fora — disse Joanna, olhando para a frente, com a mão na armação de seus óculos escuros.

Walter sorriu.

— Verdade? — perguntou Pete. — É para isso que ela serve?

Pete tirou o cinto — disse Kim.

— Pete! — disse Joanna.

Dirigiram-se até a Norwood Road e então viraram à esquerda, na Wínter Hill Drive.

Ela não pretendia fazer mais nenhum trabalho doméstico por uma questão de princípios. Não que não houvesse nada para ser feito, e algumas coisas ela realmente queria fazer, como arrumar a estante de livros da sala de estar, mas não nessa noite. Não, senhor. Isso poderia muito bem esperar. Ela não era Carol van Sant e tampouco Mary Ann Stavros — que ela vira empurrando um aspirador de pó, ao baixar uma persiana no quarto de Pete.

Não, senhor. Walter entrara para a Associação Masculina; muito bem; ele *precisava* ir lá para participar, e teria de fazê-lo uma ou duas vezes por semana, a fim de transformá-la. Mas, enquanto ele estivesse lá (pelo menos nessa primeira vez), ela não faria nenhum trabalho doméstico além daqueles que ele faria quando ela estivesse fora, em algum lugar — o que iria acontecer na primeira noite de luar: ela iria até o centro tirar algumas fotografias, com tempos variados de exposição, das fachadas coloniais. (Os vidros irregulares da loja de ferragens talvez refletissem a lua de uma forma interessante.) Assim, logo que Pete e Kim

pegaram no sono, ela desceu até o porão, tirou algumas medidas e fez alguns planos na despensa, que iria ser sua câmara escura. Depois voltou para cima, deu uma olhada em Pete e Kim e preparou uma vodca-tônica, que bebeu na saleta. Ligou o rádio. Tocava uma melodia um tanto água-com-açúcar, mas agradável, do tipo Richard-Rodgers. Afastou cuidadosamente os contratos e as coisas de Walter do centro da escrivaninha, de onde retirou sua lente, o lápis vermelho e as provas de suas fotografias, tiradas apressadamente antes de partir da cidade. A maioria delas não era boa, como suspeitara quando as tirou — ela nunca fazia algo bem quando estava apressada —, mas encontrou uma que realmente a animou, um instantâneo de um negro bem-vestido, com uma maleta, que olhava com raiva para um táxi vazio que acabava de passar por ele. Se sua expressão fosse bem ampliada e ela escurecesse o fundo, para destacar a sombra do táxi, a fotografia poderia chamar a atenção — talvez a agência pudesse utilizá-la. Havia um bom mercado para fotografias que dramatizassem os problemas raciais.

Fez um asterisco vermelho ao lado da prova e continuou a procurar outras que fossem boas, ou pelo menos razoáveis. Lembrou-se da vodca-tônica e tomou um gole.

Às onze e meia, sentiu-se cansada e guardou suas coisas do seu lado da escrivaninha, recolocando os pertences de Walter no lugar onde estavam antes. Desligou o rádio e levou o copo para a cozinha, onde o lavou. Inspeccionou as portas, apagou as luzes — à exceção da do vestíbulo — e foi para cima.

O elefante de Kim estava no chão. Ela o apanhou e enfiou-o sob o cobertor, ao lado do travesseiro; puxou então o cobertor até os ombros de Kim. Em seguida, acariciou-lhe os cachos muito suavemente.

Pete, deitado de costas, com a boca aberta, estava exatamente na mesma posição de antes, quando ela o olhara.

Esperou até que seu peito se movesse e, então, abrindo a porta um pouco mais, apagou a luz do corredor e foi para o seu quarto.

Despiu-se, enrolou os cabelos, tomou uma chuveirada, passou creme no rosto, escovou os dentes e deitou-se.

Vinte para a meia-noite. Apagou o abajur.

Deitada de costas, esticou a perna e o braço direitos. Sentia falta de Walter a seu lado, mas o espaço extra de lençol macio e fresco era bem agradável. Quantas vezes ela fora sozinha para a cama desde que haviam se casado? Não

muitas: as noites em que ele estivera fora da cidade, tratando dos negócios de Marburg-Donlevy; as vezes em que ela fora para o hospital com Pete e Kim; a noite da falta de luz; o dia em que ela fora ao enterro do tio Bert — talvez vinte ou vinte e cinco vezes ao todo, em dez anos e pouco. Não era uma sensação tão desagradável. Por Deus, aquilo a fazia sentir-se novamente como Joanna Ingalls. Lembrava-se dela?

Perguntou-se se Walter estaria enchendo a cara. Aquilo que havia no caminhão em que Gary Claybrook viajava era bebida (ou as caixas seriam muito pequenas para bebidas?). Mas Walter fora no carro de Vic Stavros: então, que enchesse a cara. Não que isso fosse provável; ele o fazia muito raramente. E se Vic Stavros tomasse um porre? As curvas fechadas da Norwood Road... droga, por que se preocupar?

A cama se sacudia. Ela estava no escuro, olhando para a escuridão da porta aberta do banheiro e o brilho das maçanetas do armário, e a cama continuava se sacudindo, num ritmo lento e contínuo, cada movimento acompanhado de um fraco ranger de molas; de novo, outra vez, e ainda uma vez. Era Walter que se sacudia! Ele estava com febre! Ou seria *delirium tremens*? Ela se virou e, apoiada em um braço, fitou-o, tentando alcançar sua testa. O branco de seus olhos a olhou e desviou-se imediatamente; ele se voltou para o outro lado. A elevação do cobertor, na altura da sua virilha, desapareceu, sendo substituída pela forma de seus quadris. A cama imobilizou-se.

Será que ele estava se masturbando?

Ela não sabia o que dizer.

Sentou-se.

— Pensei que você estivesse com *delirium tremens* — disse ela. — Ou com febre.

Ele permanecia imóvel.

— Não quis acordá-la — disse ele. — Já são mais de duas horas.

Ela ficou sentada, prendendo a respiração.

Ele continuava imóvel a seu lado, sem dizer nada.

Joanna olhou para o quarto, para as janelas e os móveis na penumbra da luz

fraca da arandela do banheiro de Pete e Kim. Ajeitou o cabelo e passou a mão no ventre.

— Você poderia ter me acordado — disse ela. — Eu não teria me importado.

Ele não disse nada.

— Puxa, você não precisa fazer *isso*! — insistiu ela.

É que eu não queria acordá-la — repetiu ele. — Você estava dormindo tão profundamente!

— Bem, da próxima vez, acorde-me.

Ele se virou. Nenhuma elevação.

— Você...

— *Não*...

— Ah! Bem — Bem — sorriu para ele —, estou acordada agora. — Deitou-se ao seu lado, voltou-se para ele e pôs o braço à sua volta; ele se virou. Abraçaram-se. Ele estava com gosto de uísque.

Acabou sendo uma das melhores vezes para eles — para Joanna, pelo menos.

— Puxa — disse ela, voltando do banheiro —, ainda estou fraca!

Ele sorriu para ela, sentado na cama, fumando.

Ela se deitou, aninhando-se confortavelmente em seus braços, colocando a mão dele sobre o seio.

— O que fizeram eles? — perguntou. — Passaram filmes pornográficos ou algo semelhante?

Walter sorriu.

— Não tenho tanta sorte. — Colocou seu cigarro nos lábios dela e ela deu uma tragada. — Eles me levaram oito e meio no pôquer e encheram meus ouvidos com as más intenções do Departamento de Zoneamento, que quer refazer a Eastbridge Road.

— Tive medo que você estivesse enchendo a cara.

— Eu? Dois uísques. Eles não são de beber muito. E *você*, o que fez?

Ela lhe contou, e também a respeito de suas esperanças com relação à fotografia do negro. Ele lhe falou sobre alguns dos homens que conhecera: o pediatra recomendado pelos Van Sants e pelos Claybrooks; o desenhista, que era a maior celebridade de Stepford; dois advogados, um psiquiatra, o chefe de polícia e o gerente do Mercado Central.

— O psiquiatra deveria ser a favor da admissão de mulheres — comentou ela.

— E é — disse Walter. — E o dr. Verry também. Não sondei nenhum dos outros: não queria me destacar como um ativista logo em minha primeira visita.

— Quando é que você vai de novo? — perguntou ela, temendo repentinamente (por quê?) que ele respondesse "amanhã".

— Não sei. Escute, não vou fazer daquilo a minha vida, como Ted e Vic. Irei dentro de uma semana, mais ou menos, acho eu; não sei. Na verdade, aquilo lá é meio provinciano.

Ela sorriu e aproximou-se mais dele.

Joanna já tinha descido cerca de um terço da escada, tateando com os pés e carregando o cesto de roupas na altura do rosto por causa do maldito corrimão, quando — imagine só — o telefone duplamente maldito tocou.

Não podia abaixar o cesto, pois cairia, e não havia espaço suficiente para que ela se virasse e voltasse para cima; assim, continuou descendo devagar, tateando com o pé e dizendo mentalmente "já vou, já vou" para a insistente campainha do telefone.

Chegou embaixo, colocou o cesto no chão e foi tropeçando até a escrivaninha da saleta.

— Alô — disse ela, expressando o que sentia, sem acrescentar gentileza alguma.

— Alô, é Joanna Eberhart quem está falando? — A voz era alta, alegre e roufenha; parecia com a de Peggy Clavenger. Mas Peggy Clavenger estava no Paris Match desde a última vez em que ouvira falar dela. Nem mesmo sabia se ela havia se casado, muito menos onde morava.

— Sim. Quem está falando?

— Nós ainda não fomos apresentadas formalmente — disse a voz, que não era de Peggy Clavenger —, mas eu o farei agora mesmo. Bobbie, eu gostaria de apresentá-la a Joanna Eberhart. Joanna, eu gostaria que você conhecesse Bobbie Markowe — "Kowe". Bobbie já mora aqui, nesta terra de Ajax, há cinco semanas, e gostaria de conhecer a fotógrafa amadora interessada em política e no Movimento de Liberação da Mulher. Esta é você, Joanna, de acordo com o *Stepford Chronicle*, ou *Doente Crônico*, dependendo de seu conceito de jornalismo. Será que eles a descreveram com precisão? É verdade que você não está mesmo interessada em saber se os sabões cor-de-rosa são melhores do que os sabões azuis ou vice-versa? Será que nem mesmo o melhor lustra-móveis a excita? Alô? Você ainda está aí, Joanna? Alô?

— Alô — disse Joanna. — Sim, estou aqui ainda. E como! Alô! Puxa, vale a pena mesmo fazer propaganda!

— Que ótimo ver uma cozinha bagunçada! — disse Bobbie. — Não chega a se comparar com a minha. Você não tem marcas de mãos com pasta de amendoim nos armários, mas está bem, está muito bem. Parabéns!

— Eu poderia lhe mostrar alguns banheiros caindo aos pedaços, se você quisesse — disse Joanna.

— Obrigada. Só quero tomar café.

— Serve solúvel?

— Você quer dizer que existe algo mais?

Ela era baixa, tinha um grande traseiro, vestia blusa de malha azul com um Snoopy desenhado, *jeans* e sandálias. Sua boca era grande e seus dentes, de um branco fora do comum. Tinha olhos azuis e grandes, que devoravam tudo, e cabelos escuros, curtos e irregulares. Mãos pequenas e dedões dos pés sujos. E um marido chamado Dave, que era corretor da Bolsa; três filhos, de dez, oito e seis anos. Um velho cão pastor inglês e um corgi (Pequeno cão do País de Gales (N. do T.)). Parecia ser um pouco mais jovem que Joanna, devendo ter trinta e dois ou trinta e três anos no máximo. Bebeu duas xícaras de café, comeu um biscoito e falou a Joanna sobre as mulheres de Fox Hollow Lane.

— Estou começando a achar que existe um concurso nacional do qual ainda não ouvi falar — disse ela, lambendo o chocolate da ponta dos dedos. — Um

milhão de dólares e Paul Newman para a casa mais limpa até o próximo Natal. Quero dizer que é só esfrega, esfrega, *esfrega*; encera, encera, *encera*...

— É a mesma coisa por aqui — disse Joanna. — Até durante a noite. E todos os homens...

— A Associação Masculina! — gritou Bobbie.

Conversaram a esse respeito — sobre a antiquada injustiça em matéria de sexo, verdadeira *injustiça*, numa cidade sem nenhuma organização feminina, nem mesmo uma liga de eleitoras.

— Acredite-me, passei esse lugar a pente fino — disse Bobbie. — Existe o Clube de Jardinagem e uns poucos grupos de velhas carolas, para os quais eu não poderia me candidatar mesmo, pois Markowe quer dizer "o que se move em escala ascendente", e vem de Markowitz. E existe a Sociedade Histórica, absolutamente sem diferenças de sexo. Dê um pulo até lá para cumprimentar o pessoal. Cadáveres em posição de gente viva.

Dave pertencia à Associação Masculina e, como Walter, acreditava poder mudá-la de dentro para fora. Bobbie, porém, duvidava disso.

— Você vai ver, teremos de nos acorrentar à cerca antes que algo aconteça. O que é que você acha daquela cerca? A gente poderia imaginar que eles estão refinando ópio!

Conversaram sobre a possibilidade de organizar uma reunião com algumas de suas vizinhas, uma sessão para sacudi-las e fazerem-nas ver que havia papéis mais ativos a serem desempenhados na vida da cidade; concordaram, entretanto, em que as mulheres que haviam conhecido não iriam receber bem nem mesmo o menor passo rumo à sua independência. Falaram sobre a Organização Nacional das Mulheres, da qual ambas faziam parte, e sobre as fotografias de Joanna.

— São ótimas — disse Bobbie, olhando para as quatro ampliações emolduradas que Joanna havia pendurado na saleta. — São *fabulosas* mesmo!

Joanna agradeceu.

— Fotógrafa amadora! Pensei que você usasse a Polaroid das crianças! Estas estão *maravilhosas*!

— Agora que Kim está no jardim de infância é que vou começar a trabalhar de fato — disse Joanna.

Acompanhou Bobbie até o carro.

— Não, maldição! — disse Bobbie. — Pelo menos temos de tentar. Vamos falar com essas *bausfraus* (“Donas-de-casa”. Em alemão no original. (N. do E.)), deve haver algumas que se resentem um pouquinho da situação. O que é que você acha? Não seria bom se conseguíssemos reunir um grupo e, talvez, até mesmo abrir aqui uma sede da Organização Nacional de Mulheres e, mais tarde, dar um tranco na Associação Masculina? Dave e Walter estão se iludindo; aquilo lá não vai mudar, a menos que se force isso; organizações de gente com barriga cheia nunca mudam. O que acha, Joanna? Vamos perguntar por aí.

Joanna anuiu:

— Devíamos mesmo — disse ela. — Nenhuma delas deve estar tão feliz quanto aparenta.

Foi falar com Carol van Sant.

— Ah, não, Joanna — disse Carol. — Isso não parece o tipo de coisa pela qual eu me interessaria. Mas obrigada por me procurar. — Estava limpando a divisória de plástico no quarto de Stacy e Allison, secando uma parte das dobras sanfonadas com movimentos descendentes, firmes, usando uma grande esponja amarela.

— Seria somente por algumas horas — explicou Joanna. — Durante a noite ou, então, no horário das aulas, se for mais conveniente para todas.

Carol, agachando-se para secar a parte inferior da divisória, disse:

— Lamento, mas é que simplesmente não tenho muito tempo para esse tipo de coisa.

Joanna fitou-a um momento:

— Não a perturba o fato de a única organização de Stepford, em termos de projetos para a comunidade, ser interdita às mulheres? Isso não lhe parece um pouco arcaico?

— Ar-cai-co? — perguntou Carol, espremendo a esponja num balde de água com espuma.

Joanna olhou-a.

— Atrasado, antiquado — disse ela.

Carol espremeu a esponja no balde.

— Não, não me parece arcaico. — Levantou-se para alcançar as dobras seguintes. — Ted está mais preparado do que eu para esse tipo de coisa — acrescentou, principiando a secar as dobras com golpes firmes, cada um completando impecavelmente o anterior. — E os homens precisam de um lugar onde possam descansar e tomar um drinque ou dois.

— E as mulheres, não?

— Não, não tanto. — Carol sacudiu a cabeça de cabelos vermelhos, bem arrumados como num comercial de xampu, sem se desviar da limpeza. — Sinto muito, Joanna. Simplesmente não tenho tempo para reuniões.

— OK — disse Joanna. — Se mudar de ideia avise-me.

— Você se incomodaria se eu não a acompanhasse até lá embaixo?

— Não, claro que não.

Ela falou com Barbara Chamalian, do outro lado da casa dos Van Sants.

— Obrigada, mas não sei como poderia me arranjar — disse Barbara. Era uma mulher de queixo quadrado, cabelos castanhos, e usava um confortável vestido cor-de-rosa, que moldava um corpo excepcionalmente bonito. — Lloyd fica muito tempo na cidade e, à noite, gosta de ir até a Associação Masculina. Eu detestaria ter de pagar uma babá só para...

— Poderia ir no horário da escola — disse Joanna.

— Não — disse Barbara. — Acho melhor você não contar comigo. — Sorriu, um sorriso amplo e atraente ... — Mas estou contente por tê-la conhecido. Gostaria de entrar e sentar-se um pouco? Estou passando roupa.

— Não, obrigada — disse Joanna. — Quero falar com mais algumas mulheres.

Falou com Marge McCormick ("Francamente, acho que não estaria interessada nisso"), Kit Sundersen ("Receio não ter tempo; sinto muito, sra. Eberhart") e Dona Claybrook ("É uma boa ideia, mas estou tão ocupada estes dias! Mesmo assim, obrigada por convidar-me").

Encontrou Mary Ann Stavros numa ala do Mercado Central.

— Não, acho que não tenho tempo para algo desse tipo. Há tanta coisa para fazer em casa! Você bem sabe.

— Mas você sai *algumas vezes*, não? — perguntou Joanna.

— Claro que sim — disse Mary Ann. — Estou saindo agora, não estou?

— Eu quero dizer *sair*. Para relaxar.

Mary Ann sorriu e sacudiu a cabeça, balançando as camadas de seus cabelos louros e lisos.

— Não, não frequentemente — disse ela. — Não tenho necessidade de lazer. Até a vista. — E foi embora, empurrando seu carrinho de compras; parou, pegou uma lata numa prateleira, examinou-a, colocou-a no carrinho e prosseguiu.

Joanna seguiu-a com o olhar, procurando observar depois o carrinho de uma outra mulher, que passara vagarosamente por elas. "Meu Deus", pensou, "até mesmo os seus carrinhos elas enchem ordenadamente!" Olhou para o seu: um amontoado de pacotes, latas e potes. Um sentimento de culpa impeliu-a a arrumá-lo, mas quero me danar se vou arrumá-lo!", pensou ela; agarrou uma caixa de sabão em pó da prateleira e atirou-a dentro do carrinho. Nem mesmo precisava da maldita coisa!

Falou com a mãe de um dos colegas de Kim, na sala de espera do consultório do dr. Verry, com Yvonne Weisgalt, do outro lado da casa dos Stavros, e com Jill Burke, na casa seguinte. Todas se recusaram: ou tinham muito pouco tempo ou muito pouco interesse em reunir-se com as outras mulheres, e falar sobre as experiências que compartilhavam.

Bobbie teve mais azar ainda, considerando-se que falou com o dobro de mulheres.

— Uma adepta — disse ela a Joanna. — Viúva de oitenta e cinco anos, que me arrastou pela sua porta adentro e me manteve prisioneira de um chuveiro de saliva por uma hora inteira. A qualquer momento que nós estejamos prontas para atacar a Associação Masculina, Eda Mae Hamilton estará preparada e disposta.

— É melhor mantermos contato com ela — disse Joanna.

— Ah, não, ainda não terminamos!

Passaram uma semana indo juntas falar com as mulheres, seguindo a teoria

(de Bobbie) de que as duas, falando de ambiguidades planejadas, poderiam criar a sugestão encorajadora de uma falange de mulheres com lugar para mais uma. Não deu certo.

— Meu Deus! — disse Bobbie, entrando perigosamente com o carro pela Short Ridge Hill acima. — Algo de podre está acontecendo por aqui! Estamos numa cidade esquecida pelo tempo!

Uma tarde, Joanna deixou Pete e Kim aos cuidados de Melina Stavros, de dezesseis anos de idade, e tomou o trem para a cidade, onde se encontrou com Walter e seus amigos Shep e Sylvia Tackover, num restaurante italiano, situado no bairro dos teatros. Foi bom ver Shep e Sylvia de novo; eles formavam um casal brilhante, feio e cheio de energia, que havia sobrevivido a vários golpes rudes, inclusive a morte por afogamento de um filho de quatro anos de idade. Também era bom estar novamente na cidade. Joanna devorava o colorido e a agitação do movimentado restaurante.

Ela e Walter falaram entusiasticamente sobre a beleza e a tranquilidade de Stepford, e sobre as vantagens de morar em casa e não em apartamento. Ela nada disse a respeito de como as mulheres de Stepford se concentravam no lar, ou sobre a ausência de atividade extradoméstica. Seria vaidade, supôs; e falta de vontade de tornar-se objeto de comiseração, mesmo para Shep e Sylvia. Falou-lhes sobre Bobbie e do quanto era divertida, e sobre as escolas de Stepford, boas e sem muita gente. Walter não trouxe à baila a Associação Masculina, e tampouco ela. Sylvia, que era da Administração de Habitação e Desenvolvimento da cidade, teria tido um ataque.

Contudo, enquanto caminhavam para o teatro, Sylvia deu-lhe um olhar perspicaz e observador, e perguntou:

— Uma adaptação difícil?

— De certa forma — respondeu Joanna.

— Você vai superá-la — disse Sylvia, sorrindo para ela.

— Como vai a fotografia? Deve ser muito bom para você lá, encarando tudo com um novo olhar.

— Ainda não fiz droga nenhuma — disse ela. — Bobbie e eu estivemos percorrendo as redondezas, tentando incentivar algumas atividades feministas. Para dizer a verdade, aquilo lá é meio atrasado.

— Percorrer e incentivar não é trabalho seu — disse Sylvia. — Fotografar, sim, ou pelo menos deveria ser.

— Eu sei. Qualquer dia desses o bombeiro irá instalar a pia na câmara escura.

— Walter parece estar muito bem.

— Sim, está. Na verdade, não é uma vida tão ruim!

A peça, um sucesso musical da temporada anterior, foi uma decepção. Voltando para casa de trem, depois de terem massacrado a peça, Walter colocou os óculos e começou a trabalhar em alguns papéis que tinha de rever; Joanna folheou a *Time* e, em seguida, ficou olhando pela janela e fumando, vendo a escuridão e uma ou outra luz que passava por ela.

Sylvia tinha razão: seu trabalho era a fotografia. Para o inferno com as mulheres de Stepford. Com exceção de Bobbie, é claro.

Os dois carros estavam na estação, e, assim, eles foram obrigados a ir para casa separados. Joanna ia na frente com a camioneta, e Walter a seguia no Toyota. O centro estava deserto como um cenário, sob os três postes iluminados — sim, ela poderia bater algumas chapas *antes* que a câmara escura estivesse pronta —, havia faróis e janelas iluminadas lá em cima, na Associação Masculina, e um carro parado, esperando para sair da estrada lateral que vinha de lá.

Melinda Stavros bocejava, mas sorria. Pete e Kim estavam em suas camas, dormindo profundamente.

Na sala de visitas, havia copos de leite vazios e pratos na mesinha do abajur; bolas de papel amassado no sofá e no chão, à sua frente, e uma garrafa de refrigerante vazia entre as bolinhas de papel.

"Pelo menos, elas não transmitem a doença para as filhas", pensou Joanna.

Na terceira vez em que Walter foi para a Associação Masculina, voltou cerca das nove horas e disse a Joanna que estava trazendo para casa o pessoal do Comitê de Novos Projetos, para o qual havia sido indicado na vez anterior. Algumas obras estavam sendo feitas na casa (ela podia ouvir o ruído das máquinas, ao fundo), e eles não conseguiam encontrar um canto sossegado onde pudessem se sentar e conversar.

— Ótimo — disse ela. — Vou tirar o resto da minha tralha do quarto escuro, para que vocês possam ficar à vontade.

— Não, escute — disse ele. — Fique conosco lá em cima, e participe da conversa. Alguns deles insistem em conversas-só-para-homens, mas não lhes fará mal algum ouvir uma mulher fazer comentários inteligentes. Sei que você os fará.

— Obrigada. Será que eles não se importam?

— A casa é nossa.

— Você tem certeza de que não está procurando uma garçonete?

Ele riu.

— Deus meu, não se consegue enganá-la mesmo. OK, você me pegou. Mas quero uma garçonete inteligente, está certo? Você faria isso? Poderia realmente ser muito bom.

— OK. Dê-me quinze minutos, e eu posso até mesmo ser uma garçonete inteligente e *bonita*; que tal isso como colaboração?

— Fantástico! Inacreditável!

Havia cinco homens. Um deles, baixo, de rosto alegre e vermelho, com cerca de sessenta anos e um bigode terminando em pontas, era Ike Mazzard, o desenhista. Joanna, apertando sua mão calorosamente, disse: — Não estou certa se gosto de você; estragou minha adolescência com aquelas suas garotas espetaculares!

Rindo, ele respondeu:

— Você deve ter combinado muito bem com elas.

— Você apostaria nisso? — perguntou.

Os outros quatro estavam todos no final dos trinta ou já nos quarenta anos. O alto, de cabelos pretos, de uma arrogância tranquila, era Dale Coba, presidente da associação. Sorriu para ela, com os olhos verdes que a desprezavam, e disse: — Alô, Joanna, é um prazer. — "Um dos renitentes exclusivistas", pensou ela; "as mulheres são feitas para a cama." Sua mão era suave e frouxa.

Os outros eram Anselm ou Axhelm, Sundersen, Roddenberry.

— Conheci sua mulher — disse ela a Sundersen, que era pálido e barrigudo, de aspecto nervoso. — Se é que vocês são os Sundersen do outro lado.

— Você a conheceu? Sim, somos nós. Somos os únicos em Stepford.

— Eu a convidei para uma reunião, mas ela não pôde ir.

— Ela não é muito sociável. — Os olhos de Sundersen se dirigiam para outro lugar, não para ela.

— Desculpe, mas não entendi seu primeiro nome — disse ela.

— Herb — disse ele, desviando o olhar.

Ela acompanhou todos até a sala de estar, foi para a cozinha buscar gelo e soda e os levou para Walter, no bar.

— Inteligente? Bonita? — perguntou ela, e ele sorriu em resposta. Ela voltou para a cozinha e encheu umas tigelas de batatas fritas e amendoim.

Não houve qualquer objeção por parte do círculo de homens quando ela, segurando o copo, disse:

— Posso? — e instalou-se na extremidade do sofá que Walter lhe havia reservado. Ike Mazzard e Anselm levantaram-se e os outros fizeram menção de levantar-se, com exceção de Dale Coba, que permaneceu sentado, comendo amendoins, olhando para ela por sobre a mesinha com os olhos verdes, depreciativos.

Eles estavam conversando sobre o projeto de brinquedos para o Natal e o de preservação da paisagem. O nome de Roddenberry era Frank, e ele tinha um rosto agradável, com um nariz achatado e um queixo azulado, e era um pouco gago; e Coba tinha um apelido — Diz — que não lhe caía bem. Eles discutiam se naquele ano não deveriam colocar decoração de Chanukah (É o equivalente judaico do Natal (N. do T.)), além de um presépio no centro, agora que havia um número considerável de judeus na cidade. Conversaram sobre ideias para novos projetos.

— Posso dizer alguma coisa? — perguntou ela.

— Claro — disseram Frank Roddenberry e Herb Sundersen.

Coba estava reclinado em sua cadeira, olhando para o teto (depreciativamente, sem dúvida), com as mãos atrás da cabeça e as pernas esticadas.

— Vocês acham que seria possível organizar algumas palestras noturnas para adultos? — perguntou ela. — Ou debates entre pais e adolescentes? Num dos auditórios da escola?

— Sobre que assuntos? — perguntou Frank Roddenberry.

— Qualquer assunto de interesse geral — disse ela. — A questão dos tóxicos, em que todos nós estamos interessados, mas que o *Chronicle* parece varrer para baixo do tapete; o que vem a ser o *rock'n roll*... não sei, *qualquer coisa* que fizesse com que as pessoas saíssem para ouvir e falar umas com as outras.

— Isso é interessante — disse Claude Anselm, ou Axhelm, curvando-se para a frente, cruzando as pernas e coçando a testa. Ele era magro e louro; tinha olhos brilhantes e era agitado.

— E talvez fizesse com que as mulheres saíssem também — disse ela. — Caso vocês não saibam, esta cidade é uma catástrofe para as babás.

Todos riram, e ela se sentiu bem à vontade. Sugeriu outros tópicos possíveis para os debates, e Walter acrescentou alguns, assim como Herb Sundersen. Outras ideias para novos projetos foram trazidas à baila; ela participou dessas conversas, e os homens (com exceção de Coba, maldito seja) prestaram atenção nela — Ike Mazzard, Frank, Walter, Claude e até mesmo Herb olhavam-na de frente — e assentiam e concordavam com ela, ou a interrogavam pensativamente, e ela se sentiu muito bem mesmo, enfrentando suas perguntas com inteligência e bom senso. *Ao ataque, Gloria Steinem!*

Para sua surpresa e embaraço, ela percebeu que Ike Mazzard fazia uns esboços dela. Sentado em sua cadeira (ao lado de Dale Coba, ainda olhando para o teto), ele desenhava com caneta azul num caderno de notas, sobre os joelhos de listras elegantes, olhando para ela e para o seu desenho.

Ike Mazzard *desenhando-a!*

Os homens tornaram-se silenciosos. Olhavam para as suas bebidas, mexiam os cubos de gelo.

— Ei! — disse ela, mudando de posição e sorrindo sem graça. — Não sou nenhuma garota de Ike Mazzard.

— Todas as garotas são garotas de Ike Mazzard — disse ele, sorrindo para ela e para o desenho.

Ela olhou para Walter, que sorriu, sem jeito, e sacudiu os ombros.

Olhou para Mazzard novamente e, sem mover a cabeça, para os outros homens. Eles a olharam e sorriram nervosamente.

— Bem, isto *acaba* com a conversa — disse ela.

— Fique à vontade, pode se mexer — disse Mazzard. Virou uma página e continuou a desenhar.

Frank disse:

— Não acho que outro campo de beisebol seja tão importante.

Joanna ouviu Kim gritar "mamãe!". Walter, porém, tocou-lhe o braço e, colocando o copo na mesa, levantou-se e passou por Claude, pedindo licença.

Os homens voltaram a falar sobre novos projetos. Ela proferiu uma palavra ou duas, movendo a cabeça, mas sempre consciente de Mazzard olhando-a e desenhando-a. Tente ser Glória Steinem enquanto Ike Mazzard está desenhando! Era um pouco de exibicionismo da parte dele; ela não era nenhuma coisa do outro mundo, nem mesmo vestindo seu longo Pucci. E por que os homens se mostravam tão tensos? Sua conversa parecia forçada e cheia de intervalos. Herb Sundersen estava até ficando vermelho.

Subitamente, ela se sentiu nua, como se Mazzard a estivesse desenhando em poses obscenas.

Cruzou as pernas; quis cruzar os braços, também, mas não o fez. "Meu Deus, Joanna, ele é só um artista exibicionista, nada mais! Você está vestida."

Walter retornou e abaixou-se perto dela.

— Era só um pesadelo — disse; e, endireitando-se, perguntou aos homens: — Alguém quer outra dose? Diz? Frank?

— Vou tomar um pouco de uísque — disse Mazzard, olhando para ela, enquanto desenhava.

— O banheiro é por ali? — perguntou Herb, levantando-se.

A conversa prosseguiu, agora mais relaxada e casual.

Novos projetos.

Velhos projetos.

Mazzard enfiou sua caneta no casaco, sorrindo.

— Ufa! — fez ela, e se abanou.

Coba levantou a cabeça, ainda com as mãos cruzadas na nuca, e olhou, com o queixo contra o peito, para o caderno de notas no joelho de Mazzard, que virou as páginas, olhando para Coba. Este balançou a cabeça e disse: — Você nunca pára de me surpreender.

— Posso ver? — perguntou ela.

— Claro! — disse Mazzard, meio levantado, sorrindo e estendendo o caderno aberto para ela.

Walter olhou também, e Frank esticou-se para ver.

Retratos dela. Havia páginas e mais páginas deles, pequenos e preciosos — e lisonjeiros —, como a obra de Mazzard sempre havia sido. Rostos inteiros, meio corpo, perfis; sorrindo, séria, falando, franzindo a testa.

— Estão lindos! — disse Walter, e Frank acrescentou: — Ótimo, Ike!

Claude e Herb aproximaram-se por trás do sofá.

Ela folheou de novo o caderno.

— Eles estão maravilhosos — disse. — Gostaria de poder dizer que estão absolutamente corretos.

— Mas estão! — disse Mazzard.

— Obrigada. — Ela lhe devolveu o caderno e ele o colocou sobre os joelhos, virando as páginas e pegando sua caneta. Escreveu algo numa página, arrancou-a e deu-a a ela.

Era um meio-corpo em que ela estava séria, com a conhecida assinatura sem maiúsculas, *ike mazzard*. Ela o mostrou a Walter, que disse: — Obrigado, Ike.

— O prazer foi meu.

Ela sorriu para Mazzard.

— Obrigada — disse. — Eu o perdôo por ter estragado minha adolescência. — Sorriu para todos.

— Alguém quer café?

Todos aceitaram, com exceção de Claude, que preferiu chá.

Joanna foi para a cozinha e colocou o desenho num descanso em cima da geladeira. Um desenho de Ike Mazzard, dela! Quem iria imaginar, lá em casa, quando tinha onze ou doze anos, lendo os *Journals* e *Companions* da mãe? Era tolice dela ficar tão cheia de si sobre o fato. Fora gentileza de Mazzard fazê-lo.

Sorrindo, colocou um pouco de água na cafeteira, ligou-a na tomada, encaixou o coador e juntou umas colheradas de café. Ajustou a parte superior, apertou com força a tampa de plástico na lata de café e virou-se. Coba olhava-a, encostado na porta, de braços cruzados, com o ombro no batente.

Estava muito calmo, em sua camisa de gola alta, cor de jade (combinando com os olhos, naturalmente), e seu terno cinza de veludo cotelê.

Sorriu para ela e disse:

— Gosto de ver as mulheres no desempenho de pequenas tarefas domésticas.

— Você veio para a cidade certa — disse ela. Colocou a colher na pia e guardou a lata de café na geladeira.

Coba continuou olhando.

Ela desejou que Walter estivesse lá.

— Você não me parece particularmente tonto^[3] disse ela, retirando uma panela para o chá de Claude. — Por que é que eles o chamam de Diz?

— Já trabalhei na Disneylândia — disse ele.

Ela riu, indo para a pia.

— Duvido — disse ela.

— É verdade. — Ela voltou-se e o encarou.

— Você não acredita em mim? — ele perguntou.

— Não — respondeu ela.

— Por que não?

Ela pensou, e a resposta lhe ocorreu.

— Por que não? — insistiu ele. — Diga-me.

Para o inferno com ele; ela diria, sim.

— Você não me parece ser o tipo de pessoa que gosta de fazer os outros felizes.

Sem dúvida alguma ela torpedeara para sempre a admissão das mulheres na abençoada e sacrossanta Associação Masculina.

Coba olhou para ela depreciativamente.

— Você sabe tão pouco! — disse ele.

Sorriu, deixou o canto, virou-se e foi embora.

— Não sou muito fanática pelo *el presidente* — disse ela, despindo-se, e Walter respondeu:

— Nem eu. Ele é frio como gelo. Mas não ficará eternamente no cargo.

— É melhor que não fique — disse ela. — Ou as mulheres jamais entrarão. Quando serão as eleições?

— Logo depois do início do ano.

— O que é que ele faz?

— Trabalha com Burnham-Massey, na Rodovia 9. Claude também.

— Ah, escute, qual é o sobrenome dele?

— De Claude? Axhelm.

Kim começou a chorar. Estava ardendo de febre; ficaram acordados até depois das três, tomando sua temperatura (trinta e nove graus e quatro décimos, no início), lendo o dr. Spock, chamando o dr. Verry e providenciando-lhe banhos frios e fricções com álcool.

Bobbie achou uma que estava viva.

— Pelo menos é o que parece, comparada ao resto dessas lesmas — disse sua voz rouquenha ao telefone. — Seu nome é Charmaine Wimperis; se você cerrar os olhos um pouco, ela se transforma em Rachel Welch. Eles moram em Burgess Ridge, numa casa moderna, de duzentos mil dólares; ela tem uma empregada e um jardineiro e, escute só, uma quadra de tênis.

— *Verdade?*

— Eu sabia que isso iria tirá-la da fossa. Você está convidada para jogar e para almoçar também. Vou apanhá-la por volta das onze e meia.

— Hoje? Não posso! Kim ainda está em casa.

— *Ainda?*

— Será que não dá para ser quarta-feira? Ou quinta, só para garantir.

— *Quarta-feira* — disse Bobbie. — Vou combinar com ela e telefono novamente.

Vam! Pum! Bam! Charmaine jogava bem; bem demais; a bola vinha zunindo, direto e com força, primeiro para um lado da quadra e, em seguida, para o outro; ela mantinha-a correndo de um lado para o outro, e deu uma bem no fundo da quadra, que ela quase não conseguiu rebater. Correu atrás dela, mas Charmaine a bombardeou no canto esquerdo da rede — inalcançável —, e ganhou o set, 6 x 3, e o jogo. Depois de ter ganho o primeiro set por 6 x 2.

— Meu Deus, chega! — disse Joanna. — *Rapaz*, que vexame!

— Mais um — gritou Charmaine, recuando até a linha de saque. — Vamos, mais um.

— Não posso! Desse jeito, não vou conseguir andar amanhã. — Apanhou a bola. — Vamos, Bobbie, jogue você.

Bobbie, que estava sentada de pernas cruzadas, na grama, do lado de fora da cerca de tela, com a cabeça em frente a um refletor solar, disse: — Não jogo desde os meus tempos de *acampamento*, por Deus!

— Só um set, então — gritou Charmaine. — Mais um set, Joanna.

— Está bem, mais um.

Charmaine ganhou.

— Você me matou. Estava ótimo — disse Joanna, enquanto saíam juntas da quadra. — Obrigada.

Charmaine, enxugando cuidadosamente o rosto de maçãs salientes com a extremidade da toalha, disse:

— Você só precisa praticar, mais nada. Tem um saque de primeira classe.

— Grande consolo!

— Você virá jogar com frequência? Tudo o que tenho no momento são dois adolescentes, ambos com ereções permanentes.

— Mande-os para a minha casa — disse Bobbie, levantando-se do chão.

Elas andaram pelo caminho de pedra em direção à casa.

— A quadra é espetacular — disse Joanna, enxugando o braço.

— Então use-a — disse Charmaine. — Eu costumava jogar todos os dias com Ginnie Fisher, você a conhece?, mas ela me deixou na mão. Não faça como ela, está bem? Que tal amanhã?

— Ah, eu não poderia!

Sentaram-se no terraço, sob um guarda-sol da Cinzano, e a empregada, uma mulher de cabelos ligeiramente grisalhos, chamada Nettie, trouxe-lhes uma jarra de *bloody-mary* e uma tigela com patê de pepino e bolachas. — Ela é maravilhosa — disse Charmaine. — Uma alemã de Virgem. Se eu lhe pedisse para lambar meus sapatos, ela o faria. E você, o que é, Joanna.

— Uma americana de Touro.

— Se você lhe pedir para lambar seus sapatos, da cospe no seu olho — disse Bobbie. — Você não acredita mesmo nessas coisas, não é?

— Claro que acredito — disse Charmaine, servindo a bebida. — Você também acreditaria, se encarasse isso com a mente aberta. — Joanna olhou-a, semicerrando os olhos; não, não era Rachel Welch, mas estava bem próxima. — Foi por isso que Ginnie Fisher me deixou na mão — disse ela. — Ela é de Gêmeos, eles mudam a todo momento. Os taurinos são estáveis e leais. Um brinde ao ténis.

Joanna disse:

— Este Touro aqui, em particular, possui uma casa e dois filhos, e nenhuma Virgem alemã.

Charmaine tinha um filho de nove anos chamado Merrill. Seu marido, Ed, era produtor de televisão. Haviam-se mudado para Stepford em julho. Sim, Ed fazia parte da Associação Masculina, e, não, Charmaine não se incomodava com

a injustiça entre os sexos.

— Qualquer coisa que o faça sair de noite está muito bem para mim — disse ela. — Ele é de Áries e eu sou de Escorpião.

— Ah, bem — disse Bobbie, e colocou uma bolacha cheia de patê na boca.

— É uma combinação muito ruim — disse Charmaine. — Se eu soubesse naquele tempo o que sei agora!

— Mas em que sentido? — perguntou Joanna.

Isso foi um erro. Charmaine discorreu longamente sobre as várias incompatibilidades existentes entre Ed e ela: sociais, emocionais e, sobretudo, sexuais. Nettie serviu-lhes uma lagosta à Newburg e batatas à Julienne.

— Ai, meus quadris! — gemeu Bobbie, servindo-se de lagosta.

Charmaine prosseguiu, com detalhes eróticos. Ed era um demônio sexual, com ideias realmente estranhas.

— Ele mandou fazer uma roupa de borracha para mim na Inglaterra, que Deus sabe quanto custou. Pergunto a vocês: *borracha*? "Vista isso na sua secretária", eu lhe disse. "Você não vai me fazer entrar nisso aí." Havia zíperes e cadeados por toda parte. Você não pode trancar um Escorpião. Virgem, sim, a qualquer hora, elas são feitas para servir. Mas o negócio de Escorpião é seguir o seu próprio caminho.

— Se Ed soubesse então o que você sabe agora! — disse Joanna.

— Não teria feito a menor diferença — disse Charmaine. — Ele é louco por mim. Ariano típico.

Nettie trouxe tortas de framboesa e café. Bobbie gemeu. Charmaine contou-lhes sobre outros maníacos que conhecera. Havia sido modelo e conhecera vários.

Acompanhou-as até o carro de Bobbie.

— Agora, escute — disse para Joanna. — Sei que você está ocupada, mas em qualquer ocasião em que dispuser de tempo livre, a *qualquer hora*, apareça por aqui. Não precisa nem telefonar; estou quase sempre aqui.

— Obrigada, eu virei — disse Joanna. — E obrigada por hoje. — Foi ótimo.

— *A qualquer hora* — disse Charmaine. Inclinou-se na janela. — E olhem, vocês duas, será que me fariam um favor? Leiam *Os signos solares*, de Linda Goodman. Vocês vão ver como ela está certa. Eles têm esse livro na Farmácia Central, em brochura. Leiam, por favor!

Elas acederam, sorrindo, e prometeram que leriam.

— Tchau! — exclamou, acenando, enquanto elas se afastavam.

— Bem — disse Bobbie, fazendo a curva da entrada lateral —, ela pode não constituir o material ideal para a Organização Nacional de Mulheres, mas pelo menos não está apaixonada pelo aspirador de pó.

Meu Deus, como ela é bonita! — disse Joanna.

— Não é? Mesmo para este lugar, você tem de admitir, elas são bonitas, apesar de não pensarem da mesma forma. Menina, que casamento! Que tal aquele negócio de roupa de borracha, hem? E eu que imaginava que Dave tinha ideias estranhas!

— Dave? — perguntou Joanna, olhando-a.

Bobbie sorriu de lado.

— De *mim*, você não vai arrancar confissão alguma — disse ela. — Sou de Leão, e o nosso negócio é mudar de assunto. Você e Walter querem ir ao cinema sábado à noite?

Eles haviam comprado a casa de um casal chamado Pilgrim, que havia morado nela somente por dois meses e mudado para o Canadá. Os Pilgrims a haviam comprado de uma tal sra. McGrath. A maior parte do lixo havia sido deixada pela sra. McGrath, num quarto. Na realidade, não era justo chamá-lo de lixo: havia duas poltronas coloniais em bom estado, que Walter iria mandar estofar algum dia. E uma série completa de vinte volumes do *Livro do conhecimento*, que já estava na estante do quarto de Pete. Havia também caixas e pequenos montes de ferramentas e acessórios, que, se não eram verdadeiros achados, poderiam pelo menos vir a ser de alguma utilidade, mais tarde. A sra. McGrath tinha guardado as coisas com cuidado.

Joanna transferira tudo o que não era lixo de verdade para um canto afastado do porão, antes de o encanador instalar a pia. Agora, ela estava removendo o que restara — latas de tinta, telhas de amianto e montes de

cascalho —, enquanto Walter martelava num balcão de madeira compensada e Pete ia lhe passando os pregos. Kim havia ido à biblioteca com as meninas dos Van Sants e Carol.

Joanna desfez um embrulho de jornal amarelado e lá dentro achou um pincel de três centímetros de largura, com os pêlos meio endurecidos, mas ainda flexíveis. Começou a reenrolá-lo no jornal, uma meia página do *Chronicle*, quando as palavras "Clube Feminino ouve autora" chamaram sua atenção. Ela virou o jornal de lado e olhou-o.

— Pelo amor de Deus! — exclamou.

Pete olhou-a, e Walter, martelando, perguntou:

— O que é?

Joanna tirou o pincel do jornal e, segurando a meia página aberta com as duas mãos, leu.

Walter parou de martelar, virou-se e olhou para ela.

— O que foi? — perguntou.

Ela leu por mais um momento e olhou para ele; olhou para o jornal e novamente para ele.

— Aqui havia um Clube Feminino — disse—, Betty Friedan falou para as sócias. E Kit Sundersen era a presidente. As mulheres de Dale Coba e Frank Roddenberry eram conselheiras.

— Não está brincando? — perguntou ele.

Ela olhou para o jornal e leu:

— "Betty Friedan, a autora de *A mística feminina*, discursou para os membros do Clube Feminino de Stepford, terça-feira à noite, na casa da Fairview Lane, da sra. Herbert Sundersen, a presidente do clube. Mais de cinquenta mulheres aplaudiram a sra. Friedan, enquanto ela falava sobre as injustiças e frustrações que acometem a dona-de-casa moderna ... "— Olhou para ele.

— Posso martelar um pouco? — perguntou Pete.

Walter entregou-lhe o martelo.

— Quando foi isso? — perguntou.

Ela olhou para o jornal.

— Aqui não diz, é a metade de baixo — disse ela. — Há uma fotografia das conselheiras: "Sra. Steven Margolias, sra. Dale Coba, a autora Betty Friedan, sra. Herbert Sundersen, sra. Frank Roddenberry e sra. Duane T. Anderson". — Abriu a meia página do jornal na sua direção, e ele se aproximou e segurou um lado.

— Isso é o fim — disse ele, olhando para a fotografia e para o artigo.

— Eu *falei* com Kit Sundersen — disse Joanna. — Ela não disse uma só palavra a esse respeito. Não tinha tempo para reuniões. Como todas as outras.

— Isso deve ter sido há seis ou sete anos — disse ele, passando o dedo pela borda do papel amarelado.

— Ou mais. *A mística* foi publicada quando eu ainda estava trabalhando. Andreas deu-me sua prova na revisão, lembra-se?

Ele anuiu, e, virando-se para Pete, que martelava vigorosamente o topo do balcão, disse:

— Ei, devagar! Você vai fazer meias-luas. — Retornou ao jornal. — Não é incrível? Deve ter-se dissolvido, simplesmente.

— Com cinquenta sócias? — comentou ela. — *Mais* de cinquenta aplaudindo e não vaiando Friedan?

— Bem, não existe mais, não é? — disse ele, largando o jornal. — A menos que elas tenham a pior diretora de publicidade do mundo. Vou perguntar a Herb o que aconteceu, na próxima vez em que o encontrar. — Retornou a Pete: — Puxa, este é um trabalho de primeira!

Ela olhou o jornal e balançou a cabeça.

— Não posso acreditar. Quem eram as sócias? Elas não podem, todas, ter-se mudado.

— Ora, vamos, você não falou com todas as mulheres da cidade!

— Bobbie falou com quase todas. — Dobrou o jornal várias vezes e colocou-o na caixa do seu equipamento. O pincel estava lá. Ela o apanhou. — Está precisando de um pincel? — perguntou.

Walter virou-se e olhou para ela.

— Você não está esperando que eu vá pintar essas coisas, está?

— Não, não. Ele estava embrulhado no jornal.

— Ah — disse ele, voltando-se para o balcão.

Ela largou o pincel e agachou-se para juntar o cascalho.

— Como é que ela pode ter deixado de mencionar isso? — disse ela. — Ela era a *presidente*.

Assim que Bobbie e Dave entraram no carro, ela lhes contou.

— Você tem certeza de que não é um, desses jornais que eles imprimem nos parques de diversão? — indagou Bobbie. — Fred Smith dorme com Elizabeth Taylor?

— É o *Doente Crônico* — disse Joanna. — A metade inferior da primeira página. Olhem aqui, se vocês conseguirem enxergar.

Entregou-lhes o jornal, e eles o abriram; Walter acendeu a luz do teto.

Dave disse:

— Você poderia ter ganho um bom dinheiro se tivesse apostado comigo primeiro e só depois mostrado o jornal.

— Não pensei nisso — disse ela.

— *Mais* de cinquenta mulheres! — comentou Bobbie. — Quem diabo eram elas? Que aconteceu?

— É isso o que eu quero saber — disse Joanna. — E por que Kit Sundersen não me contou coisa alguma? Vou falar com ela amanhã.

Foram até Eastbridge e ficaram na fila para a sessão das nove de um filme inglês, impróprio para menores de dezoito anos. Os casais da fila, alegres e conversadores, riam, em grupos de quatro ou seis.

Nenhum deles era conhecido, exceto um casal de velhos da Sociedade Histórica, que Bobbie reconheceu; e o rapaz dos McCormicks, de dezessete anos, com a namorada, de mãos dadas solenemente, tentando aparentar dezoito anos.

O filme, todos concordaram, foi muito bom. Depois, voltaram para a casa

de Bobbie e Dave, que estava caótica, com os meninos ainda acordados e o cachorro pulando por toda parte. Quando Bobbie e Dave se livraram da babá, dos meninos e do cachorro, tomaram café e comeram torta de queijo, na sala de estar, varrida por um furacão.

— Eu *sabia* que não era singularmente irresistível — disse Joanna, olhando para o desenho de Bobbie feito por Ike Mazzard, encaixado na moldura da fotografia de cima da lareira.

— Você não sabia que todas as garotas são garotas de Ike Mazzard? — perguntou Bobbie, prendendo o desenho mais firmemente no canto da moldura, fazendo com que ele ficasse mais torto do que já estava. — Puxa, eu desejaria poder ser a *metade* disso!

— Você está muito bem desse jeito — disse Dave, de pé atrás delas.

— Ele não é um amor? — disse Bobbie para Joanna. Ela se virou e beijou o rosto de Dave.

— Mesmo assim, amanhã *ainda* é o seu domingo de levantar cedo — disse ela.

— Joanna Eberhart — disse Kit Sundersen, e sorriu. — Como vai você? Não quer entrar?

— Sim, gostaria — respondeu Joanna. — Se você dispuser de alguns minutos...

— Claro que sim, entre.

Kit era uma mulher bonita, de cabelos pretos e covinhas, e parecia só ligeiramente mais velha do que na fotografia nada lisonjeira do *Chronicle*. Cerca de trinta e três anos, calculou Joanna, enquanto entrava no *hall*. O chão, de vinil cor de marfim, imitando mármore, brilhava como se estivesse recoberto por uma camada plástica, como nos comerciais. Da sala de estar, vinham os ruídos de um jogo de beisebol.

— Herb está lá dentro com Gary Claybrook — disse Kit, fechando a porta da frente. — Quer dar um alô para eles?

Joanna foi até o arco da sala de estar e olhou para dentro: Herb e Gary estavam sentados no sofá, vendo a grande televisão colorida, do outro lado da

sala. Gary segurava a metade de um sanduíche e mastigava. Havia, em frente a eles, num banquinho, um prato com sanduíches e duas latas de cerveja. A sala era bege, marrom e verde; colonial, imaculada. Joanna esperou que um jogador recuado agarrasse a bola e disse: — Olá!

Herb e Gary viraram-se e sorriram.

— Olá, Joanna — disseram. Gary continuou: — Como vai? — Herb perguntou: — Walter está aqui também?

— Vou bem. Não, ele não está. Só vim para conversar com Kit. O jogo está bom?

Herb desviou o olhar, e Gary disse:

— Muito.

Kit, que estava a seu lado, recendendo ao mesmo perfume da mãe de Walter, disse:

— Venha, vamos até a cozinha.

— Divirtam-se — disse ela para Herb e Gary. Este, que estava dando uma dentada em seu sanduíche, sorriu com os olhos, através dos óculos, e Herb olhou para ela, dizendo: — Obrigado, estamos nos divertindo.

Ela seguiu Kit.

— Gostaria de tomar café? — perguntou Kit.

— Não, obrigada.

Joanna seguiu Kit até a cozinha, que cheirava a café. Estava imaculada, é claro — exceto pela secadora aberta, as roupas e o cesto de roupas em cima da mesa. No visor redondo da máquina de lavar, a espuma se agitava. O chão continuava parecendo plastificado.

— Está bem ali no fogão — disse Kit. — Não vai dar trabalho algum.

— Bem, nesse caso...

Joanna sentou-se a uma mesa verde, redonda, enquanto Kit retirava uma xícara e um pires de um armário impecavelmente arrumado; todas as xícaras estavam penduradas em ganchos e os pratos colocados nas prateleiras.

— Agora está tudo calmo e tranquilo — disse Kit, fechando o armário e

caminhando em direção ao fogão. Seu corpo, num vestido azul-celeste, curto, era quase tão espetacular quanto o de Charmaine. — As crianças estão na casa de Gary e Donna. Estou lavando a roupa de Marge McCormick. Ela está com um vírus qualquer e quase não pode se mexer.

— Ah, que pena! — disse Joanna.

Kit tirou com as pontas dos dedos a tampa da cafeteira e serviu o café.

— Tenho certeza de que ela estará como nova num dia ou dois. Como é que você prefere o café, Joanna?

— Com leite e sem açúcar, por favor.

Kit levou a xícara e o pires até a geladeira.

— Se é novamente a respeito daquela reunião — disse ela —, receio que ainda esteja terrivelmente ocupada.

— Não é isso — disse Joanna. Viu Kit abrir a geladeira. — Eu só queria saber o que aconteceu ao Clube Feminino.

Kit permaneceu em frente ao refrigerador aberto, de costas para Joanna.

— O Clube Feminino? Puxa, aquilo foi há anos. Dissolveu-se.

— Por quê? — perguntou Joanna.

Kit fechou a geladeira e abriu uma gaveta ao lado dela.

— Algumas mulheres mudaram-se — fechou a gaveta e virou-se, colocando uma colher no pires —, e o restante de nós simplesmente perdeu o interesse. Pelo menos, eu perdi. — Foi até a mesa, olhando para a xícara. — Ele não estava produzindo nada de útil. Após algum tempo, as reuniões tornaram-se monótonas. — Colocou a xícara e o pires sobre a mesa e empurrou-os para perto de Joanna. — Está com leite suficiente? — perguntou.

— Sim, está ótimo — respondeu Joanna. — Obrigada. Por que você não me contou nada a esse respeito quando estive aqui da outra vez?

Kit sorriu, aprofundando as suas covinhas.

— Você não me perguntou. Se tivesse perguntado, eu teria respondido. Não é nenhum segredo. Aceita um pedaço de bolo ou alguns biscoitos?

— Não, obrigada — disse Joanna.

— Vou dobrar estas coisas — disse Kit, afastando-se da mesa.

Joanna viu-a fechar a secadora e pegar algo branco da pilha de roupas sobre ela. Era uma camisa de malha.

— O que há de errado com Bill McCormick? Ele não sabe usar uma máquina de lavar? Pensei que ele fosse um dos nossos cérebros em engenharia espacial.

— Ele está cuidando de Marge — disse Kit, dobrando a camisa de malha. — Essas roupas ficaram bonitas e bem brancas, não é? — Ela colocou a camisa de malha na cesta de roupas, sorrindo.

Como uma atriz, num comercial.

Era isso o que ela era, pressentiu Joanna subitamente.

Era isso o que todas elas eram, todas as esposas de Stepford; atrizes de anúncios, felizes com detergentes, ceras, sabões, xampus e desodorantes. Atrizes belas, de busto grande e talento pequeno, desempenhando o papel de donas-de-casa suburbanas de maneira pouco convincente, boa demais para ser real.

— Kit — disse Joanna.

Kit fitou-a.

— Você devia ser bem jovem quando foi presidente do clube. O que mostra que é inteligente e tem uma certa motivação. Sente-se feliz agora? Diga-me a verdade. Você acha que está vivendo uma vida plena?

Kit olhou para ela e anuiu.

— Sim, estou feliz. Sinto que tenho uma vida bastante plena e realizada. O trabalho de Herb é importante, e ele não poderia fazê-lo tão bem se não fosse por mim. Somos uma unidade, estamos criando uma família, fazendo pesquisas em ótica, mantendo uma casa limpa e confortável e trabalhando para a comunidade.

— Através da Associação Masculina?

— Sim.

— As reuniões do Clube Feminino eram mais chatas do que o trabalho doméstico?

Kit franziu o cenho.

— Não. Mas não eram tão úteis quanto o trabalho doméstico. Você não está tomando o seu café. Há algo errado com ele?

— Não. Eu estava esperando que esfriasse.

Ela ergueu a xícara.

— Ah! — exclamou Kit, e, sorrindo, voltou-se para suas roupas e dobrou algo.

Joanna olhou-a. Será que devia perguntar quem eram as outras mulheres? Não, elas seriam como Kit; e que diferença isso iria fazer? Ela bebeu um gole. O café estava forte e saboroso, como não tomava havia muito tempo.

— Como vão seus filhos? — perguntou Kit.

— Muito bem — respondeu ela.

Ia perguntar qual era a marca do café, mas conteve-se e bebeu mais um pouco.

Talvez os vidros da loja de ferragens refletissem a lua de uma forma interessante, mas não se podia dizer com certeza, não com os vidros naquela posição e com a lua onde estava. *C'est la vie*. Joanna perambulou pelo centro por uns momentos, estudando a curva da rua deserta na noite, a fileira de fachadas brancas de um lado e o começo da colina no outro; a biblioteca e o prédio da Sociedade Histórica. Gastou um pouco de filme com os postes de iluminação e com as latas de lixo comuns. Era apenas um filme em preto e branco, paciência. Um gato passou ao longo do caminho da biblioteca, um gato cinza-prateado, com a sombra preta do luar presa a suas patas. Atravessou a rua em direção ao estacionamento do mercado. Não, obrigada, não estamos interessados em fotografias de gatos.

Ela armou o tripé no gramado da biblioteca e tirou umas fotos das fachadas das lojas, usando uma lente de cinquenta milímetros e fazendo exposições de dez, doze e catorze segundos. Um cheiro estranho de remédio encheu o ar — vindo com a brisa às suas costas. Isso lhe trouxe alguma lembrança de sua infância, mas não conseguia saber o que era. Um xarope que havia tomado? Um brinquedo que havia possuído?

Recarregou a máquina sob a luz do luar, recolheu o tripé, recuou, atravessando a rua, buscando um ângulo favorável da biblioteca. Achou um e

preparou-se. As madeiras brancas da parte lateral apresentavam faixas escuras devido ao luar. As janelas mostravam as paredes cobertas de estampas de livros, iluminadas fracamente por dentro. Focalizou com cuidado especial, começando com oito segundos e indo até dezoito segundos, aumentando a exposição um segundo a cada vez. Pelo menos uma delas deveria pegar as paredes com as prateleiras, sem contrastar demais com a parte lateral.

Foi até o carro buscar seu suéter, e olhou em volta, enquanto retornava à máquina fotográfica. O prédio da Sociedade Histórica? Não, havia muitas sombras de árvores, e, de qualquer modo, era sem graça. Mas o prédio da Associação Masculina mostrava um surpreendente ar cômico: uma casa velha e quadrada do século XIX, sólida e simétrica, estranhamente encimada por uma reluzente antena de televisão. As quatro janelas altas do segundo andar estavam profusamente iluminadas, com as persianas levantadas. Pessoas moviam-se no seu interior.

Retirou a lente de cinquenta milímetros e estava colocando uma de 135 quando feixes luminosos de um farol varreram a rua, tornando-a mais brilhante. Ela se virou e um refletor a cegou. Fechando os olhos, apertou a lente; em seguida, protegeu os olhos, semicerrando-os.

O carro parou e a luz desviou-se, reduzindo-se a uma centelha cor de laranja. Ela piscou algumas vezes, ainda vendo o brilho ofuscante.

Um carro de polícia. Ficou parado a cerca de dez metros de distância, do outro lado da rua. Uma voz de homem começou a falar suavemente do seu interior.

Ela esperou.

O carro adiantou-se, vindo parar à sua frente. O policial jovem, com um bigode castanho não-policial, sorriu para ela e disse:

— Boa noite, senhora. — Ela já o tinha visto várias vezes, uma delas na papelaria, comprando folhas de papel crepom colorido, uma de cada cor.

— Alô — disse ela, sorrindo.

Ele estava sozinho no carro; devia estar falando no rádio. Sobre ela?

— Sinto muito a respeito do farolete — disse ele. — Aquele carro lá em frente ao correio é seu?

— Sim — disse ela. — Eu não o estacionei aqui porque estava...

— Está bem, eu só queria saber. — Ele deu uma olhada para a câmara. — É uma bela câmara. De que marca é?

— É uma Pentax.

— Pentax? — Olhou para a câmara e para ela. — E a senhora consegue tirar fotografias à noite com ela?

— Variando os tempos de exposição — explicou ela.

— Ah, claro. Quanto tempo leva, numa noite como essa?

— Bem, isso depende.

Ele quis saber o que ela estava fotografando, e que filme usava. E se era fotógrafa profissional, e quanto custava uma Pentax, só por alto. E como ela se comparava às outras câmaras.

Joanna tentou não se impacientar; devia estar contente por morar em uma cidade onde um policial podia parar e conversar por alguns minutos.

Finalmente, ele sorriu e disse:

— Bem, acho melhor deixá-la continuar. Boa noite.

— Boa noite — disse ela, sorrindo.

Ele saiu, dirigindo vagarosamente. O gato cinza-prateado correu por entre a luz de seus faróis.

Ela olhou o carro por um momento, e, então, virou-se para a câmara e inspecionou a lente. Agachando-se até o visor, nivelou a máquina até enquadrar bem o prédio da Associação Masculina e apertou a cabeça do tripé na posição. Focalizou, até que a imagem da estranha casa alta, com a antena, ficasse bem nítida no visor. Duas janelas do segundo andar estavam agora às escuras; uma outra foi escurecida pela persiana, e em seguida a última.

Ela se endireitou, olhou para a casa e, depois, para as luzes traseiras do carro de polícia ao longe.

Ele transmitira uma mensagem a respeito dela, e então a enchera de perguntas, enquanto eles tomavam providências, abaixando as persianas.

"Ora, vamos, menina, você está ficando maluca!" Olhou novamente para a casa. Eles não teriam um rádio lá em cima. E o que é que ele teve medo que ela fotografasse? Uma orgia? Prostitutas da cidade? (Ou, melhor ainda, de lá

mesmo, de Stepford.) "LENTE TELESCÓPICA REVELA SEGREDO CHOCANTE. Donas-de-casa aparentemente diligentes, mantendo-se convenientemente imóveis para fotos de exposição prolongada, foram surpreendidas, no domingo à noite, a divertir-se no prédio da Associação Masculina, pela fotógrafa Joanna Drew Eberhart, moradora da Fairview Lane..."

Sorrindo, ela se agachou, melhorou o enquadramento e o foco e bateu três fotografias da casa às escuras — dez, doze e catorze segundos.

Fotografou a agência dos Correios e a silhueta de seu mastro vazio contra as nuvens enlugaradas.

Estava colocando o tripé dentro do automóvel quando o carro de polícia se aproximou e reduziu a marcha.

— Espero que tenham saído todas — disse o jovem policial.

— Obrigada — respondeu ela. — Gostei da conversa! — Com isso procurava afastar a desconfiança que existia em relação a ela.

— Boa noite — disse o policial.

Um dos sócios principais da firma em que Walter trabalhava morreu de uremia, e descobriu-se que os registros mantidos por ele estavam inquietantemente errados. Walter teve de ficar na cidade por duas noites e um fim de semana, e nas noites que se seguiram só muito raramente chegava a casa antes das onze horas. Pete caiu do ônibus escolar e perdeu os dois dentes da frente. Os pais de Joanna, que seguiam para suas férias no Caribe, vieram visitá-los por três dias, avisando só na última hora. (Eles adoraram a casa e Stepford, e a mãe de Joanna ficou impressionada com Carol van Sant. "Tão serena e eficiente! Siga o exemplo dela, Joanna.") A máquina de lavar pratos quebrou, assim como a bomba; o oitavo aniversário de Pete chegou, exigindo presentes, uma festa, favores e um bolo. Kim teve uma inflamação na garganta e precisou ficar em casa durante três dias. A menstruação de Joanna estava atrasada, mas acabou vindo, graças a Deus e à pílula.

Ela conseguiu jogar um pouco de tênis, aperfeiçoando seu jogo, mas não conseguiu igualá-lo ao de Charmaine. Já havia arrumado cerca de setenta e cinco por cento de seu quarto escuro e fez algumas ampliações da fotografia do negro e do táxi, revelou e copiou as que tirara do centro, duas das quais ficaram muito boas. Tirou algumas fotografias de Pete, Kim e Scott Chamalian brincando com

o equipamento de ginástica.

Via Bobbie quase que diariamente; faziam compras juntas, e algumas vezes Bobbie trazia seus dois filhos mais jovens, Adam e Kenny, depois das aulas. Um dia, Joanna, Bobbie e Charmaine vestiram-se bem e foram até um restaurante francês em Eastbridge, para um almoço com coquetel.

Lá pelo final de outubro, Walter já estava novamente voltando a casa a tempo para o jantar, os desfalques do sócio morto já tinham sido decifrados, corrigidos e disfarçados. Tudo na casa estava funcionando, e todos estavam bem. Esculpiram uma abóbora para o Dia das Bruxas, e Pete saiu vestido de Batman banguela, sem os dentes da frente, e Kim, de Heckel ou Jeckel (ela insistia em que era os dois). (Personagens de desenhos animados. (N. do T.)). Joanna distribuiu cinquenta sacos de balas, e teve de recorrer a frutas e biscoitos; no ano seguinte ela se prepararia devidamente.

No primeiro sábado de novembro, eles ofereceram um jantar: Bobbie e Dave, Charmaine e seu marido Ed, e, da cidade, Shep e Sílvia Tackover, Don Ferrault — um dos sócios de Walter — e a esposa, Lucy. A mulher que Joanna chamou para ajudar a servir e a fazer a limpeza era da região e estava encantada por trabalhar em Stepford, para variar.

— Costumava haver *tantas* festas por aqui! — disse ela. — Havia sempre um bando de mulheres me disputando! Mas agora tenho de ir até Norwood, Eastbridge e até mesmo New Sharon! E eu, que *detesto* dirigir à noite! — Era uma mulher de cabelos brancos, gorducha e ágil, chamada Mary Migliardi. — É aquela Associação Masculina — disse, enfiando palitos nos camarões. — As festas se acabaram desde que eles começaram! Os homens saem e as mulheres ficam dentro de casa! Se o meu velho estivesse vivo, ele teria de me bater na cabeça antes que eu o deixasse juntar-se a eles!

— Mas é uma organização bem antiga, não é? — perguntou Joanna, misturando a salada com os braços esticados para não sujar o vestido.

— Está brincando? — disse Mary. — É nova. Seis ou sete anos. Isso é tudo. Antes, havia a Associação Cívica, os Alces e a Legião. — Ela enfiava os palitos nos camarões com uma rapidez de máquina. — Mas todas se fundiram assim que a associação começou a funcionar, exceto a Legião; eles ainda estão separados. Seis ou sete anos, nada mais. É só isso o que vai servir como entrada?

— Há uns enroladinhos de queijo na geladeira — disse Joanna.

Walter apareceu, muito bonito, vestindo seu paletó quadriculado, carregando o balde de gelo.

— Estamos com sorte — disse ele, indo até a geladeira. — Estão apresentando um bom filme de terror; Pete não quer nem descer. Coloquei a televisão no quarto dele. — Abriu o congelador e tirou um saco de cubos de gelo.

— Mary acaba de me contar que a Associação Masculina é recente — disse Joanna.

— *Não* é recente — retrucou Walter, rasgando o saco. Havia no seu maxilar um pedacinho de lenço de papel grudado em um ponto de sangue coagulado.

— Seis ou sete anos — continuou Mary.

— Em nossa terra, isso já é coisa antiga!

— Pensei que remontasse ao tempo dos puritanos.

— O que lhe deu essa ideia? — perguntou Walter, despejando os cubos de gelo dentro do balde.

— Não sei — disse, enquanto mexia a salada. — Da maneira como está organizada, e aquela casa velha...

— Aquela era a casa dos Terhune — disse Mary, cobrindo o prato de camarões com um plástico. — Eles a conseguiram por uma ninharia. Foi leiloada por uma questão de impostos, e ninguém mais ofereceu lances.

A festa foi um desastre. Lucy Ferrault era alérgica a alguma coisa e não parou de espirrar; Sylvia estava preocupada; Bobbie, com quem Joanna tinha contado como atração da conversa, estava com laringite. Charmaine parecia uma *vamp*, provocante e convidativa, vestindo um longo de seda branca, aberto até o umbigo. Dave e Shep foram provocados e aceitaram o convite. Walter (maldito seja!) conversava sobre direito com Don Ferrault, a um canto. Ed Wimperis — grande, sensual, bem-vestido, bronzeado — falava sobre televisão, agarrando o braço de Joanna e explicando vagarosamente e com palavras escolhidas por que os cassetes iriam transformar tudo. Na mesa de jantar, Sylvia descuidou-se e começou a descompor as comunidades suburbanas, que se enriqueciam investindo na indústria leve, fortalecendo-se ao mesmo tempo com planos de urbanização de dois a quatro acres. Ed Wimperis derramou seu vinho. Joanna tentou entabular uma conversa ligeira e Bobbie cortou-a valentemente, para

explicar, engasgando-se, como sua laringite havia surgido: ela gravara umas fitas para um amigo de Dave, "que pensa que é um maldito 'Enry 'Igins"[4]. Entretanto, Charmaine, que conhecia o homem e havia gravado para ele, interrompeu-a com um "nunca faça piadas sobre as atividades de um Capricórnio; eles *produzem*", e prosseguiu fazendo uma análise sobre o signo de cada um dos presentes, e monopolizou as atenções. O assado tinha passado do ponto, e Walter teve algum trabalho para cortá-lo em fatias. O *souflé* cresceu, mas não tanto como devia — conforme Mary havia comentado enquanto servia. Lucy Ferrault espirrava.

— Nunca mais — disse Joanna, apagando as luzes de fora.

Walter disse, bocejando: — Vale também para mim.

— Agora, escute aqui, você— disse ela. — Como é que pôde ficar ali de pé, conversando com Don, enquanto três mulheres estavam sentadas no sofá, como pedras?

Sylvia telefonou para pedir desculpas — ela havia sido preterida numa promoção que sabia muito bem que merecia —, e Charmaine ligou para dizer que haviam se divertido muito e para adiar o tênis de terça-feira.

— Ed encasquetou com algo — disse ela. — Ele vai tirar alguns dias de férias, e nós vamos deixar Merrill com os Da Costa, você tem sorte de não os conhecer, e eu e ele vamos "redescobrir um ao outro"! Isso quer dizer que ele vai ficar me perseguindo em volta da cama. E minha maldita menstruação está atrasada uma semana.

— Por que não deixa que ele a pegue? — perguntou Joanna.

— Ah, Deus meu! — respondeu Charmaine.

— Olhe, eu simplesmente não gosto que enfiem um pau enorme dentro de mim, mais nada. Jamais gostei e jamais gostarei. Também não sou lésbica, porque já tentei e não achei nada interessante. Simplesmente não me interesso por sexo. E acho que nenhuma mulher se interessa de verdade, nem mesmo as de Peixes. Você se interessa?

— Bem, não sou ninfomaníaca — disse Joanna —, mas certamente que me interesso.

— Realmente, ou você só sente que deve estar interessada?

— Realmente.

— Bem, que tal marcarmos para quinta-feira? Ele tem uma conferência da qual não pode escapar, graças a Deus.

— OK, quinta-feira, a menos que aconteça algo.

— Não deixe que nada aconteça.

— Está ficando frio.

— Vestiremos suéteres.

Ela compareceu a uma reunião da Associação de Pais e Mestres. As professoras de Pete e Kim, a srta. Turner e a srta. Gair, estavam presentes, mulheres de meia-idade, simpáticas, e com muito boa vontade para responder às perguntas sobre métodos de ensino e sobre como ia o programa de transporte em ônibus. Pouca gente fora à reunião; além do grupo de professoras no fundo do auditório, só havia nove mulheres e cerca de uma dúzia de homens. A presidente da associação era uma loura atraente, chamada sra. Hollingsworth, que conduzia os trabalhos com uma eficiência tranquila e sorridente.

Ela comprou roupas de inverno para Pete e Kim e dois pares de calças de lã para si mesma. Fez ampliações espetaculares de "Fora de serviço" e "A Biblioteca de Stepford", e levou Pete e Kim para ver o dr. Coe, o dentista.

— Nós tínhamos marcado? — perguntou Charmaine, deixando-a entrar em casa.

— Claro que sim — respondeu ela. — Eu disse que estava combinado, caso nada acontecesse.

Charmaine fechou a porta e sorriu para ela. Vestia um avental sobre a blusa e a calça.

— Puxa, sinto muito, Joanna. Eu me esqueci completamente.

— Está bem, vá trocar de roupa.

— Não vamos poder jogar. Tenho muito trabalho para fazer.

— Trabalho?

— Trabalho doméstico.

Joanna olhou para ela.

— Nós mandamos Nettie embora — disse Charmaine. — É absolutamente incrível como ela conseguia disfarçar um trabalho tão relaxado! O lugar parece estar limpo, à primeira vista, mas, menina, vá olhar nos cantos. Ontem, limpei a cozinha e a sala de jantar, mas ainda tenho de arrumar todos os outros quartos. Ed não é obrigado a viver numa casa suja, Joanna disse, olhando para ela:

— OK, a piada foi engraçada.

— Não estou brincando. Ed é um sujeito formidável, e eu estava sendo preguiçosa e egoísta. Não vou mais jogar tênis, e nem ler mais aqueles livros de astrologia. De agora em diante, vou agir direito com Ed e com Merrill. Tenho sorte de ter um marido e um filho tão maravilhosos!

Joanna olhou para a raquete coberta em sua mãe e para Charmaine.

— Está ótimo — disse e sorriu. — Mas honestamente não acredito que você vá desistir do tênis.

— Dê uma olhada — disse Charmaine.

Joanna olhou para ela.

— Vá olhar — insistiu Charmaine.

Joanna virou-se, entrou na sala de estar e atravessou-a em direção às portas de vidro. Correu uma para o lado, ouvindo Charmaine atrás de si, e saiu para o terraço. Cruzou o terraço e olhou para baixo, ao longo do gramado atravessado pelo caminho de pedras.

Um caminhão carregado de cercas de arame estava parado sobre a grama marcada pelos pneus, ao lado da quadra de tênis. Dois lados da cerca da quadra já tinham sido removidos, e os outros dois estavam jogados na grama, um longo e um curto. Dois homens ajoelhados trabalhavam no lado comprido, com cortadores de alças longas. Eles levantavam as alças ao mesmo tempo, e seguiam-se sons de estalidos. No centro da quadra, havia um monte de terra escura; a rede e os postes não se achavam mais lá.

— Ed quer um campo de golfe — explicou Charmaine, aproximando-se de Joanna.

— Mas essa é uma *quadra de terra*. — disse Joanna, virando-se para ela.

— É o único lugar nivelado que temos — disse Charmaine.

— Meu Deus! — exclamou Joanna, olhando para os homens que trabalhavam com os cortadores. — Isso é uma loucura, Charmaine!

— Ed joga golfe, ele não joga tênis — disse Charmaine.

Joanna olhou para ela.

— O que é que ele fez com você? Hipnotizou-a?

— Não seja boba — disse Charmaine, sorrindo. — Ele é um sujeito maravilhoso e eu, uma mulher de sorte, que devia ser grata a ele. Você quer ficar um pouco? Posso fazer-lhe um café. Estou arrumando o quarto de Merrill, mas podemos conversar enquanto trabalho.

— Está bem. — Joanna balançou a cabeça e disse:

— Não, não, eu... — Afastou-se de Charmaine, olhando para ela. — Não, também tenho de fazer algumas coisas. — Virou-se e atravessou o terraço rapidamente.

— Sinto muito ter esquecido de lhe telefonar — disse Charmaine, seguindo-a pela sala de estar.

— Não tem importância — disse Joanna, andando depressa. Em seguida, voltou-se, segurando a raquete à sua frente, com ambas as mãos: — Eu a verei daqui a alguns dias, OK?

— Sim — respondeu Charmaine, sorrindo. — Telefone-me, por favor, e dê lembranças minhas a Walter.

Bobbie foi até lá para ver com seus próprios olhos, e telefonou para comentar a visita.

— Ela estava trocando os móveis do quarto. E eles acabaram de mudar-se em julho. Como o lugar podia estar tão sujo?

— Não vai durar — disse Joanna. — Não pode durar, as pessoas não se transformam assim.

— Não se transformam? Neste lugar?

— O que quer dizer?

— Cale a boca, Kenny! Dê esse negócio para ele! Escute, Joanna, quero conversar com você. Podemos almoçar juntas amanhã?

— Sim.

— Vou apanhá-la por volta de meio-dia. Eu já disse: dê-lhe isso! OK? Meio-dia, nada especial.

— Está bem. Kim! Você está molhando toda a...

Walter não se surpreendeu muito quando soube da mudança de Charmaine.

— Ed deve ter-lhe ditado as regras do jogo — disse ele, enrolando um garfo de espaguete contra uma colher. — Acho que ele não ganha o suficiente para manter esse tipo de vida. Uma empregada deve custar pelo menos cem dólares por semana hoje em dia.

— Mas *toda* a sua atitude mudou — disse Joanna. — Era de se esperar que ela estivesse reclamando.

— Vocês sabem qual é a mesada de Jeremy? — perguntou Pete.

— Ele é dois anos mais velho do que você — respondeu Walter.

— Isso vai parecer loucura, mas quero que você me ouça sem rir, porque estou certa, ou, então, estou com alguns parafusos a menos e vou precisar de consolo. — Bobbie beliscava o pão do seu *cheeseburger*.

Joanna, olhando-a, engoliu um pedaço de *cheeseburger* e disse:

— Está bem, continue.

Elas estavam no McDonald's, na Eastbridge Road, comendo dentro do carro.

Bobbie deu uma pequena dentada no seu *cheeseburger*, mastigou e engoliu.

— Saiu um artigo na *Time*, há algumas semanas — disse ela. — Eu o procurei, mas acho que joguei a revista fora. — Olhou para Joanna. — O índice de criminalidade em El Paso, no Texas, é muito baixo. *Acho* que era El Paso. Bom, de qualquer maneira, em algum lugar do Texas, eles têm um índice de criminalidade muito baixo, muito mais baixo que em qualquer outro lugar do Texas: a razão disso é que há um composto químico no solo que se mistura com água e que tranquiliza todo mundo, diminuindo a tensão. Essa é a verdade.

— Acho que me lembro — assentiu Joanna, segurando o seu *cheeseburger*.

— Joanna — disse Bobbie. — Acho que há qualquer coisa aqui em Stepford. É possível, não é? Todas essas estranhas fábricas na Rodovia 9... eletrônica, computadores, lixo espacial, e o riacho de Stepford correndo bem atrás delas, sabe lá que tipo de coisas eles jogam no meio ambiente?

— O que você quer dizer? — perguntou Joanna.

— Pense só um pouco — disse Bobbie. Esticou a mão livre e mostrou o dedo mínimo. — Charmaine transformou-se numa *hausfrau*. — Esticou então o anular. — Aquela mulher com quem você falou, aquela que foi a presidente do clube, mudou, não foi, em relação ao que quer que tenha sido antes? — Joanna concordou. Bobbie esticou o dedo seguinte. — A mulher com quem Charmaine jogava tênis antes de você; ela mudou, também.

Charmaine nos contou.

Joanna franziu o cenho. Tirou uma batata frita do saco que estava entre as duas.

— Você acha que é por causa de algum reagente químico? — perguntou ela.

Bobbie anuiu.

— Ou é algo proveniente de uma daquelas fábricas, ou simplesmente algo que está à nossa volta, como em El Paso, ou onde quer que seja. — Pegou um café, no painel do automóvel. — Tem de ser isso. Não pode ser coincidência o fato de todas as mulheres de Stepford serem do jeito que são. E algumas daquelas de quem falamos *devem* ter pertencido àquele clube. Há alguns anos, *estavam aplaudindo Betty Friedan*, e veja só como estão agora. Elas também mudaram.

Joanna comeu a batata frita, deu uma dentada em seu *cheeseburger* e tomou um gole de café.

— Alguma coisa há — disse Bobbie. — No chão, na água, no ar, não sei. Faz com que as mulheres se interessem por trabalho doméstico e nada mais. Quem pode saber qual o efeito desses reagentes químicos? Nem mesmo os ganhadores de prêmios Nobel sabem muito bem. Talvez seja uma espécie de efeito hormonal; isso explicaria esses seios fantásticos. Você deve ter notado.

— Certamente que sim — disse Joanna. — Cada vez que piso no mercado, sinto-me pré-adolescente.

— Por Deus, eu também! — disse Bobbie. Colocou a xícara de café sobre o painel e pegou algumas batatas fritas do saco. — Bem...

— Suponho que seja possível— disse Joanna. — Mas parece tão fantástico! — Apanhou seu café do painel; ele havia embaçado o pára-brisas.

— Não mais fantástico do que em El Paso — disse Bobbie.

— Muito mais, porque só as mulheres são afetadas. O que é que Dave pensa disso?

— Eu ainda não disse nada a ele. Achei melhor falar com você primeiro.

Joanna tomou um gole de café.

— Bem, está dentro do campo das probabilidades — disse ela. — Não me parece nenhuma loucura da sua parte. O que devemos fazer é escrever uma carta bem equilibrada para o governo. Mas endereçada a quem? Ao Departamento de Saúde? À Comissão de Meio Ambiente? A qualquer agência que tenha autoridade para investigar o assunto. Podemos descobrir isso na biblioteca.

Bobbie sacudiu a cabeça.

— Hum... — fez ela. — Já trabalhei para uma repartição do governo; esqueça isso. Acho que a única coisa a fazer é nos mudarmos. E então, sim, começar a mandar cartas.

Joanna olhou para ela.

— É isso mesmo — afirmou Bobbie. — Seja o que for que transformou Charmaine numa *hausfrau*, não vai precisar ter nenhum trabalho a mais comigo. Ou com você.

— Ora, vamos! — disse Joanna.

— Existe alguma coisa aqui, Joanna! Não estou brincando! Isto aqui é a Zumbilândia! E Charmaine mudou-se em julho, *eu* me mudei em agosto e você, em setembro!

— Está certo, não precisa gritar.

Bobbie deu uma grande dentada em seu *cheeseburger*. Joanna tomou um gole de café e franziu o cenho.

— Mesmo que eu esteja errada — disse Bobbie, com a boca cheia —, mesmo que não haja produto algum fazendo algo — engoliu —, você gostaria

mesmo de continuar a viver aqui? Atualmente, cada uma de nós possui uma amiga, você depois de dois meses e eu depois de três. É *esta* a ideia que você faz de uma comunidade ideal? Quando fui a Norwood, pentear meu cabelo para sua festa, vi uma dúzia de mulheres apressadas, relaxadas, irritadas, vivas; me deu vontade de abraçar todas elas!

— Arranje amigas em Norwood — disse Joanna, sorrindo. — Você tem carro.

— Você é tão independente! — Bobbie apanhou o café no painel. — Vou pedir a Dave para nos mudarmos. Venderemos a casa aqui e compraremos outra em Norwood ou em Eastbridge; isso vai nos dar algumas dores de cabeça, trabalho e despesas com a mudança. Por isso, se ele insistir, ponho minhas joias no prego.

— Você acha que ele vai concordar?

— É melhor que concorde, senão sua vida vai se tornar insuportável. Eu quis comprar uma casa em Norwood desde o princípio, mas ele disse que lá havia WASP'S^[5] demais. Bem prefiro ser mordida por vespas^[6] a ser envenenada pelo que quer que haja por aqui. Assim, você vai ficar sem nenhuma amiga em pouco tempo, a menos que fale com Walter.

— Sobre mudança?

Bobbie anuiu. Tomou um gole de café, olhando para Joanna.

Joanna sacudiu a cabeça.

— Eu não poderia lhe pedir que nos mudássemos novamente — disse ela.

— Por que não? Ele quer que você seja feliz, não?

— Não me sinto nada infeliz. E acabo de terminar o quarto escuro.

— OK, vá ficando. Você vai acabar como sua vizinha.

Bobbie, *não pode* ser um reagente químico. Quero dizer, poderia ser, mas honestamente não acredito nisso. Sinceramente.

Conversaram a esse respeito enquanto terminavam de comer, e tomaram a Eastbridge Road e entraram na Rodovia 9. Passaram pela galeria de lojas, pelas lojas de antiguidades, e chegaram às fábricas.

— Ala dos Envenenadores — disse Bobbie.

Joanna olhou para os edifícios modernos e baixos, impecáveis, afastados da estrada e separados uns dos outros por largas faixas de gramado: Sistemas Óticos Ulitz (onde trabalhava Herb Sundersen), CompuTech (Vic Stavros, ou será que ele trabalhava na Instatron?), Produtos Bioquímicas Stevenson, Computadores Haig-Darling e Microtécnica Burnham-Massey (Dale Coba e Claude Axhelm), Instatron e Reed & Saunders (Bill McCormic... como estaria Marge?), Eletrônica Vesey e AmeriChem-Willis.

— Aposto cinco dólares que é pesquisa com gás paralisante.

— Numa área *habitada*?

— Por que não? Com aquela gangue em Washington?

— *Ora, vamos*, Bobbie!

Walter notou que alguma coisa a perturbava, e perguntou o que era. Ela disse:

— Você tem de trabalhar nesse acordo Koblenz?

— Tenho, o fim de semana inteiro. Vamos, o que há? — insistiu ele..

Assim, enquanto ela limpava os pratos e os colocava na lavadora, falou-lhe do desejo de Bobbie de se mudar e de sua teoria a respeito de El Paso.

— Isso me parece muito exagerado — disse ele.

— A mim também. Entretanto, as mulheres realmente se transformam por aqui, e transformam-se em algo desgraçadamente monótono. Se Bobbie se mudar, e se Charmaine não retornar à sua antiga personalidade...

— Você quer se mudar? — perguntou ele.

Ela o olhou, insegura. Os olhos dele, muito azuis, esperando por sua resposta, não davam nenhuma indicação sobre seus sentimentos.

— Não — respondeu. — Não agora, que já estamos instalados. A casa é boa, mas ... sim, tenho certeza de que seria mais feliz em Eastbridge ou Norwood. Desejaria que tivéssemos dado uma olhada por lá.

— Eis aí uma resposta inequívoca — disse ele, sorrindo. — Sim e não.

— Bem, quarenta por cento sim e sessenta por, cento não — disse ela.

Ele se endireitou, erguendo-se do balcão sobre o qual estava reclinado.

— Está bem — disse ele. — Se o sim atingir cem por cento, nós nos mudamos.

— Você o faria? — perguntou ela.

— Claro, se você se sentisse realmente infeliz.

Mas não durante o ano letivo.

— Não, não, claro que não.

— Mas poderíamos ir no próximo verão. Acho que não perderíamos nada, com exceção de tempo e do dinheiro da mudança.

— Foi isso o que Bobbie disse.

— Assim, é somente uma questão de você se decidir. — Ele olhou para o relógio e saiu da cozinha.

— Walter? — chamou ela, enxugando as mãos em uma toalha.

— Sim?

Ela foi até onde podia vê-lo, em pé no corredor.

— Obrigada — disse ela, sorrindo. — Sinto-me bem melhor.

— É você quem tem de ficar aqui o dia inteiro e não eu — disse ele, sorrindo, e dirigiu-se para a saleta.

Ela o acompanhou com o olhar, e então virou-se e deu uma espiada, através do vidro redondo, na sala de visitas. Pete e Kim estavam sentados no chão, vendo televisão — surpreendentemente, o presidente Kennedy e o presidente Johnson; não, eram bonecos. Ela olhou um pouco e voltou para a pia, onde limpou os pratos restantes.

Dave também estava disposto a mudar-se no final do ano letivo.

— Ele cedeu tão facilmente que eu quase caí para trás — disse Bobbie ao telefone, na manhã seguinte. — Só espero que consigamos fazê-lo até junho.

— Passe a beber água mineral — disse Joanna.

— E você acha que não pensei nisso? Acabei de mandar Dave trazer

algumas garrafas.

Joanna riu.

— Pode rir — disse Bobbie. — Por alguns *cents* diários a mais, prefiro estar segura a ficar arrependida. Vou escrever para o Departamento de Saúde. O problema é como fazê-lo sem parecer uma velhinha maluca. Você quer me ajudar?

— Claro — disse Joanna. — Dê um pulo até aqui mais tarde. Walter está redigindo um acordo de crédito; talvez ele nos empreste alguns "outrossins".

Ela fez uma colagem de folhas de outono com Pete e Kim, ajudou Walter a colocar as janelas contra tempestades, e encontrou-o na cidade para um jantar de sócios e esposas, hipocrisia costumeira de elogios mútuos, em tom falsamente amistoso. Veio um cheque da agência: duzentos dólares por terem utilizado quatro vezes sua melhor fotografia.

Encontrou-se com Marge McCormick no mercado — sim, ela tinha tido uma virose, mas estava muito bem agora, obrigada —, com Frank Roddenberry na loja de ferragens — "Alô, Joanna, como v-vai v-você?" — e com a mulher do Comitê de Boas-Vindas, bem do lado de fora.

— Uma família de negros mudou-se para Gwendolyn Lane. Mas acho isso *bom*, você não acha?

— Sim, acho.

— Pronta para o inverno?

— Agora estou. — Sorrindo, mostrou-lhe um saco de comida para passarinhos que acabara de comprar.

— Está muito bonito aqui! — disse a mulher do Comitê de Boas-Vindas. — Você é fotógrafa amadora, não é? Deve se esbaldar.

Telefonou para Charmaine e convidou-a para almoçar.

— Não posso, Joanna, sinto muito — disse Charmaine. — Tenho tanto o que fazer aqui em casa! Sabe como é...

Claude Axhelm apareceu num sábado à tarde — para vê-la, e não a Walter.

Ele trazia uma pasta.

— Eu tenho esse projeto, no qual trabalho nas horas vagas — disse ele, andando em volta da cozinha, enquanto ela lhe preparava uma xícara de chá. — Provavelmente, você já ouviu falar dele. Peço às pessoas que gravem uma relação de palavras e sílabas para mim. Os homens o fazem lá em cima, no prédio, e as mulheres, em suas casas.

— Ah, sim — disse ela.

— Eles me contam onde nasceram, e todos os lugares em que moraram e por quanto tempo. — Ele andava à volta, tocando os puxadores dos armários. — Vou alimentar um computador com tudo isso depois, cada fita com seus dados geográficos. Com amostras suficientes, poderei alimentar o computador. — Correu seu dedo ao longo da aresta de uma olhando para ela com os olhos brilhantes. — Mesmo com uma fita muito *curta*, umas poucas palavras ou uma frase, o computador será capaz de apresentar um perfil geográfico dessa pessoa, do lugar onde nasceu e viveu. Uma espécie de Henry Higgins eletrônico; mas não para exibição simplesmente, acho que será útil em investigações policiais.

Joanna disse:

— Minha amiga Bobbie Markowe...

— A mulher de Dave, claro.

—... apanhou uma laringite gravando para você.

— Porque ela gravou depressa — disse Claude. — Fez a coisa toda em duas noites. Você não precisa fazê-lo tão rapidamente assim. Eu deixo o gravador; pode levar o tempo que quiser. Você o faria? Seria uma grande ajuda para mim.

Walter entrou, vindo do pátio; tinha estado queimando folhas lá fora, com Pete e Kim. Ele e Claude disseram "alô" um para o outro e apertaram-se as mãos.

— Sinto muito — disse ele para Joanna. — Eu devia tê-la avisado de que Claude viria conversar com você. Acha que vai poder ajudá-lo?

— Tenho tão pouco tempo disponível! — desculpou-se ela.

— Faça-o nos momentos livres — disse Claude. — Não me importo que leve algumas semanas.

— Bem, se você não se importar de deixar o gravador aqui tanto tempo! ...

— E em troca você recebe um presente — disse Claude, abrindo sua pasta sobre a mesa. — Vou deixar uma fita extra, para que você grave canções de ninar ou qualquer outra coisa que você goste de cantar para as crianças, e eu passo tudo para um disco. Se você sair uma noite, a babá pode tocar o disco.

— Ah, seria ótimo! — disse ela.

— Você poderia cantar *The goodnight song* e *Good morning starshine* — sugeriu Walter.

— O que você quiser — disse Claude. — Quanto mais, melhor.

— Vou voltar lá para fora — disse Walter. — O fogo ainda está aceso. Até a vista, Claude.

— Certo — respondeu Claude.

Joanna serviu chá para Claude, e ele lhe mostrou como carregar e usar o gravador, que era bem bonito no seu estojo de couro preto. Deu-lhe oito caixas amarelas com as fitas, e um fichário.

— Deus meu, quanta coisa! — exclamou ela, folheando as páginas amarrotadas e emendadas, datilografadas em colunas triplas.

— Isso vai rápido — explicou Claude. — Basta dizer cada palavra claramente, com sua voz normal, e fazer um intervalo antes da próxima. E preste atenção, para que a agulha fique sempre no vermelho. Você quer treinar?

O jantar de Ação de Graças foi com o irmão de Walter, Dan, e sua família. Organizado pela mãe deles, tinha o propósito de reconciliação — os irmãos não se falavam havia um ano, por causa de uma briga sobre a propriedade do pai —, mas a discussão desencadeou-se de novo, e a raiva cresceu, na medida em que a propriedade em questão se valorizara. Walter e Dan gritaram, a mãe gritou mais alto, e Joanna teve de inventar desculpas complicadas para Pete e Kim, no carro, quando voltaram para casa.

Ela tirou fotografias do filho mais velho de Bobbie, Jonathan, trabalhando com seu microscópio, e de homens de chapéu de palha podando árvores na Norwood Road. Estava tentando conseguir uma coleção de pelo menos uma dúzia de fotos de primeira qualidade — para convencer a agência a contratá-la.

A primeira neve caiu numa noite em que Walter estava na Associação Masculina. Ela a olhava da janela da saleta: um ralo pó branco resplandecente, caindo em espirais sob a luz do poste, na calçada. Nada que fosse muito significativo. Entretanto, iria nevar mais. Diversão, boas fotografias — e as incômodas botas e capas.

Do outro lado da rua, na janela da sala de estar dos Claybrooks, Donna Claybrook estava sentada, polindo o que parecia ser um troféu de atletismo, esfregando-o com movimentos seguros e mecânicos. Joanna olhou-a e balançou a cabeça. "Elas nunca param, essas esposas de Stepford", pensou.

Parecia a primeira estrofe de um poema.

"Elas nunca param, essas esposas de Stepford. Elas não sei o quê por toda a vida."

Trabalham como robôs. Sim, é isso.

"Trabalham como robôs por toda a vida."

Sorriu. Ia tentar mandar aquilo para o *Chronicle*.

Foi até a escrivaninha, sentou-se e pegou a caneta que havia deixado como marcador, na página datilografada. Reparou por um momento no silêncio do segundo andar e ligou o gravador. Com o dedo na página, inclinou-se em direção ao microfone, encostado na moldura do desenho que Ike Mazzard fizera dela.

— Tomador. Toma. Tomando — disse ela. — Talco. Talento. Talentoso. Falar. Falador. Falante. Falando. Fala.

SEGUNDA PARTE

Decidiu que só se mudaria se achasse uma casa absolutamente perfeita; uma que, além de contar com o número certo de quartos, de bom tamanho, não necessitasse praticamente de redeção e que já possuísse uma câmara escura ou algo bem parecido. E não poderia custar mais do que aquilo que haviam pago (e que ainda poderiam reaver, disse Walter estava seguro) pela casa, de Stepford.

Uma exigência e tanto, e ela não estava disposta a perder muito tempo com isso. Entretanto, numa brilhante manhã no início de dezembro, ela saiu à procura da casa, com Bobbie.

Bobbie saía à procura de casas todas as manhãs, em Norwood, Eastbridge e New Sharon. Tão logo achasse algo adequado — e era bem mais flexível em suas exigências do que Joanna —, pressionaria Dave para uma mudança imediata, a despeito de os meninos terem de trocar de escola no meio do ano.

— É melhor que eles tenham algumas interrupções nas suas vidas do que uma mãe zumbi — disse ela.

De fato, ela estava bebendo água mineral, e não comia nenhum produto da região.

— Você sabe, já é possível comprar oxigênio engarrafado — disse Joanna.

— Azar seu. Já posso vê-la comparando Ajax ao seu produto de limpeza atual.

Essas expedições convenceram Joanna a procurar mais seriamente; as mulheres que conheceram — donas-de-casa de Eastbridge e uma corretora de imóveis chamada Kirgassa — eram vivas, alegres e espirituosas, resultando, por contraste, a apatia das mulheres de Stepford. E Eastbridge oferecia um grande número de atividades comunitárias para mulheres, para homens, e para mulheres e homens. Havia até mesmo uma sede da Organização Nacional de Mulheres em formação.

— Por que vocês não vieram procurar aqui em primeiro lugar? — perguntou Kirgassa, pilotando seu carro numa estrada em ziguezague, a uma velocidade apavorante.

— Meu marido tinha ouvido falar de... — Joanna agarrou-se ao bando, olhando para a estrada e pisando em freios imaginários.

— Aquilo lá está *morto*. Temos mais vida aqui.

— Entretanto, gostaríamos de poder voltar lá, para empacotar as coisas — disse Bobbie, do assento traseiro.

Kirgassa riu grotescamente.

— Posso dirigir de olhos vendados nessas estradas — disse ela. — Quero lhes mostrar mais dois lugares depois deste.

Na volta para Stepford, Bobbie disse:

— Esse é o negócio ideal para mim. Vou ser corretora; acabei de decidir. Você sai, conhece as pessoas e pode olhar dentro do armário de todo mundo. E pode estabelecer o seu próprio horário de trabalho. Estou falando sério, vou descobrir quais são os requisitos.

Receberam uma carta de duas páginas do Departamento de Saúde. Garantiam que o interesse delas pela proteção do meio ambiente era compartilhado por ambos os governos, o estadual e o municipal. As instalações industriais de todo o Estado estavam sujeitas a rigorosos regulamentos antipoluição, que eram discriminados um a um. Eles eram cumpridos não só através de inspeções frequentes das instalações propriamente ditas, mas também por uma análise regular de amostras do solo, da água e do ar. Não havia o menor indício de poluição nociva na área de Stepford, nem da presença de qualquer reagente químico natural que pudesse produzir um efeito tranquilizante ou depressivo. Elas podiam ficar certas de que sua preocupação era infundada, mas, mesmo assim, eles agradeciam a carta.

— Quanta besteira — disse Bobbie, e continuou fiel à água mineral. Levava sempre uma garrafa térmica com café, quando visitava Joanna.

Walter estava deitado de lado, virado de costas para ela, quando Joanna saiu do banheiro. Ela se sentou na cama, apagou o abajur e deitou-se sob o cobertor. Ficou deitada de costas, vendo o teto tomar forma acima dela.

— Walter.

— Hum.

— Valeu alguma coisa? — perguntou ela. — Para você?

— Claro que sim — respondeu ele. — E para você, não.

— Sim.

Ele nada mais falou.

— Tenho a impressão de que não tem sido bom para você — disse ela. — Nessas poucas vezes, ultimamente.

— Não. Tem sido bom. Como sempre foi.

Ela continuava deitada, olhando o teto. Pensou em Charmaine, que não deixava que Ed a tocasse (ou ela mudara nisso também?), e lembrou-se dos comentários de Bobbie a respeito das estranhas ideias de Dave.

— Boa noite — disse Walter.

— Há alguma coisa — perguntou ela — que eu não faça e que você gostaria que eu fizesse? Ou que eu faça e que você gostaria que eu não fizesse?

Ele a princípio não disse nada. Depois falou:

— Gosto de tudo o que você costuma fazer, mais nada. — Virou-se e olhou para ela, apoiando-se no cotovelo. — Realmente — disse ele, e sorriu. — Está tudo ótimo. Talvez eu ande meio cansado ultimamente, por causa das viagens para o trabalho. — Beijou-lhe o rosto. — Procure dormir.

— Você está tendo um caso com Esther?

— Ah, pelo amor de Deus! Ela está andando com um pantera-negra. Não estou tendo casos com ninguém,

— Um pantera-negra?

— Foi isso o que a secretária de Don contou para ele. Nós nem mesmo conversamos sobre sexo; tudo o que faço é corrigir sua ortografia. Agora, vamos dormir. — Beijou-lhe novamente o rosto e virou-se para o outro lado.

Ela se deitou de bruços e fechou os olhos. Trocou de posição e mexeu-se, tentando achar uma posição confortável.

Foram a um cinema em Norwood, com Bobbie e Dave, e passaram a noite com eles, jogando monopólio sem muita seriedade, diante da lareira.

Uma pesada nevasca caiu no sábado à noite. Walter desistiu de assistir ao

seu futebol de domingo à tarde e, não muito satisfeito, levou Pete e Kim para andar de trenó na colina Winter, enquanto Joanna foi de carro até New Sharon, onde usou um rolo e meio de filme colorido, numa reserva de pássaros.

Pete ganhou o papel principal na peça de Natal de sua classe; e Walter, voltando para casa uma noite, ou foi roubado ou perdeu a carteira.

Joanna levou dezesseis fotos para a agência. Bob Silverberg, o homem com quem ela tratava lá, admirou-as muito, mas disselhe que a agência não estava assinando contratos com *ninguém* ultimamente. Guardou as fotos, dizendo-lhe que a avisaria em um dia ou dois, se sentisse que algumas delas eram negociáveis. Desapontada, Joanna almoçou com uma velha amiga, Doris Lombardo, e fez algumas compras de Natal para Walter e seus pais.

Dez das fotografias foram devolvidas, inclusive a "Fora de serviço", que ela decidiu inscrever prontamente no próximo concurso da *Saturday Review*. Entre as seis que a agência conservou e que iria usar, estava a "Estudante", na qual aparecia Jonny Markowe com seu microscópio. Telefonou para Bobbie e disselhe: — Darei a ele dez por cento do que quer que venha a receber.

— Isso quer dizer que podemos parar de lhe dar mesadas?

— É melhor não. Minhas melhores fotografias renderam pouco mais de mil dólares, até agora, mas as outras duas, só duzentos cada.

— Bem, não está nada mal para uma criança que se parece com Peter Lorre — disse Bobbie. — Quero dizer *ele*, e não *você*. Escute, eu ia telefonar para você. Será que podemos deixar Adam com vocês no fim de semana? Vocês o receberiam?

— Claro. Pete e Kim adorariam. Por quê?

— Dave teve uma ideia genial; vamos ter um fim de semana sozinhos, sem mais ninguém. Uma segunda lua-de-mel.

Uma sensação familiar cruzou-lhe a mente; *déjà vu*. Ela a ignorou.

— Ótimo — disse.

— Já reservamos lugar na vizinhança para Jonny e Kenny. Mas achei que Adam iria divertir-se mais em sua casa.

— Claro — concordou Joanna. — Vai ser mais fácil impedir que Pete e

Kim puxem os cabelos um do outro. O que é que vocês vão fazer? Vão até a cidade?

— Não, vamos simplesmente ficar aqui. E esperamos ficar isolados pela neve. Vou levá-lo amanhã, depois das aulas, OK? Posso apanhá-lo no domingo à noite?

— Está bem. Como vai a procura de casas?

— Não muito bem. Vi uma que é uma beleza em Norwood, esta manhã, mas ela só vai ser desocupada no dia primeiro de abril.

Fique esperando, então.

— Não, obrigada. Vamos sair para conversar?

— Não posso, tenho de fazer uma limpeza de verdade.

— Está vendo só? Você está mudando. A magia de Stepford já começou a agir.

Uma mulher negra, com um cachecol laranja e um casaco listrado imitando pele, esperava no balcão da biblioteca, com as pontas dos dedos descansando sobre uma pilha de livros. Deu uma olhada em Joanna e balançou a cabeça com um meio sorriso; Joanna sacudiu a cabeça e sorriu em resposta; a mulher desviou o olhar para a cadeira vazia atrás do balcão e para as estantes de livros, atrás da cadeira.

Era alta, tinha a pele acobreada, o cabelo cortado rente e grandes olhos escuros — exóticos e atraentes. Cerca de trinta anos.

Joanna dirigiu-se para o balcão, tirou as luvas e apanhou um cartão no bolso. Olhou para o letreiro com o nome de srta. Austrian no balcão e para os livros sob os dedos finos e longos da mulher negra, a alguns metros de distância. *Uma cabeça cortada*, de Iris Mudoch, em cima de *Eu sei por que canta o pássaro engaiolado* e *O mago*. Joanna olhou para o cartão; o livro *Além da liberdade e da dignidade*, de Skinner, estaria reservado para ela até o dia 12 de novembro. Teve vontade de dizer algo amigável e acolhedor — certamente ela era a esposa ou a filha da família negra mencionada pela mulher do Comitê de Boas-Vindas —, mas não queria parecer uma branca paternalista e liberal. Será que ela diria alguma coisa se a mulher *não fosse* negra? Sim, numa situação como aquela.

— Nós poderíamos levar tudo, se quiséssemos — disse a mulher.

Joanna sorriu para ela e respondeu:

— E deveríamos fazê-lo; isso ensinaria a pessoa encarregada a permanecer no local de trabalho.

— Fez um sinal em direção ao balcão.

A mulher sorriu.

— Está sempre vazia assim? — perguntou.

— Nunca tinha visto assim antes — disse Joanna. — Mas só tenho vindo às tardes e aos sábados.

— Você é nova em Stepford?

— Estou aqui há três meses.

— E eu há *três dias* — disse a mulher.

— Espero que goste daqui.

— Acho que vou gostar.

Joanna estendeu a mão.

— Sou Joanna Eberhart — disse, sorrindo.

— Ruthanne Hendry — disse a mulher, sorrindo também e apertando a mão de Joanna.

Joanna virou a cabeça e semicerrou os olhos.

— Conheço esse nome. Já o vi em algum lugar.

A mulher sorriu.

— Você tem crianças pequenas? — perguntou ela.

Joanna anuiu, intrigada.

— Escrevi um livro para crianças, *Penny tem um plano* — disse a mulher. — Eles têm o livro aqui; a primeira coisa que fiz foi olhar no catálogo.

— Mas é claro! — disse Joanna. — Kim estava com ele há cerca de duas semanas! E adorou! Eu também; é tão bom encontrar um livro onde uma menina *faz* algo mais além de chá para suas bonecas!

— Propaganda sutil — disse Ruthanrie Hendry, sorrindo.

— Você fez as ilustrações também? — perguntou Joanna. — São espetaculares.

— Obrigada.

— Está escrevendo outro?

Ruthanne Hendry assentiu.

— Já tenho um esboçado. Começarei a trabalhar nele para valer tão logo nos instalemos.

— Sinto muito — disse a srta. Austrian, que vinha mancando do fundo da sala. — De manhã, fica tudo tão calmo por aqui que eu — parou, piscou e continuou mancando — fico trabalhando no escritório. Tenho de arranjar uma dessas campanhas em que as pessoas dão umas batidas. Alô, sra. Eberhart. — Sorriu para Joanna e para Ruthanne Hendry.

— Alô — respondeu Joanna. — Esta é uma de suas autoras. *Penny tem um plano*. Ruthanne Hendry.

— Ah, é? — A srta. Austrian sentou-se pesadamente na cadeira e apoiou nela os braços, de mãos gorduchas e róseas. — É um livro muito popular. Temos dois exemplares circulando, e ambas as retiradas foram renovadas.

— Gosto desta biblioteca — disse Ruthanne Hendry. — Posso me inscrever?

— A senhora mora em Stepford?

— Sim, acabo de me mudar.

— Então, seja bem-vinda — disse a srta. Austrian. Abriu uma gaveta, tirou um cartão branco e colocou-o ao lado da pilha de livros.

No balcão da lanchonete do centro, que estava vazia, com exceção de dois homens da Companhia Telefônica, Ruthanne mexia seu café e, olhando para Joanna, perguntou: — Diga-me uma coisa com sinceridade: houve muita reação pelo fato de termos comprado uma casa aqui?

— Nada que eu tivesse ouvido — disse Joanna.

— Nesta cidade nada provoca grandes reações. Não há ponto algum onde as pessoas realmente se encontrem, exceto a Associação Masculina.

— Eles não são maus — disse Ruthanne. — Royal vai juntar-se a eles amanhã à noite. Mas as *mulheres* da vizinhança...

— Ah, escute — disse Joanna. — Isso não tem nada a ver com *cor*, acredite-me. Elas são assim com todo mundo. Não têm tempo para tomar um café, certo? São fixadas em seu trabalho doméstico.

Ruthanne anuiu:

— Não me importo. Sou muito auto-suficiente, pois de outro jeito não teria nem feito a mudança. Mas...

Joanna contou-lhe a respeito das mulheres de Stepford e disselhe que Bobbie estava até planejando mudar-se para não ficar como elas.

Ruthanne sorriu.

— Não existe nada que possa fazer com que eu me transforme numa *hausfrau* — disse. — Se elas são assim, muito bem. Eu tinha medo pelas meninas, que fosse por causa da cor. — Ela tinha duas filhas, de quatro e seis anos; e seu marido, Royal, era diretor do Departamento de Sociologia de uma das universidades da cidade.

Joanna falou-lhe de Walter, Pete e Kim e de suas fotografias.

Trocaram números de telefone.

— Eu me transformei numa eremita enquanto escrevia *Penny* — disse Ruthanne —, mas telefonarei qualquer dia.

— Eu lhe telefonarei — disse Joanna. — Se estiver ocupada, é só dizer. Queria que você conhecesse Bobbie; estou certa de que vão gostar uma da outra.

Enquanto se dirigiam para seus carros — que haviam deixado em frente à biblioteca —, Joanna viu Dale Coba, que a olhava de longe. Ele estava em pé, com um carneiro nos braços, junto a um grupo de homens que armavam um presépio perto do prédio da Sociedade Histórica. Ela o cumprimentou com um sinal e ele, segurando o carneiro, que parecia vivo, acenou com a cabeça e sorriu.

Joanna disse a Ruthanne quem era ele e perguntou-lhe se sabia que Ike Mazzard vivia em Stepford.

— Quem?

— Ike Mazzard, o desenhista.

Ruthanne jamais ouvira falar dele, o que fez com que Joanna se sentisse muito velha. Ou muito branca.

Ficar com Adam no fim de semana foi bom até certo ponto. No sábado, ele, Pete e Kim brincaram juntos sem problemas, dentro e fora da casa; mas, no domingo, um dia enregelado e encoberto, em que Walter requisitou a sala de visitas para ver seu futebol (muito justo, após a corrida de trenó do domingo anterior), Adam e Pete se transformaram, nessa ordem, em soldados num forte, que era um cobertor em cima da mesa de jantar, exploradores no porão ("Não entrem naquele quarto escuro!") e personagens de *Jornada nas estrelas*, no quarto de Pete — todos eles compartilhando estranhamente de um único inimigo comum, chamado Kim-She'sDim (*Tradução literal: "Kim é burra"*. (N. do T.)). Estavam sempre alerta, preparando defesas ruidosas e destruidoras, e a pobre Kim era mesmo uma burra, por desejar somente estar com eles, não querendo desenhar ou ajudar a arquivar os negativos, e nem mesmo — Joanna se desesperava — fazer biscoitos. Adam e Pete ignoravam ameaças, Kim ignorava ofertas tentadoras e Walter ignorava tudo.

Joanna ficou satisfeita quando Bobbie e Dave vieram apanhar Adam.

Mas também ficou contente por ter cuidado dele, quando viu como eles estavam bem. Bobbie estava com um belo penteado e absolutamente linda — devido à maquilagem ou ao amor, provavelmente a ambos. E Dave parecia satisfeito, agitado e alegre. Trouxeram uma onda de frio para dentro do *hall*.

— Ei, Joanna, como é que foi tudo? — perguntou Dave, esfregando as mãos cobertas por luvas de couro.

Bobbie, envolta em seu casaco de pele de raccoon (*Animal norte-americano, do mesmo gênero do guaxinim*. (N. do E.)), disse: — Espero que Adam não tenha dado muito trabalho.

— Nem um pouquinho — disse Joanna. — Vocês estão com um aspecto maravilhoso!

— Estamos *nos sentindo* maravilhosamente bem — disse Dave.

Bobbie acrescentou, sorrindo:

— Foi um fim de semana adorável. Obrigada por nos terem permitido desfrutá-lo.

— Esqueça — disse Joanna. — Vou deixar Pete com vocês num desses fins de semana.

— Ficaremos contentes em recebê-lo — disse Bobbie.

Sempre que quiserem, é só avisar. Adam? *Hora de ir embora.* — disse Dave.

— Ele está lá em cima, no quarto de Pete.

Dave juntou as mãos enluvadas em concha e gritou:

— *A-dam! Estamos aqui! Apanhe suas coisas!*

— Tirem o casaco — disse Joanna.

— Temos de apanhar Jon e Kenny — desculpou-se Dave.

— Estou certa de que vocês querem um pouco de paz e silêncio. Deve ter sido um inferno — acrescentou Bobbie.

— Bem, não foi o mais *repousante* dos domingos — disse Joanna. — Entretanto, ontem estava perfeito.

— Oba! — disse Walter, voltando da cozinha, com um copo na mão.

— Alô, Walter! Ei, companheiro! — disseram Bobbie e Dave.

— Como é que foi a segunda lua-de-mel? — perguntou Walter.

— Melhor que a primeira. Só que mais curta. — Dave sorriu para Walter.

Joanna olhou para Bobbie, esperando que ela dissesse algo engraçado. Bobbie sorriu para ela e olhou em direção à escada.

— Olá, docinho! — disse ela. — Teve um bom fim de semana?

— Não quero ir embora — disse Adam, em pé, inclinando-se para manter sua sacola fora da escada. Pete e Kim estavam atrás dele.

Kim perguntou:

— Ele pode ficar mais uma noite?

— Não, querida, amanhã ele tem escola — disse Bobbie.

— Vamos embora, camarada, temos de recolher o resto da máfia — ordenou Dave.

Adam desceu as escadas com um ar infeliz, e Joanna foi até o armário pegar seu casaco e suas botas.

— Ei! — disse Dave. — Tenho alguns informes acerca daquelas ações sobre as quais você me perguntou.

— Ah, ótimo — disse Walter, indo com Dave para a sala de visitas.

Joanna deu o casaco de Adam para Bobbie e esta agradeceu, segurando-o para Adam vesti-lo. Ele largou a sacola e abriu os braços, enfiando-os nas mangas do casaco.

Joanna, segurando as botas de Adam, perguntou:

— Quer uma sacola para as botas?

— Não, não se incomode — disse Bobbie.

Virou Adam de frente e ajudou-o com os botões.

— Você está cheirando bem — disse ele.

— Obrigada, docinho,

Ele olhou para o teto e para ela.

— Não gosto que você me chame assim disse ele. — Eu *gostava*, mas agora não gosto mais.

— Sinto muito. Não o farei novamente. — Sorriu para ele e beijou-o na testa.

Walter e Dave saíram da sala de visitas, e Adam apanhou a sacola, dizendo adeus a Pete e a Kim. Joanna deu as botas de Adam para Bobbie e encostou seu rosto no dela. Bobbie ainda estava fria e, *de fato*, cheirava bem.

— Falo com você amanhã — disse Joanna.

— Claro — disse Bobbie, sorrindo. Em seguida, dirigiu-se para onde Walter estava, na porta, e ofereceu-lhe a face. Ele hesitou, Joanna não sabia por quê, e deu-lhe um beijo rápido.

Dave beijou Joanna e deu um tapinha no braço de Walter.

— Até logo, companheiro — e foi levando Adam para fora, atrás de Bobbie.

— Podemos ir para a sala de visitas, agora? — perguntou Pete.

— É toda sua — disse Walter.

— Eles não são maravilhosos? — comentou Joanna, — Bobbie não estava tão bem assim nem mesmo na festa. Por que você não a quis beijar?

— Ah, eu não sei, *beijinhos*. É tudo tão teatral!

— Nunca percebi essas objeções antes.

— Então, acho que mudei — disse ele.

Joanna ficou olhando as portas do carro serem fechadas e os faróis se acenderem.

— Que tal *nós* passarmos um fim de semana sozinhos? — disse ela. — Eles ficam com Pete, disseram que sim, e estou certa de que os Van Sants ficariam com Kim.

— Seria ótimo — disse ele. — Logo depois dos feriados.

— Ou talvez os Hendrys — continuou ela. — Eles têm uma menina de seis anos, e eu gostaria que Kim conhecesse uma família de negros.

O carro arrancou, com as luzes traseiras acesas, vermelhas e brilhantes. Walter fechou a porta, trancou-a e, com o polegar, apagou as luzes de fora.

— Quer um drinque? — perguntou ele.

— Se quero! — disse Joanna.

Puxa, que segunda-feira: ter de remontar o quarto de Pete e arrumar os outros, trocar a roupa das camas, lavar a roupa (evidentemente ela deixou que acumulasse), fazer a lista de compras para o dia seguinte e ter de encomprar três calças de Pete! Era isso o que estava fazendo; deixara o resto para lá: as compras de Natal, endereçar os cartões de Natal e preparar a fantasia de Pete para a peça de teatro ("Obrigada por *isso*, srta. Turner"). Bobbie não telefonou, graças a Deus; não era um dia para conversa fiada. "Será que ela estava certa?", cismou Joanna. "Será que estou mudando?" Não, diabos; o trabalho doméstico *tinha* de ser feito de vez em quando, porque senão a casa se transformaria em... bem, na casa de Bobbie. Além do mais, uma autêntica esposa de Stepford se

desincumbiria de tudo com muita calma e eficiência, tomando cuidado para não passar o aspirador de pó por cima do fio e esmagar os dedos ao tentar desembaraçá-lo.

Ela infernizou a vida de Pete por ele não ter guardado os brinquedos quando terminou de usá-los, e ele passou uma hora emburrado, sem falar com ela. E Kim estava tossindo.

Walter implorou para escapar de sua vez de trabalhar na cozinha e saiu correndo para dentro do carro lotado de Herb Sundersen. A Associação Masculina estava movimentada devido ao projeto de brinquedos de Natal. (Para quem? Onde estavam as crianças necessitadas de Stepford? Ela nunca tinha visto sinal algum delas.) Cortou um pedaço de lençol para a fantasia de Pete, um boneco de neve, e tomou parte, com Pete e Kim, em um jogo de concentração (Kim só tossiu uma vez, mas vamos *isolar*). Em seguida, endereçou os cartões de Natal até a letra L e foi para a cama às dez horas. Dormiu lendo o livro de Skinner.

Na terça-feira, estava melhor. Depois de ter limpado a mesa do café e feito as camas, telefonou para Bobbie — ninguém atendeu; ela devia estar procurando casa —, foi de carro até o centro, tirou fotografias do presépio e chegou um pouco antes do ônibus escolar.

Walter lavou os pratos e depois foi para a Associação Masculina. Os brinquedos eram para as crianças da cidade, crianças de bairros pobres e crianças de hospitais. Reclame *disto*, sra. Eberhart. Ou seria ela ainda sra. Ingalls? Sra. Ingalls-Eberhart.

Depois de ter obrigado Pete e Kim a tomar banho e ir para a cama, telefonou para Bobbie. Era estranho que Bobbie não tivesse telefonado durante dois dias inteiros.

— Alô? — disse Bobbie.

— Quanto tempo sem notícias!

— Quem fala?

— Joanna.

— Ah, alô — disse Bobbie. — Como vai?

— Bem. E você? Está me parecendo um tanto na fossa.

— Não, estou bem — disse Bobbie.

— Achou alguma coisa hoje de manhã?

— O que é que você quer dizer?

— Sobre casas.

— Fui fazer compras de manhã — disse Bobbie.

— Por que não me telefonou?

— Fui muito cedo.

— Eu — fui por volta das dez; por pouco não nos encontramos.

Bobbie não disse nada.

— Bobbie?

— Sim?

— Tem *certeza* de que está bem?

— Claro. Estou passando roupa.

— A esta hora?

— Dave está precisando de uma camisa para amanhã.

— Ah, então telefone para mim de manhã; talvez possamos almoçar juntas.
A menos que você vá procurar casa.

— Não vou, não — disse Bobbie.

— Então, telefone-me, OK?

— OK — disse Bobbie. — Até logo, Joanna.

— Até logo.

Desligou e ficou sentada, olhando para o telefone, com a mão pousada nele. Um pensamento cruzou-lhe a mente — era ridículo —, de que Bobbie havia mudado, da mesma forma que Charmaine. Não, Bobbie, não; era impossível. Devia ter tido uma briga com Dave, uma briga para valer, sobre a qual não estava com vontade de falar. Ou será que ela própria teria ofendido Bobbie de alguma forma, inconscientemente? Será que no domingo dissera alguma coisa sobre a estada de Adam que Bobbie tivesse interpretado mal? Mas, não, elas

tinham se despedido tão fraternalmente como sempre, beijando-se e combinando telefonar uma para a outra! (Mesmo assim, agora que ela estava pensando nisso, Bobbie parecia diferente; não tinha dito o tipo de coisas que dizia normalmente, e andava mais devagar também.) Provavelmente, ela e Dave haviam fumado maconha no fim de semana. Eles já o haviam tentado algumas vezes, sem sentir muito o efeito; Bobbie havia contado. Talvez agora...

Endereçou mais uns poucos cartões de Natal.

Telefonou para Ruthanne Hendry, que se mostrou simpática e satisfeita por falar com ela. Conversaram sobre *O mago*, do qual Ruthanne estava gostando tanto quanto Joanna. Ruthanne falou-lhe de seu novo livro, uma nova aventura de Penny. Concordaram em almoçar juntas na semana seguinte. Joanna falaria com Bobbie, e as três iriam para o restaurante francês de Eastbridge. Ruthanne lhe telefonaria na segunda-feira de manhã.

Endereçou mais cartões de Natal e leu o livro de Skinner na cama, até que Walter chegou.

— Falei com Bobbie hoje à noite — disse ela. — Ela parecia diferente, vazia.

— Provavelmente, está cansada de todas essas correrias — disse Walter, esvaziando os bolsos de seu casaco sobre a cômoda.

— Parecia diferente no domingo, também — continuou Joanna. — Ela não falou...

— Só estava com um pouco mais de maquilagem, mais nada — disse Walter. — Você não vai começar de novo com essa história de reagentes químicos, vai?

Ela franziu o cenho, pressionando o livro fechado contra os joelhos sob o cobertor.

— Dave disse alguma coisa sobre eles terem experimentado maconha novamente? — perguntou ela.

— Não — respondeu Walter. — Mas talvez seja essa a resposta.

Fizeram amor, mas ela estava muito tensa e não conseguiu entregar-se realmente, e não foi muito bom.

Bobbie não telefonou. Por volta de uma hora, Joanna foi de carro até lá. Os cachorros latiram para ela, quando saiu da camioneta. Estavam acorrentados a uma corda presa atrás da casa. O *corgi* gania em pé, sobre as patas traseiras, tateando o ar, com as patas da frente, e o pastor peludo latia, parado. O Chevrolet azul de Bobbie estava na entrada ao lado da casa.

Bobbie, em sua sala de estar imaculada — as almofadas todas ajeitadas, as madeiras brilhando, as revistas arrumadas na mesa polida atrás do sofá —, sorriu para Joanna e disse: — Sinto muito, estava tão ocupada que me esqueci. Você já almoçou? Venha até a cozinha. Eu lhe preparo um sanduíche. O que vai querer?

Ela estava como no domingo — bonita, de cabelo penteado e rosto maquilado. E estava usando uma espécie de sutiã de espuma que lhe erguia os seios sob o suéter verde, e uma cinta que lhe espremia a cintura sob uma saia marrom, pregueada.

Em sua cozinha imaculada, ela disse:

— Sim, eu mudei. Compreendi que estava sendo tremendamente relaxada e egoísta. Não é nenhuma desgraça ser uma boa dona-de-casa. Decidi fazer meu dever conscientemente, da mesma forma que Dave faz o seu, e tomar mais cuidado com minha aparência pessoal. Tem certeza de que não quer um sanduíche?

Joanna sacudiu a cabeça.

— *Bobbie!* — exclamou ela. — Eu... você não está vendo o que aconteceu? O que quer que haja por aqui pegou em *você*, da mesma forma que em Charmaine!

Bobbie sorriu para ela.

— Não peguei nada. Não há *nada* por aqui. Aquilo tudo foi uma bobagem. Stepford é um lugar bom e saudável para se viver.

— Não quer mais se mudar?

— Ah, não — disse Bobbie. — Aquilo era bobagem também. Estou perfeitamente feliz aqui. Não posso nem ao menos lhe preparar uma xícara de café?

Ela telefonou para Walter em seu escritório: — Ah, boa tarde! — respondeu

Esther. — É um *prazer* falar com a senhora! Deve estar fazendo um dia *lindo* aí, ou a senhora está aqui na cidade?

— Não, estou em casa. Posso falar com Walter, por favor?

— Receio que no momento ele esteja numa reunião.

— É importante. Por favor, diga a ele.

— Espere um segundo, então.

Ela esperou, sentada na escrivaninha da saleta, olhando para os papéis e envelopes que tirara da gaveta do meio, e para o calendário — Terça-feira, 14 de dezembro, ontem — e para o desenho de Ike Mazzard.

— Ele vai atender agora mesmo, sra. Eberhart — disse Esther. — Nada de mau com Pete ou Kim, espero.

— Não, eles estão bem.

— Ótimo, devem estar tendo um...

— Alô — disse Walter.

— Walter?

— Alô. O que é que há?

— Walter, quero que você me ouça e não discuta — disse ela. — Bobbie se *transformou*. Estive na casa dela. A casa parece... está irrepreensível, Walter; está *imaculada*! E ela está toda... escute, você está com os talões de cheque? Estive procurando por eles e não os encontrei. Walter...

— Sim, estou com eles — disse ele. — Estive comprando algumas ações, de acordo com a recomendação de Dave. Para que você os quer?

— Para ver quanto temos — disse ela. — Havia uma casa em Eastbridge que...

— Joanna!

— Custa um pouco mais do que esta, mas...

— Joanna, ouça-me.

Não vou ficar aqui nem mais um...

— Ouça-me, que diabo!

Ela agarrou o fone.

— Continue — disse ela.

— Vou tentar chegar cedo em casa — disse ele. — Não faça coisa alguma até que eu chegue aí. Você está me ouvindo? Não se comprometa com nada. Acho que posso escapar daqui a meia hora.

— Não vou ficar aqui nem mais um dia — completou ela.

— Só quero que você espere até eu chegar aí, está bem? Não podemos falar sobre isso por telefone.

— Traga os talões de cheque — disse ela.

— Não faça nada até eu chegar aí. — O telefone deu um estalido e emudeceu.

Ela desligou.

Colocou os papéis e os envelopes de volta na gaveta do meio e fechou-a. Pegou então a lista telefônica e procurou o número da srta. Kirgassa, em Eastbridge.

A casa em que estava pensando, em St. Martin, ainda estava disponível.

— Na verdade, acho que o preço baixou desde que a senhora a viu.

— Quer me fazer um favor? — disse ela. — É possível que fiquemos com ela; saberei com certeza amanhã. Poderia descobrir qual o mínimo que eles aceitariam para uma venda imediata, e me avisar tão logo seja possível?

— Ligarei em seguida — disse Kirgassa. — A senhora sabe se a sra. Markowe achou alguma coisa?

Tínhamos combinado de nos encontrar esta manhã, mas ela não apareceu.

— Ela mudou de ideia, não vai mais sair daqui — disse. — Mas eu vou.

Telefonou para Buck Raymond, o corretor que haviam contratado em Stepford.

— Só por hipótese — disse ela —, se resolvêssemos vender nossa casa amanhã, o senhor acha que poderíamos fazê-lo imediatamente?

— Sem dúvida — respondeu Buck. — Há uma procura constante por aqui. Tenho certeza de que vocês poderiam reaver seu dinheiro e talvez até um pouco

mais. A senhora não está contente com ela?

— Não.

— Sinto saber disso. Devo começar a mostra-la? Há um casal aqui agora mesmo que está...

— Não, não, ainda não — disse ela. — Amanhã eu o avisarei.

— Agora, espere um minuto — disse Walter, fazendo gestos apaziguadores com as mãos.

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Não, o que quer que exista por aqui leva quatro meses para agir, o que significa que tenho só um mês de sobra. Talvez menos; precisamos nos mudar no dia 4 de setembro.

— Pelo amor de Deus, Joanna!

— Charmaine mudou-se em junho. E se transformou em novembro. Bobbie mudou-se em agosto, e estamos em dezembro. — Virou-se, afastando-se dele. A torneira da pia estava pingando; apertou-a com força, e ela parou de pingar.

— Mas vocês receberam a carta do Departamento de Saúde — disse Walter.

— Besteira, para citar Bobbie. — Virou-se e o encarou. — Existe *alguma coisa*, tem de haver. Vá dar uma olhada. Você faria isso? Ela está com o busto levantado até aqui, e o traseiro comprimido por uma cinta, reduzido a praticamente nada! A casa está parecendo a de um comercial. Como as de Carol e de Donna, e de Kit Sundersen.

— Ela ia ter de limpá-la mais cedo ou mais tarde; estava um chiqueiro.

— Ela se transformou, Walter! Ela não *fala* da mesma maneira, não *pensa* como antes, e eu não vou ficar esperando que isso aconteça comigo!

— Nós não vamos nos...

Kim veio do pátio, com o rosto corado envolto pelo capuz forrado de pele.

— Fique lá fora, Kim — ordenou Walter.

— Queremos alguns mantimentos — disse Kim. — Vamos sair para uma excursão.

Joanna apanhou a lata de biscoitos, abriu-a e tirou alguns. — Tome —

disse, colocando-os na mão enluvada de Kim. — Fiquem perto de casa, está escurecendo.

— Podemos comer biscoitos de chocolate?

— Nós *não temos* biscoitos de chocolate. Agora vá.

Kim saiu. Walter fechou a porta.

Joanna sacudiu as migalhas de sua mão.

— A casa é melhor que esta — disse ela —, e podemos comprá-la pelo preço desta; Buck Raymond disse que sim.

— Nós não vamos nos mudar — disse Walter.

— Você disse que nos mudaríamos!

— No próximo verão; não...

— Não vou ser mais eu mesma no próximo verão!

— Joanna...

— Você não compreende? Isso vai acontecer comigo em janeiro.

— Não vai acontecer nada a você!

— Foi isso o que eu disse a Bobbie! E ainda brinquei com ela a respeito da água mineral.

Ele se aproximou dela.

— Não há nada na água, não há nada no ar — disse ele. — Elas se transformaram exatamente pelas razões que lhe deram: porque compreenderam que eram preguiçosas e negligentes. Se Bobbie resolveu preocupar-se com sua aparência, já era tempo. Não lhe faria mal algum, também, olhar-se num espelho de vez em quando.

Ela olhou para ele e ele desviou o olhar, corando e voltando a olhá-la.

— É verdade — continuou. — Você é uma mulher muito bonita, e nunca faz droga nenhuma consigo mesma, a menos que haja uma festa ou algo que o valha.

Ele se virou e foi até o fogão. Ficou torcendo o acendedor de um lado para o outro.

Ela o fitou.

— Eu sei o que vamos fazer...

— Você quer que eu me transforme?

— Claro que não, não seja boba. — Ele se voltou.

— É isso o que você quer? — perguntou ela. — Uma *hausfrau* engraçadinha e toda embonecada?

— Tudo o que eu disse foi...

— Foi por isso que você escolheu Stepford para morar? Alguém lhe deu a dica? "Leve-a para Stepford, Waly, meu velho; há alguma coisa no ar por lá; ela vai se transformar em quatro meses."

— Não há nada no ar — repetiu Walter. — A dica que recebi foi a respeito de boas escolas e impostos baixos. Agora, olhe, estou tentando encarar tudo isso sob o seu ponto de vista e fazer um julgamento justo. Você quer se mudar porque está com medo de se *transformar*; e acho que você está sendo irracional e um pouco histérica, e que, se nos mudarmos agora, isso implicaria uma carga pesada e desnecessária a todos nós, especialmente a Pete e Kim. — Parou e tomou fôlego: — Está bem, façamos o seguinte, você vai ter uma conversa com Alan Hollingsworth e, se ele disser que você está ...

— Com quem?

— Alan Hollingsworth — disse ele. Seus olhos se desviaram dos dela. — O psiquiatra, você sabe. — Seus olhos se voltaram. — Se ele disser que você não está sofrendo de nenhuma...

— Não estou precisando de nenhum psiquiatra — disse ela. — E, se precisasse, não procuraria Alan Hollingsworth. Vi sua mulher na reunião de Pais e Mestres; ela é uma *delas*; posso *apostar* que ele pensaria que estou agindo irracionalmente.

— Então, escolha outro — disse ele. — O que quiser. Se você não estiver sofrendo de nenhuma espécie de delírio ou qualquer outra coisa, então nos mudamos, tão logo seja possível. Vou dar uma olhada naquela casa amanhã de manhã, e até deixar um depósito.

— Não estou precisando de psiquiatra — repetiu ela. — Estou precisando é de sair de Stepford.

— Agora vamos, Joanna —. disse ele. — Acho que estou sendo bem razoável. Você está exigindo de nós um grande esforço, e acho que você nos deve, a todos, inclusive a você, especialmente a você, a certeza de que está vendo as coisas tão claramente quanto julga.

Ela olhou para ele.

— Concorda? — perguntou ele.

Ela não disse nada. Olhou para ele.

— Concorda? — repetiu ele. — Não lhe parece razoável?

— Bobbie transformou-se enquanto estava sozinha com Dave, e Charmaine quando estava sozinha com Ed — disse, finalmente.

Ele desviou o olhar, sacudindo a cabeça.

— Será que vai acontecer *isso comigo*? — perguntou ela. — No nosso fim de semana a sós?

— Foi ideia sua — disse ele.

— Você a teria sugerido, se eu não o tivesse feito?

— Está vendo só? — disse ele. — Viu como está falando? Eu queria que você pensasse no que lhe propus. Não pode mudar toda a nossa vida assim no calor de um momento. Seria insensato. — Saiu da cozinha.

Ela ficou parada lá, e colocou a mão na testa, fechando os olhos. Ficou assim, e depois abaixou a mão, abriu os olhos e sacudiu a cabeça. Foi até a geladeira, abriu-a e retirou uma tigela coberta e um pacote de carne.

Ele estava sentado à escrivaninha, escrevendo num bloco amarelo. Um cigarro, no cinzeiro, soltava espirais de fumaça para cima, na direção do abajur. Ele olhou para ela e tirou os óculos.

— Está bem — disse ela. — Falarei com alguém. Mas uma mulher.

— Ótimo. É uma boa ideia.

— Você deixa um depósito para a casa amanhã?

— Sim — disse ele. — A não ser que haja algo de muito errado com ela.

— Não há. É uma casa boa e tem somente seis anos. Com uma boa hipoteca.

— Ótimo — disse ele.

Ela ficou olhando para ele.

— Quer que eu me transforme? — perguntou.

— Não. Só queria que você pusesse um batom de vez em quando. Não seria nenhuma mudança radical. Eu também queria *me transformar*, como, por exemplo, perder alguns quilos.

Ela puxou os cabelos para trás.

— Vou trabalhar um pouco no quarto escuro. Pete ainda está acordado. Você pode dar uma olhada nele?

— Claro — disse ele, e sorriu para ela.

Ela o olhou, virou-se e foi embora.

Joanna telefonou para o já famoso Departamento de Saúde, e eles a puseram em contato com a sociedade médica regional, que, por sua vez, forneceu os nomes e os números de telefone de cinco psiquiatras mulheres. As duas mais próximas, em Eastbridge, já estavam com os horários totalmente reservados até o meio de janeiro; mas a terceira em Sheffield, ao norte de Norwood, poderia atendê-la no sábado à tarde, às duas horas. Dra. Margaret Fancher; ela pareceu simpática pelo telefone.

Terminou os cartões de Natal e a fantasia de Pete; comprou brinquedos e livros para Pete e Kim, e uma garrafa de champanha para Bobbie e Dave. Comprou na cidade uma fivela de ouro para o cinto de Walter e planejou vasculhar as lojas de antiguidades da Rodovia 9, para ver se achava documentos antigos; ao invés disso, comprou um casaco bege.

Chegaram os primeiros cartões de Natal — de seus pais e dos sócios mais novos de Walter, dos McCormick, dos Chamalian, e dos Van Sants. Ela os enfileirou numa prateleira da estante de livros da sala de estar.

Chegou um cheque da agência: cento e vinte e cinco dólares.

Na sexta-feira à tarde, a despeito da espessa camada de neve, e de continuar

a nevar, ela pôs Pete e Kim na camioneta e foi até a casa de Bobbie.

Bobbie os recebeu afetosamente; Adam, Kenny e os cachorros acolheram-nos ruidosamente. Bobbie preparou um chocolate quente, e Joanna carregou a bandeja até a sala de visitas.

— Cuidado — disse Bobbie —, pois encerei o chão esta manhã.

— Eu notei — disse Joanna.

Sentou-se na cozinha, olhando para Bobbie — a bela e elegante Bobbie —, que limpava o fogão, com toalhas de papel, e o vaporizava com um detergente.

— O que é que você *fez* a si mesma, pelo amor de Deus? — perguntou ela.

— Não estou comendo como antes — disse Bobbie. — Estou fazendo mais exercício.

— Você deve ter perdido uns cinco quilos!

— Não, só uns dois ou três. Estou usando uma cinta.

— Bobbie, *por favor*, conte-me o que *aconteceu* no fim de semana passado.

— Nada. Ficamos em casa.

— Você fumou alguma coisa, ou tomou algo? Drogas, quero dizer.

— Não, não seja tola.

— Bobbie, você não é mais a *mesma*! Será que não consegue ver isso? Ficou igual às outras!

— Francamente, Joanna, isso é bobagem disse Bobbie. — Claro que não mudei. Simplesmente compreendi que estava sendo terrivelmente relaxada e egoísta, e agora estou cumprindo o meu dever conscientemente, da mesma forma que Dave cumpre o dele.

— Eu sei, eu sei — disse ela. — O que é que ele acha disso?

— Ele está muito feliz.

— Aposto que sim.

— Este detergente funciona de fato. Você o usa?

"Eu não estou louca", pensou. "Não estou louca."

Jonny e os outros dois meninos estavam fazendo um boneco de neve em frente à casa do vizinho. Ela deixou Pete e Kim dentro da camioneta e foi dizer alô para ele.

— Alô — disse ele. — Trouxe algum dinheiro para mim?

— Ainda não — disse ela, protegendo o rosto dos grandes flocos de neve que caíam. — Jonny, eu... não me sai da cabeça a maneira como sua mãe mudou.

Não é? — disse ele, concordando, ofegante.

— Não consigo entender — disse ela.

— Nem eu. Ela não grita mais, prepara cafés da manhã quentes... — Olhou para a casa, franzindo o cenho. Flocos de neve prendiam-se ao seu rosto. — Espero que dure, mas aposto que não.

A dra. Fancher era uma mulher pequena, com cara de duende, cerca de cinquenta anos, cabelo ondulado, já meio grisalho, um nariz pontudo de marionete e sorridentes olhos azul-acinzentados. Usava um vestido azul-escuro, um broche dourado, gravado com os símbolos chineses de *yin* e *yang*, e uma aliança de casada. Seu consultório era alegre, com móveis Chippendale e gravuras de Paul Klee, e cortinas listradas que deixavam entrever o brilho do sol e da neve lá fora. Havia um divã de couro marrom, com um encosto para a cabeça coberto de papel, porém Joanna sentou-se na cadeira em frente à escrivaninha e mogno, na qual dúzias de pequenas aparas de papel embandeiravam os lados de um mata-borrão verde.

— Estou aqui por sugestão de meu marido. Nós nos mudamos para Stepford no princípio de setembro, e quero me mudar de lá o mais breve possível. Fizemos um depósito de reserva de uma casa em Eastbridge, mas somente porque insisti nisso. Ele acha que estou me comportando irracionalmente.

Contou à dra. Fancher por que queria mudar-se; falou das mulheres de Stepford e disse que Charmaine e depois Bobbie haviam se transformado. — A senhora já esteve em Stepford? — perguntou.

— Só uma vez — disse a dra. Fancher. — Eu tinha ouvido falar que valia a pena ser vista, o que é verdade. Também ouvi falar que é uma comunidade insular e não sociável.

— O que é verdade, creia-me.

A dra. Fancher conhecia aquela cidade do Texas que tinha baixo índice de criminalidade.

— Aparentemente, o lítio é o responsável — disse ela. — Publicaram um artigo sobre isso em uma revista.

— Bobbie e eu escrevemos para o Departamento de Saúde — disse Joanna. — Eles disseram que nada havia em Stepford que pudesse afetar alguém. Acho que eles pensaram que estávamos malucas. Naquela época, por acaso, eu é que pensei que Bobbie estivesse excessivamente angustiada. Ajudei-a a escrever a carta apenas porque ela me pediu... — Olhou para suas mãos crispadas e juntou-as.

A dra. Fancher permaneceu em silêncio.

— Comecei a suspeitar — disse Joanna. — Ah, meu Deus, *suspeitar*; isso soa tão... — Juntou as mãos, olhando para elas.

A dra. Fancher disse:

— Começou a suspeitar de quê?

Separou as mãos e enxugou-as na saia.

— Comecei a suspeitar de que os homens estão por trás disso. — Olhou para a dra. Fancher.

A dra. Fancher não sorriu, nem pareceu surpresa.

— Que homens? — perguntou.

Joanna olhou para suas mãos.

— Meu marido, o marido de Bobbie, o de Charmaine. — Olhou para a dra. Fancher. — Todos eles.

E falou da Associação Masculina.

— Uma noite, há alguns meses, eu estava no centro, tirando umas fotografias. Lá onde ficam aquelas lojas comerciais; o prédio dá para as lojas. As janelas estavam abertas, e havia um cheiro no ar. De remédio ou de drogas. E então as persianas foram abaixadas, talvez porque eles tenham percebido que eu estava lá fora; um policial que tinha me visto parou e conversou comigo. — Inclinou-se para a frente. — Existem várias fábricas sofisticadas na Rodovia 9

— disse ela —, e muitos dos homens que moram em Stepford têm empregos de alto nível ali; e pertencem à Associação Masculina. *Alguma coisa* acontece lá todas as noites, e não acho que sejam somente reparos em brinquedos para crianças necessitadas, bilhar e pôquer. Existe a AmeriChem-Willis e a Produtos Bioquímicos Stevenson. Eles poderiam estar produzindo qualquer coisa que não fosse percebida pelo Departamento de Saúde, lá em cima, na Associação Masculina... — Recostou-se na cadeira, enxugando as mãos nas coxas, sem olhar para a dra. Fancher.

A dra. Fancher fez-lhe perguntas sobre seu ambiente familiar e sobre seu interesse por fotografia; sobre os empregos que tivera, sobre Walter, Pete e Kim.

— Qualquer mudança é traumática, até certo ponto — disse a dra. Fancher —, e particularmente mudanças da cidade para o subúrbio, quando uma mulher acha que seu papel de dona-de-casa não preenche totalmente sua vida. Pode ser algo muito semelhante a ser mandada para a Sibéria. — Sorriu para Joanna. — E a temporada de feriados em nada ajuda. Ela tende a ampliar as angústias de todo mundo. Sempre achei que deveríamos ter um feriado *real* num ano desses, e deixar de lado todas essas histórias.

Joanna sorriu.

A dra. Fancher inclinou-se para a frente e, juntando as mãos, apoiou os cotovelos na escrivaninha.

— Posso entender que você não se sinta feliz numa cidade de mulheres altamente orientadas para o lar. Eu também não me sentiria; mulher alguma com outros interesses se sentiria. Mas eu gostaria de saber, e imagino que seu marido também, se você seria mais feliz em Eastbridge, ou em qualquer outro lugar, especialmente nesta época.

— Acho que sim — disse Joanna.

A dra. Fancher olhou para suas mãos, comprimindo e flexionando a mão da aliança com a outra.

Olhou para Joanna.

— As cidades desenvolvem suas características gradativamente, à medida que as pessoas as escolhem e vão morar nelas. Uns poucos artistas e escritores vieram aqui para Sheffield há muito tempo; outros os seguiram, e as pessoas que os achavam muito boêmios se mudaram. Agora somos uma cidade de artistas e escritores; claro que não exclusivamente, mas o suficiente para nos destacarmos

de Norwood e Kimball. Estou certa de que Stepford desenvolveu uma característica própria, da mesma forma. Isso me parece muito mais provável do que a ideia de que os homens se juntaram para fazer uma lavagem cerebral química nas mulheres. E será que eles poderiam fazê-lo, realmente? Eles poderiam tranquilizá-las, isso sim; mas essas mulheres não me parecem tranquilizadas; elas trabalham duramente e são diligentes, dentro de seu pequeno campo de interesses. Isso seria um trabalho e tanto, mesmo para o mais avançado dos químicos.

— Sei que isso parece... — Joanna esfregou a têmpora.

— Parece — cortou a dra. Fancher — a ideia de uma mulher que, como muitas outras hoje em dia, com bons motivos, suspeita dos homens e tem um ressentimento profundo por eles. Uma mulher que é impelida em duas direções por exigências conflitantes, talvez muito mais fortemente do que ela possa perceber; de um lado, as velhas convenções, e, de outro, as *novas* convenções da mulher liberada.

Joanna, sacudindo a cabeça, disse:

— Se a senhora pudesse ver *como são* as mulheres de Stepford! São atrizes de comerciais de televisão, todas elas. Não, nem mesmo isso. Elas... elas são como ... — Sentou-se mais à frente. — Há umas quatro ou cinco semanas, passou um programa e meus filhos assistiram. Esses bonecos de todos os presidentes, movendo-se e mostrando várias expressões faciais diferentes. Abraham Lincoln levantou-se e proferiu o discurso de Gettysburg; parecia tão real que a gente poderia... — Ficou sentada, imóvel.

A dra. Fancher esperou e anuiu.

— Ao invés de forçar uma mudança imediata para sua família — disse ela —, acho que você deveria con...

— *Disneylândia*... — disse Joanna. — O programa era *Disneylândia*...

A dra. Fancher sorriu.

— Eu sei. Meus netos estiveram lá no verão passado. Eles me contaram que "conheceram" Lincoln.

Joanna olhava através dela.

— Acho que você devia pensar em tentar fazer uma terapia — disse a dra. Fancher. — Para identificar e esclarecer seus sentimentos. Aí, então, poderia dar

o passo *certo*, talvez para Eastbridge, talvez de volta para a cidade; talvez até você venha a achar Stepford menos opressiva.

Joanna voltou-se para ela.

— Você poderia pensar nisso um dia ou dois e me telefonar? — perguntou a dra. Fancher. — Tenho certeza de que posso ajudá-la. Certamente, vale a pena gastar algumas horas investigando, não?

Joanna anuiu, sentada e imóvel.

A dra. Fancher tirou a caneta do suporte e escreveu no bloco de receitas.

Joanna olhou para ela. Levantou-se e pegou a bolsa em cima da escrivaninha.

— Isto vai ajudá-la, por enquanto — disse a dra. Fancher, escrevendo. — É um tranquilizante suave. Pode tomar três por dia. — Arrancou a folha e entregou-a a Joanna, sorrindo. — Não vão fazê-la ficar fascinada por trabalho doméstico — disse ela.

Joanna pegou a folha.

A dra. Fancher levantou-se.

— Não estarei aqui durante a semana do Natal, mas poderíamos começar a partir do dia 3.

Poderia me telefonar na segunda ou terça-feira e dizer-me o que decidiu?

Joanna anuiu.

A dra. Fancher sorriu.

— Não é nada catastrófico — disse ela. — Sinceramente, tenho certeza de que posso ajudá-la. — Estendeu a mão.

Joanna apertou-a e saiu.

A biblioteca estava movimentada. A srta. Austrian disse que eles estavam lá embaixo, no porão. A porta da esquerda, prateleira de baixo. Que os deixasse em ordem. Que não fumasse. Que desligasse as luzes.

Ela desceu a escada estreita e íngreme, tocando a parede com a mão. Não havia corrimão.

A porta da esquerda. Achou o interruptor. Um ponto fluorescente; cheiro de papéis velhos; o ruído de um motor aumentando de intensidade.

O quarto era pequeno, de teto baixo. As paredes, cheias de prateleiras com revistas, circundavam uma mesa de leitura e quatro cadeiras de cozinha, de metal cromado e plástico vermelho.

Da prateleira inferior, sobressaíam grandes volumes encadernados de marrom, que davam a volta ao quarto inteiro, em posição horizontal, empilhados de seis em seis.

Ela pôs a bolsa na mesa, tirou o casaco e colocou-o numa cadeira.

Começou com os de cinco anos atrás, folheando os volumes de trás para a frente, cada um compreendendo meio ano.

"As associações Cívica e Masculina vão fundir-se — A união proposta entre a Associação Cívica de Stepford e a Associação Masculina de Stepford foi endossada por membros de ambas as organizações e terá lugar dentro de algumas semanas. Thomas C. Miller III e Dale Coba, os respectivos presidentes... "

Folheou mais para trás, passando por jogos de futebol, ligas infantis e nevascas, roubos, colisões, disputas escolares.

"O Clube Feminino suspende suas reuniões — O Clube Feminino de Stepford está suspendendo suas reuniões bissemanais devido à diminuição do número de membros, de acordo com a sra. Richard Ockrey, que assumiu a presidência do clube há somente dois meses, em consequência da renúncia da presidente anterior, sra. Alan Hollingsworth. É somente uma suspensão temporária, disse a sra. Ockrey, em sua casa da Fox Hollow Lane. Estamos planejando uma campanha em grande escala para atrair sócias, e reiniciar as atividades no começo da primavera...

Não diga, sra. Ockrey.

Folheou mais para trás, passando por anúncios de filmes antigos, comida barata, o incêndio na Igreja Metodista e a inauguração do sistema de incineração.

"A Associação Masculina compra a casa Terhune — Dale Coba, presidente da Associação Masculina de Stepford... "

Uma mudança na lei de zoneamento, um roubo na CompuTech.

Colocou o volume mais antigo sobre o anterior.

Sentada, abriu o volume pelo final.

"A Liga de Eleitoras pode acabar fechando."

Que havia de tão surpreendente nisso?

"A menos que o decréscimo no número de sócias seja revertido, a Liga de Eleitoras de Stepford pode ser forçada a fechar suas portas. Esse é o aviso da nova presidente da Liga, sra. Theodore van Sant, da Fairview Lane..."

Carol?

Para trás, para trás.

O fim da estiagem, a volta da estiagem.

"A Associação Masculina reelege Coba — Dale Coba, da Anvil Road, foi eleito por unanimidade para uma segunda gestão de dois anos como presidente da progressista..."

Para trás mais dois anos, então.

Pulou três volumes.

Um roubo, um incêndio, uma quermesse, uma avalanche de neve.

Ela segurava as páginas com uma das mãos e as virava com a outra; rápido, rápido.

"Formada a Associação Masculina — Doze homens de Stepford, que haviam reformado o bar fechado da Switzer Lane, e que se reuniam nele há cerca de um ano, formaram a Associação Masculina de Stepford, e tornar-se-ão os novos membros. Dale Coba, da Anvil Road, foi eleito presidente da associação; Duane T. Anderson, da Switzer Lane, é o vice-presidente, e Robert Summer Jr., da Gwendolyn Lane, é o secretário-tesoureiro. Segundo o sr. Coba, a associação tem finalidades 'puramente sociais: pôquer, conversa entre homens e troca de ideias sobre passatempos e atualidades'. A família Coba parece ser especialmente empreendedora. A sra. Coba estava entre as fundadoras do Clube Feminino de Stepford, se bem que recentemente se tenha desligado, assim como a sra. Anderson e a sra. Summer. Outros membros da Associação Masculina de Stepford são Claude Axhelm, Peter J. Duwicki, Frank Ferretti, Steven Margolies, Ike Mazzard, Frank Roddenberry, James J. Scofield, Herbert Sundersen e Martin I. Weiner. Homens interessados em informações mais detalhadas devem..."

Pulou mais dois volumes e passou a virar as páginas juntando um número inteiro, procurando em cada um as "Notas sobre os recém-chegados", a matéria de segunda página.

" ... o sr. Ferretti é um engenheiro que trabalha no laboratório de desenvolvimento de sistemas da Corporação CompuTech...

... o sr. Summer, que possui várias patentes de corantes e plásticos, juntou-se recentemente à Corporação AmeriChem-Willis, onde faz pesquisas em polímeros de vinil..."

"Notas sobre recém-chegados", "Notas sobre recém-chegados"; só parava quando via nomes conhecidos, pulando até o fim do artigo, dizendo para si mesma que estava certa, ela estava certa.

" ... o sr. Duwicki, conhecido pelos amigos como Wick, trabalha no departamento de microcircuitos da Corporação Instatron...

... o sr. Weiner está na divisão de som da Corporação Instatron...

... o sr. Margolies trabalha com Reed & Saunders, produtores de mecanismos de estabilização, cuja nova fábrica, na Rodovia 9, começa a funcionar na próxima semana."

Colocava os volumes nos seus lugares e retirava outros, largando-os pesadamente sobre a mesa.

" ... o sr. Roddenberry é diretor associado do laboratório de desenvolvimento de sistemas da Corporação CompuTech.

... o sr. Sundersen projeta sensores ópticos para a firma Óptica Ulitz..."

E, finalmente, encontrou.

Leu o artigo inteiro.

"Os novos vizinhos da Anvil Road são o sr. e a sra. Dale Coba e seus filhos, Dale Jr., de quatro anos, e Darren, de dois. Os Cobas vieram de Anaheim, Califórnia, onde moraram por seis anos. 'Até agora estamos gostando desta parte do país', disse a sra. Coba. 'Não sei como nos sentiremos quando o inverno chegar. Não estamos acostumados com o clima frio.'

O sr. e a sra. Coba frequentaram a UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles. (N. do T.)) e o sr. Coba fez pós-graduação no California Institute of Technology. Durante os últimos seis anos, esteve trabalhando em Audio-animatografia, na

Disneylândia, ajudando a criar os bonecos móveis e falantes dos presidentes, que apareceram no número de agosto da *National Geographic*. Seus passatempos são caça e piano. A sra. Coba, que se formou em línguas, está fazendo, em seu tempo livre, uma tradução do romance clássico norueguês *As filhas do comandante*.

O trabalho do sr. Coba aqui, provavelmente, vai aparecer menos do que na Disneylândia; ele entrou para o departamento de pesquisa e desenvolvimento da firma Burnham-Massey-Microtech."

Ela deu uma risada.

Pesquisa e desenvolvimento! E, provavelmente, vai aparecer menos!

Ela riu e riu.

Não conseguia parar.

Não *queria* parar!

Ria, de pé, olhando para as "Notas sobre os recém-chegados", em sua coluna bem-arrumada. Provavelmente vai aparecer menos! Meu Deus do céu!

Fechou o grande volume marrom, rindo, e, pegando-o junto com o volume que estava embaixo, atirou-os para o seu lugar na prateleira.

— Sra. Eberhart? — Era a srta. Austrian, lá em cima. — São cinco para as seis; vamos fechar.

"Pare de rir, pelo amor de Deus."

— Já terminei — disse ela. — Estou só arrumando os volumes.

— Verifique se estão na ordem certa:

— Pode deixar — gritou ela.

— E apague as luzes.

Colocou todos os volumes mais ou menos em ordem.

— Ah, meu Deus do céu! — disse ela, sorrindo. — *Provavelmente!*

Pegou a bolsa e o casaco, apagou as luzes e subiu as escadas, rindo, em direção à srta. Austrian, que a espiava. Não era de admirar!

— A senhora achou o que procurava? — perguntou a srta. Austrian.

— Ah, sim — disse ela, controlando as risadas. — Muito obrigada. Você é

uma fonte de sabedoria. Você e a sua biblioteca. Obrigada. Boa noite.

— Boa noite — disse a srta. Austrian.

Atravessou a rua até a farmácia, porque, Deus sabia, necessitava de um tranquilizante. A farmácia estava fechando também; semi-escurecida e sem ninguém além dos Cornells. Entregou a receita ao sr. Cornell. Ele a leu e disse: — Sim, posso arranjar isso agora mesmo. — Foi até os fundos.

Ela olhou, sorridente, para os pentes numa estante. Um vidro tilintou às suas costas, e ela se virou.

A sra. Cornell estava junto à parede, atrás do balcão lateral, fora da parte iluminada da farmácia. Limpava alguma coisa com um pano, limpava a prateleira e colocava alguma coisa de volta, fazendo o vidro tilintar. Era alta e loura, tinha pernas longas, busto cheio; tão bonita como... ah, como uma garota de Ike Mazzard. Tirou alguma coisa da prateleira e recolocou no lugar, fazendo o vidro tilintar; tirou outra coisa da prateleira e...

— Alô — disse Joanna.

A sra. Cornell virou a cabeça.

— Sra. Eberhart — disse ela, e sorriu. Como vai?

— Bem — disse Joanna. — Tudo azul. E como vai a senhora?

— Muito bem, obrigada — disse a sra. Cornell. Esfregou alguma coisa que estava segurando, limpou a prateleira e recolocou-a no lugar, fazendo o vidro tilintar; tirou outra coisa da prateleira, esfregou-a e...

— A senhora faz isso muito bem — disse Joanna.

— Estou só tirando a poeira — disse a sra. Cornell, esfregando a prateleira.

Nos fundos, alguém batia à máquina.

Joanna perguntou:

— Conhece o discurso de Gettysburg?

— Receio que não — disse a sra. Cornell, esfregando alguma coisa.

— Ora, vamos. Todo mundo o conhece. "Há oitenta e sete anos..."

— Isso eu conheço, mas não sei o resto — disse a sra. Cornell. Recolocou alguma coisa na prateleira, fazendo o vidro tilintar, pegou outra coisa da

prateleira e esfregou-a...

— Ah, compreendo, não adianta — disse Joanna. — Conhece "Este porquinho foi ao mercado"?

— Claro — disse a sra. Cornell, esfregando a prateleira...

— Ponho na conta? — perguntou o sr. Cornell. Joanna virou-se. Ele estendeu um pequeno frasco de tampa branca.

— Sim — disse ela, pegando-o. — O senhor tem um pouco de água? Eu gostaria de tomar um, agora.

Ele assentiu e voltou para os fundos.

Ali em pé, com o frasco na mão, ela começou a tremer. Vidros tilintavam atrás dela. Tirou a tampa do frasco e puxou o algodão para fora. Lá dentro havia comprimidos brancos; ela virou um na palma da mão, tremendo, empurrou o algodão para dentro do frasco e pressionou a tampa. Vidros tilintavam atrás dela...

O sr. Cornell voltou com um copo de papel cheio de água.

— Obrigada — disse ela, segurando-o. Colocou o comprimido na ponta da língua, tomou um gole de água e engoliu-o.

O sr. Cornell escrevia num bloco. O alto de sua cabeça era calvo e branco, como alguma coisa que estivesse embaixo de uma pedra, viscosa, com alguns fios de cabelo castanho empastados. Ela bebeu o resto da água, largou o copo e colocou o frasco dentro da bolsa. Vidros tilintavam atrás dela...

O sr. Cornell virou o bloco em sua direção e ofereceu-lhe uma caneta, sorrindo. Ele era feio; tinha olhos pequenos e quase nenhum queixo.

Ela pegou a caneta.

— O senhor tem uma esposa adorável — disse, assinando o bloco. — Bonita, prestativa e submissa ao seu amo e senhor; o senhor é um homem de sorte. — Estendeu a caneta para ele.

Ele a pegou, com o rosto vermelho.

— Eu sei — disse ele, olhando para baixo.

— Esta cidade está cheia de homens de sorte — disse ela. — Boa noite.

Boa noite — disse ele.

— Boa noite — disse a sra. Cornell. — Volte sempre.

Saiu para a rua, enfeitada para o Natal. Passavam uns carros, com os pneus cantando.

As janelas da Associação Masculina estavam iluminadas; assim como as janelas das casas, mais acima, na colina. Luzes vermelhas, verdes e laranja piscavam em algumas delas.

Respirou profundamente o ar da noite, pisou com as botas num monte de neve e atravessou a rua.

Caminhou ao longo do presépio iluminado e parou para olhá-lo; Maria, José e o Menino Jesus, e ovelhas e bezerros em volta deles. Tudo muito real, se bem que um pouco ao estilo de Disney.

— Vocês também falam? — perguntou ela a Maria e José. Não houve resposta, eles simplesmente continuaram a sorrir.

Ela ficou ali — não tremia mais —, e então caminhou de volta à biblioteca.

Entrou no carro, deu a partida e acendeu os faróis; atravessou a rua, deu marcha à ré e passou pelo presépio, em direção à colina.

A porta abriu-se quando ela subia pelo caminho, e Walter perguntou:

— Onde é que você esteve?

Ela bateu as botas contra os degraus da porta.

— Na biblioteca.

— Por que não telefonou? Pensei que você tivesse tido um acidente, com essa neve...

— As estradas estão livres — disse ela, limpando as botas no capacho.

— Você devia ter telefonado, por Deus do céu. Já são mais de seis horas. — Ela entrou. Ele fechou a porta.

Joanna colocou a bolsa na cadeira e começou a tirar as luvas.

Como é ela? — perguntou ele.

— É muito simpática. Compreensiva.

— O que é que ela disse?

Ela colocou as luvas nos bolsos e começou a desabotoar o casaco.

— Achou que eu preciso de uma pequena terapia. Para esclarecer meus sentimentos antes que nos mudemos. Estou sendo impelida em duas direções por exigências conflitantes. — Tirou o casaco.

— Bem, isso me parece um conselho sensato — disse ele. — Para mim, pelo menos. O que é que você acha?

Ela olhou para o casaco, segurando-o pelo forro da gola, e largou-o sobre a bolsa, na cadeira. Suas mãos estavam frias; esfregou uma palma na outra, olhando para ele.

Walter a olhava com muita atenção, com a cabeça inclinada. A barba por fazer salpicava suas faces e escurecia a cova de seu queixo. Seu rosto estava mais cheio do que ela se lembrava — ele estava engordando — e sob seus maravilhosos olhos azuis já se formavam bolsas. Qual era sua idade agora? Quarenta anos no seu próximo aniversário, dia 3 de março.

— A mim — disse ela — parece um erro, um grande erro. — Baixou as mãos e alisou a saia. — Vou levar Pete e Kim para a cidade. Para a casa de Shep e...

— Para quê?

— ... Sylvia ou para um hotel. Telefonarei em um dia ou dois. Ou pedirei a alguém para telefonar. Um outro advogado.

Ele olhou para ela.

— Sobre o que você está falando?

— Eu sei. — disse ela. — Estive lendo vários números velhos do *Chronicle*. Sei o que Dale Coba costumava fazer, e o que está fazendo *agora*, ele e esses outros gênios da CompuTech e da Instatron.

Ele olhou para ela e piscou.

— Não sei do que você está falando — disse ele.

— Ah, chega. — Ela se virou e foi para a cozinha, atravessando o corredor e acendendo as luzes. A janelinha que dava para a sala de visitas estava às escuras. Ela se voltou; Walter estava na porta.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — disse ele.

Ela passou por ele.

— Pare de mentir — disse ela. — Você está mentindo para mim desde que tirei a minha primeira fotografia. — Virou-se e começou a subir as escadas.

— Pete — chamou. — Kim.

— Eles não estão aqui.

Ela olhou para ele por cima do corrimão, à medida que ele se aproximava, vindo do corredor.

— Como você não aparecia — disse ele —, achei que seria melhor eles passarem a noite fora. No caso de haver algo errado.

Ela se voltou, olhando para ele.

— Onde estão eles? — perguntou.

— Com amigos. Eles estão bem.

— *Que* amigos?

Ele se aproximou até o início da escada.

— Eles estão bem — disse ele.

Ela o encarou, enquanto se agarrava ao corrimão.

— Nosso fim de semana a sós? — perguntou.

— Acho que você devia deitar-se um pouco — disse ele. Colocou uma mão na parede e a outra no corrimão. — Você não está sendo coerente, Joanna. Entre todas as pessoas, onde é que Diz entra nisso tudo? E o que é que você acaba de dizer sobre o fato de eu mentir para você?

— O que é que você fez? — perguntou ela. — Apressou a encomenda? Foi por isso que todos estavam tão ocupados esta semana? Brinquedos de Natal, *essa* é a maior! O que é que *você* estava fazendo? Experimentando o tamanho?

— Francamente, não sei o que você...

— O boneco — disse ela. Inclinou-se em sua direção segurando o corrimão. — O robô! Ah, muito "bem, advogado surpreendido por nova alegação. Você está se perdendo em créditos e propriedade. Devia estar num tribunal. Quanto é

que custa? Você me diria? Estou morrendo de vontade de saber. Qual é o preço atual de uma esposa que-fica-dentro-da- cozinha, com peitos grandes e sem nenhuma exigência? Uma fortuna, aposto. Ou eles o fazem bem baratinho, em nome do velho espírito que reina na Associação Masculina? E o que acontece com as esposas reais? O incinerador? O lago de Stepford?

Ele olhava para ela, de pé, com as mãos na parede e no corrimão.

— Vá para cima e deite-se — disse ele.

— Vou sair — disse ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Não, enquanto estiver falando assim. Vá para cima e descanse.

Ela desceu um degrau.

— Não vou ficar aqui para ser...

— Você não vai sair — disse ele. — Agora, vá para cima e descanse. Quando você se acalmar, tentaremos conversar sensatamente.

Ela olhou para ele, de pé, lá embaixo, com as mãos na parede e no corrimão, olhou para o seu casaco na cadeira, virou-se e subiu rapidamente as escadas. Entrou no quarto e fechou a porta; virou a chave e acendeu as luzes.

Foi até o armário, abriu uma gaveta e tirou um suéter branco, grosso; sacudiu-o para que se desenrolasse e enfiou os braços nas mangas. Puxou a gola por sobre a cabeça e soltou o cabelo por cima. Ele tentou abrir a porta e depois bateu.

— Joanna?

— Suma — disse ela, ajeitando o suéter. — Estou descansando. Você me disse para descansar.

— Deixe-me entrar só um minuto.

Ela ficou olhando para a porta, sem dizer nada.

— Joanna, abra a porta.

— Mais tarde — disse ela. — Quero ficar só um momento.

Ela permaneceu imóvel, olhando para a porta.

— Está bem, mais tarde.

Ela ficou escutando — silêncio —, virou-se para a cômoda e abriu a gaveta de cima. Pegou um par de luvas brancas. Calçou-as, pegou um cachecol comprido e listrado e enrolou-o em volta do pescoço.

Foi até a porta e escutou, apagando as luzes.

Dirigiu-se à janela e levantou a persiana. A luz do lampião brilhava. A sala de estar dos Claybrooks estava iluminada, mas vazia; as janelas do segundo andar estavam às escuras.

Levantou a janela silenciosamente. As janelas contra tempestade estavam atrás.

Esquecera as malditas janelas contra tempestade.

Empurrou a parte de baixo. Estava bem apertada e não se movia. Empurrou com o lado de seu punho enluvado e de novo com ambas as mãos. A janela cedeu alguns centímetros para fora — e não se moveria além disso. Os pequenos braços de metal, dos lados, estavam abertos ao máximo. Ela teria de despregá-los da esquadria da janela.

Urna luz brilhou lá fora, na neve.

Ele estava na saleta.

Ela se endireitou e escutou; uma série de estalidos abafados vinham de trás dela, do telefone da mesa-de-cabeceira; de novo e de novo, longo, curto, longo.

Ele estava discando do telefone da saleta.

Chamando Dale Coba para contar-lhe que ela estava lá. Continue com os planos. Todos os sistemas em funcionamento.

Ela andou na ponta dos pés até a porta, escutou,

destrancou a porta e abriu-a com a mão. A arma espacial de Pete jazia na entrada de seu quarto. A voz de Walter se fazia ouvir fracamente.

Ela foi na ponta dos pés até a escada e começou a descer vagarosamente, silenciosamente, colando-se à parede, olhando para baixo, através das grades do corrimão, em direção ao canto onde ficava a saleta.

— ... não estou certo de conseguir dominá-la...

Pode estar certo de que não, conselheiro.

Entretanto, a cadeira perto da porta da frente estava vazia, seu casaco e sua bolsa (com as chaves do carro e a carteira) haviam sumido.

Mesmo assim, era melhor do que sair pela janela.

Alcançou o *hall*. Ele terminou de falar e ficou quieto. Procurar a bolsa?

Ele se moveu na saleta, e ela se agachou na sala de estar, permanecendo colada, de costas, contra a parede.

Seus passos vieram até o *hall*, aproximaram-se da porta e pararam.

Ela prendeu a respiração.

Uma série de sopros curtos se fizeram ouvir era o seu costumeiro som "agora vejamos" antes de abordar algum problema maior; instalando as janelas contra tempestade, montando um triciclo. (Matando uma esposa? Ou Coba, o caçador, desempenhava essa função?) Fechou os olhos e tentou não pensar, receando que, de alguma forma, seus pensamentos chamassem a sua atenção.

Seus passos subiram a escada, vagarosamente. Ela abriu os olhos e soltou a respiração pouco a pouco, esperando que ele subisse mais.

Atravessou a sala de estar rapidamente e sem ruído, passando em volta das cadeiras e da mesinha do abajur; destrancou a porta do pátio e abriu-a; destrancou a porta contra tempestade e empurrou-a de encontro a um monte de neve solta.

Espremeu-se para fora e correu sobre a neve, correu e correu, com o coração batendo; correu em direção aos troncos escuros das árvores, contra a neve, que apresentava marcas de trenó e pegadas de Pete e Kim; correu, correu e agarrou um tronco, deu a volta nele e foi tropeçando por entre troncos de árvores, troncos de árvores. Corria, tropeçava, tateava, mantendo-se no centro da longa fileira de árvores que separava as casas da Fairview Lane das casas da Harvest.

Era preciso chegar à casa de Ruthanne. Ruthanne lhe emprestaria dinheiro e um casaco, deixá-la-ia chamar um táxi de Eastbridge, ou alguém da cidade — Shep, Doris, Andreas —, alguém que tivesse um carro e que viesse apanhá-la.

Pete e Kim estariam bem; era preciso acreditar nisso. Eles estariam bem até

que ela chegasse à cidade e falasse com as pessoas, com um advogado para conseguir tirá-los de Walter. Provavelmente, estariam cuidando muito bem deles, Bobbie ou Mary Ann Stavros — isto é, as coisas que tinham esses nomes.

E Ruthanne devia ser *avisada*. Talvez elas pudessem se encontrar, pois Ruthanne ainda dispunha de algum tempo.

Chegou ao final da fileira de árvores, certificando-se de que não vinham carros, e atravessou a Winter Hill Drive.

Arbustos cobertos de neve ladeavam o lado mais distante da rua. Foi caminhando depressa por trás deles, com os braços cruzados em torno do peito e as mãos calçadas com luvas finas, sob suas axilas.

A Gwendolyn Lane, onde Ruthanne morava, ficava em algum lugar perto da Short Ridge Hill, além da casa de Bobbie; para chegar lá, ela levaria quase uma hora. Talvez mais, devido à neve e à escuridão. E não ousava pedir carona, porque qualquer carro poderia ser o de Walter, e ela só perceberia quando fosse muito tarde.

Não apenas Walter, compreendeu ela, subitamente. *Todos* eles a estariam procurando, cruzando as ruas com lanternas e faróis. Como poderiam deixar que ela fugisse e *contasse* tudo? Qualquer homem representava uma ameaça; qualquer carro, um perigo. Teria de certificar-se de que o marido de Ruthanne não estava lá, antes de tocar a campainha; olhar pela janela.

Ah, Deus, *poderia* escapar? Nenhuma das outras havia conseguido. Talvez nenhuma delas tivesse tentado. Bobbie, não; Charmaine, também não. Talvez ela fosse a primeira a descobrir a tempo.. Se é que ainda *havia* tempo...

Deixou a Winter Hill e desceu apressadamente a Talcott Lane. Faróis brilharam, e um carro saiu de uma entrada à sua frente. Agachou-se ao lado de um carro estacionado e ficou imóvel, as luzes passaram por baixo dela e o carro continuou. Levantou-se e olhou: o carro seguia vagarosa e decididamente, um feixe de luz partia de um farolete, iluminando as fachadas das casas e os gramados cobertos de neve.

Desceu rapidamente a Talcott Lane, passando por casas silenciosas, com as janelas iluminadas por luzes de Natal e portas emolduradas com enfeites natalinos. Seus pés e suas pernas estavam frios, mas ela estava bem. No fim da Talcott ficava a Old Norwood Road, e de lá ela poderia alcançar ou a Chimney Road ou a Hunnicut.

Um cachorro latiu por perto, raivosamente; mas os latidos cessavam atrás dela à medida que se afastava rapidamente.

Um galho jazia na neve pisada, como um braço negro. Ela colocou sua bota por cima, quebrou a metade e prosseguiu, segurando o galho molhado e frio com a mão enluvada.

Uma lanterna brilhou na Pine Tree Lane. Ela correu entre duas casas, correu sobre a neve em direção à cúpula formada por um arbusto sob a neve; meteu-se tropegamente atrás dele, ofegante, apertando o galho na mão dolorida pelo frio.

Vigiu o fundo das casas, com suas janelas iluminadas. Do teto de uma delas elevavam-se fagulhas vermelhas, que dançavam e desapareciam por entre as estrelas.

A luz da lanterna veio oscilando entre duas casas, e ela recuou para trás do arbusto, esfregou um joelho, mantendo o outro aquecido sob a dobra do cotovelo.

Uma luz pálida varreu a neve em sua direção, e pontos luminosos deslizaram pela sua saia e pela mão enluvada.

Esperou, esperou mais um pouco e deu uma espiada. A forma escura de um homem dirigiu-se para as casas, seguindo um trecho de neve iluminada.

Esperou que o homem fosse embora, levantou-se e dirigiu-se apressadamente para a próxima rua, Hickory Lane? Switzer? Não tinha certeza de qual era, mas ambas levavam à Short Ridge Road.

Seus pés estavam dormentes, a despeito das botas forradas.

Uma luz brilhou fortemente, e ela se virou e correu. Uma luz à sua frente oscilou em sua direção, e ela correu para o lado, ao longo de um caminho vazio, passando ao lado de uma garagem, e desceu uma comprida rampa de neve. Escorregou e caiu, levantou-se, ainda segurando o galho — as luzes vinham balançando em sua direção —, e correu sobre a neve plana. Uma luz virou-se em sua direção. Ela voltou-se, dirigindo-se para a neve, que não apresentava nenhum esconderijo, virou-se e ficou onde estava, ofegante.

— Vão embora! — gritou para as luzes que balançavam em sua direção, duas de um lado e uma do outro. Levantou o galho. — Vão embora!

A luz diminuiu.

— Apaguem-nas. Nós não vamos machucá-la, sra. Eberhart. Não tenha medo, somos amigos de Walter. — A luz se foi; ela baixou a mão. — Amigos seus também. Sou Frank Roddenberry. A senhora me conhece. Calma, ninguém vai machucá-la.

Formas mais escuras do que a escuridão estavam diante dela.

— Fiquem longe — disse ela, levantando mais o galho.

— A senhora não precisa disso.

— Nós não vamos machucá-la.

— Então, vão embora — disse ela.

Todo mundo está procurando a senhora — disse a voz de Frank Roddenberry. — Walter está preocupado.

— Aposto que sim — disse ela.

Eles estavam diante dela, três homens, distantes quatro ou cinco metros.

— Não devia ficar correndo por aí assim, sem casaco — disse um deles.

— Vão embora — gritou ela.

— P-Ponha isso no chão — disse Frank. — Ninguém vai machucá-la.

— Sra. Eberhart, eu estava falando com Walter há menos de cinco minutos. — O homem do meio é que falava. — Soubemos de suas ideias. Está errada, sra. Eberhart. Creia-me, simplesmente não é isso.

— Ninguém está fabricando robôs — disse Frank.

— A senhora deve imaginar que somos bem mais espertos do que realmente somos — disse o homem do meio. — Robôs que podem dirigir carros? E cozinhar? E cortar o cabelo das crianças?

— E tão reais que as crianças não perceberiam? — disse o terceiro homem. Ele era baixo e gordo.

— A senhora deve pensar que somos uma cidade cheia de gênios — disse o homem do meio. — Creia-me, não somos.

— Vocês são os homens que nos colocaram na lua — disse ela.

— Quem? Eu, não. Frank, você colocou alguém na lua? Bernie?

— Eu, não — disse Frank.

O homem baixo riu.

— Eu, não, Wynn. Não que eu saiba.

— Acho que nos confundiu com outros sujeitos — disse o homem do meio.
— Leonardo da Vinci e Albert Einstein, talvez.

— Puxa vida! — disse o homem baixo. — Nós não queremos robôs como esposas. Queremos mulheres de verdade.

— Vão embora e deixem-me ir — disse ela

Eles permaneceram no mesmo lugar, mais escuros do que a escuridão.

— Joanna — disse Fran —, se estivesse certa e nós pudéssemos fabricar robôs que fossem tão fantásticos e reais, não acha que deveríamos estar ganhando algum dinheiro com isso?

— Isso mesmo — disse o homem do meio. — Nós todos poderíamos estar ricos, com esse tipo de conhecimento.

— Talvez fiquem — disse ela. — Talvez isso seja só o princípio.

— Ah, meu Deus — disse o homem. — Ela tem resposta para tudo. Ela é que devia ser o advogado, e não Walter.

Frank e o homem mais baixo riram.

— Vamos, Joanna — disse Frank. — P-Ponha essa barra de ferro no chão, ou o que quer que seja, e...

— Vão embora e deixem-me ir — disse ela.

— Não podemos fazer isso — disse o homem do meio. — Vai pegar uma pneumonia. Ou será atropelada por um carro.

— Estou indo para a casa de uma amiga — disse ela. — Estarei dentro de casa em alguns minutos. Já estaria lá, agora, se vocês não tivessem, ah, meu Deus... — Abaixou o galho e esfregou o braço; tremendo, esfregou os olhos e a testa.

— A senhora nos deixaria provar que está errada? — disse o homem do meio. — Aí, então, nós a levaremos para casa e a senhora pode pedir ajuda, se

precisar.

Ela olhou para sua forma escura.

— Provar a mim? — disse ela.

— Nós a levaremos até o prédio, o prédio da Associação Masculina...

— Não!

— Espere um momento. Escute só, por favor.

Nós a levaremos até a casa, e poderá inspecioná-la de ponta a ponta. Tenho certeza de que ninguém vai se opor, nestas circunstâncias. E verá que...

— Não vou pôr os pés na...

— Verá que lá não existe nenhuma fábrica de robôs — disse ele. — Existe um bar, uma sala de jogos de cartas e algumas outras salas, isso é tudo. Há um projetor e alguns filmes proibidos; esse é o nosso grande segredo.

— E os caça-níqueis — disse o homem baixo.

— Sim, temos alguns caça-níqueis.

— Eu não pisaria lá dentro sem uma escolta armada — disse ela. — De mulheres soldados.

— Nós mandamos todo mundo sair — disse Frank. — Terá o lugar inteiro p-para si.

— Não irei — disse ela.

— Sra. Eberhart — disse o homem do meio. — Estamos tentando ser tão gentis quanto possível a respeito de tudo, mas há um limite, pois não podemos permanecer aqui conversando o tempo todo.

— Espere um minuto — disse o homem baixo. — Tive uma ideia. Suponhamos que uma dessas mulheres que a senhora imagina serem robôs, suponhamos que ela cortasse o dedo e sangrasse. Isso a convenceria de que ela é uma pessoa real? Ou a senhora diria que fabricamos robôs com sangue sob a pele?

— Por Deus, Bernie! — disse o homem do meio.

Frank disse:

— Você não pode pedir a uma p-pessoa que se corte só para...

— Por favor, vocês querem deixar que ela responda? Então, sra. Eberhart? Isso a convenceria? Se ela cortasse o dedo e sangrasse?

— Bernie...

— Deixem só que ela responda, que diabo!

Joanna continuou olhando e anuiu:

— Se ela sangrasse — disse ela —, eu acharia que ela era real.

— Nós não vamos pedir a ninguém que se corte. Nós vamos para a...

Bobbie o faria — disse ela. — Se é que ela é realmente Bobbie. Ela é minha amiga. Bobbie Markowe.

— Na Fox Hollow Lane? — perguntou o homem baixo.

— Sim — disse ela.

— Estão vendo só? — disse ele. — Fica a dois minutos daqui. Pensem só por um segundo, está bem? Nós não teremos de ir até o centro; não teremos de forçar a sra. Eberhart a ir para um lugar aonde ela não quer ir.

Ninguém o interrompeu.

— Acho que não é um-ma m-má ideia — disse Frank. — Poderíamos falar com a sra. Markowe.

— Ela não vai sangrar — disse Joanna.

— Ela vai, sim — disse o homem do meio.— E, quando ela sangrar, a senhora vai ver que estava errada e deixará que a levemos sem discussões para casa, onde está Walter?

— Se ela sangrar — disse ela. — Então, sim.

— Está bem, Frank, você vai correndo na frente, para ver se ela está lá e explicar-lhe do que se trata. Vou deixar minha lanterna aqui no chão, sra. Eberhart. Bernie e eu iremos na frente; a senhora apanha a lanterna e nos segue, tão recuada quanto queira. Porém mantenha a luz apontada para nós, para sabermos que a senhora está nos seguindo. Vou deixar meu casaco também; vista-o. Posso ouvir seus dentes batendo.

Ela estava errada. Sabia disso. Estava errada, molhada, com frio, cansada e com fome, e impelida para dezoito direções diferentes por exigências conflitantes. Inclusive a vontade de fazer xixi.

Se eles fossem assassinos, *já* a teriam matado. Um galho não os teria impedido. Três homens contra uma mulher.

Levantou o galho e olhou para eles, andando vagorosamente, com os pés doendo. Largou o galho. Sua luva estava molhada e suja; seus dedos, congelados. Ela os flexionou e enfiou a mão sob a outra axila. Segurou a lanterna longa e pesada o mais firmemente que pôde.

Os homens caminhavam à sua frente, com passos curtos. O homem baixo vestia um casaco marrom e um boné de couro vermelho; o homem mais alto, uma camisa verde e calças bege, enfiadas em botas marrons. Tinha o cabelo castanho-avermelhado.

Seu casaco de couro estava quente nos ombros. Seu cheiro era forte e bom... de animal, de vida.

Bobbie iria sangrar. Era coincidência que Dale Coba houvesse trabalhado com robôs na Disneylândia e que Claude Axhelm pensasse que era Henry Higgins, e que Ike Mazzard tivesse desenhado seus lisonjeiros esboços. Coincidência que ela tivesse sido tragada pelo turbilhão... da loucura. Sim, da loucura. ("Não é catastrófico", dissera a dra. Fancher, sorrindo. "Estou certa de que posso ajudá-la.") Bobbie iria sangrar, e ela iria para casa se aquecer.

Ir para casa e para Walter?

Quando é que havia começado essa sua desconfiança em relação a ele, a sensação de não haver nada entre eles? De quem era a culpa?

Seu rosto estava mais cheio; por que ela não o havia notado antes? Estivera ocupada demais tirando fotografias e trabalhando no quarto escuro?

Telefonaria para a dra. Fancher na segunda-feira, deitaria no divã de couro marrom, choraria um pouco, talvez, e tentaria ser feliz.

Os homens esperavam na esquina da Fox Hollow Lane.

Ela apressou o passo.

Frank esperava na porta iluminada de Bobbie. Os homens falaram com ele

e viraram-se para ela, à medida que andava vagarosamente pela calçada.

Frank sorriu.

— Ela concordou — disse ele. — Se isso os faz sentir-se melhor, ela terá prazer em fazê-lo.

Ela deu a lanterna para o homem de camisa verde. Seu rosto era largo e curtido, e tinha uma aparência de força.

— Esperaremos aqui — disse ele, tirando o casaco dos ombros dela.

— Ela não precisa... — começou Joanna.

— Não, vá em frente — disse ele. — A senhora pode começar a imaginar coisas novamente, mais tarde.

Frank apareceu no degrau da porta.

— Ela está na cozinha — disse ele.

Joanna entrou na casa. O calor a envolveu. Uma vitrola berrava lá em cima, com um *rock'in roll*.

Foi caminhando ao longo do corredor, flexionando as mãos doloridas. Bobbie a esperava na cozinha, vestindo calça vermelha e um avental com uma grande margarida.

— Alô, Joanna — disse, e sorriu. Bobbie, bonita e de busto cheio. Mas não um robô.

— Alô — disse ela. Segurou a porta, encostou-se nela, apoiando ali a cabeça.

— Lamento que você esteja em tal estado — disse Bobbie.

— Também eu — disse ela.

— Não me importo de cortar o meu dedo um pouquinho, se isso vai tranquilizá-la. — Foi até a mesa. Caminhou suave, firme e graciosamente.

Abriu uma gaveta.

— Bobbie... — disse Joanna. Ela fechou os olhos e abriu-os. — Você é Bobbie de verdade? — perguntou.

— Claro que sou — disse Bobbie, com uma faca na mão. Foi até a pia. —

Venha aqui. Você não pode enxergar daí.

A música tocou mais alto.

— O que é que está acontecendo lá em cima? — perguntou Joanna.

— Não sei. Dave está com os meninos lá em cima. Venha até aqui. Não pode ver daí.

A faca era grande, com uma lâmina pontuda.

— Você vai amputar a mão inteira com essa coisa — disse Joanna.

— Tomarei cuidado — disse Bobbie, sorrindo. — Vamos — chamou ela, segurando a grande faca.

Joanna levantou a cabeça e tirou a mão da porta. Entrou na cozinha — tão brilhante e imaculada, tão diferente da de Bobbie.

Parou. "A música é para o caso de eu gritar", pensou. "Ela não vai cortar o dedo; ela vai..."

— Vamos — disse Bobbie, de pé ao lado da pia, chamando-a, segurando a faca de lâmina pontuda.

"Não é catastrófico, dra. Fancher? Pensar que elas são robôs e não mulheres? Pensar que Bobbie me mataria? A senhora tem certeza de que pode ajudar-me?"

— Não precisa fazer isso — disse ela para Bobbie.

— Isso vai tranquilizá-la — disse Bobbie.

— Vou consultar um psiquiatra depois do ano-novo — disse ela. — *Isso*, sim, vai me dar paz de espírito. Pelo menos, espero que sim.

— Vamos — disse Bobbie. — Os homens estão esperando.

Joanna adiantou-se em direção a Bobbie, em pé ao lado da pia, com a faca na mão, tão real — pele, olhos, cabelos, mãos, busto subindo e descendo sob o avental — que não poderia ser um robô, simplesmente não poderia, e isso era tudo.

Os homens estavam em pé no degrau da porta, soprando o ar gelado, com as mãos enterradas nos bolsos. Frank balançava os quadris de um lado para o

outro, ao ritmo da música a todo o volume.

Bernie disse:

— Por que está levando tanto tempo?

Wynn e Frank sacudiram os ombros.

A música tocava.

— Vou telefonar para Walter e dizer-lhe que a achamos — disse Wynn, e entrou na casa.

— Apanhe as chaves do carro de Dave!

disse Frank, atrás dele.

TERCEIRA PARTE

O estacionamento do mercado estava bem cheio, mas ela encontrou um bom lugar perto da entrada; e isso, mais o calor do sol e o cheiro doce do ar úmido, quando saltou do carro, fizeram com que ela se sentisse menos aborrecida pelo fato de ter de fazer compras. *Um pouco* menos aborrecida, de qualquer maneira.

A srta. Austrian vinha em sua direção, mancando, apoiada numa bengala, saindo do mercado com um pequeno saco de papel na mão e — ela não acreditou — um sorriso amistoso no rosto branco de Rainha de Copas. Para ela?

— Bom dia, sra. Hendry — disse a srta. Austrian.

Imagine só, toleram negros!

— Bom dia — disse ela.

— Março indo embora, tranquilo como um cordeiro, não é verdade?

— Sim — disse ela. — Parecia que ia ser um bicho-de-sete-cabeças..

A srta. Austrian parou e ficou de pé olhando para ela.

— Há meses que a senhora não aparece na biblioteca. Espero que não a tenhamos perdido para a televisão.

Ah, não! Eu, não. Tenho estado trabalhando.

— Em outro livro?

— Sim.

— Ótimo, avise-me quando for publicado; encomendaremos um volume.

— Avisarei — disse ela. — E será em breve. Está quase terminado.

— Passe bem — disse a srta. Austrian, sorrindo e indo embora, apoiada em sua bengala.

— Obrigada. A senhora também.

Bem, pelo menos *uma* venda.

Provavelmente, estava sendo hipersensível. Provavelmente, a srta. Austrian também era reservada com as brancas, a menos que elas já estivessem ali há alguns meses.

Passou pelas portas do mercado, que se abriam automaticamente, e encontrou um carrinho vazio. As fileiras de mercadorias apresentavam o desfile costumeiro dos sábados.

Seguiu rapidamente, tirando o que necessitava, manobrando o carrinho para cá e para lá. "Com licença, com licença, por favor." Ainda a incomodava a maneira como as outras faziam as compras, deslizando tão languidamente como se jamais transpirassem. Será que alguém poderia ser mais branco? E até a maneira como elas enchiam seus carrinhos! Ela poderia fazer compras no mercado inteiro durante o tempo em que elas percorriam uma fileira.

Joanna Eberhart vinha em sua direção, maravilhosa, em seu casaco azul-pálido, com o cinto bem apertado. Tinha um corpo perfeito, e estava ainda mais bonita do que Ruthanne se recordava. Os cabelos pretos estavam brilhantes e graciosamente penteados para trás. Veio devagar, olhando as prateleiras.

— Alô, Joanna — disse Ruthanne.

Joanna parou e fitou-a, com seus olhos castanhos, de cílios longos.

— Ruthanne — disse ela, e sorriu. — Alô, como vai? — Seus lábios arqueados estavam vermelhos; sua pele, rosa-pálida e perfeita.

— Estou bem — disse Ruthanne, sorrindo. — Não preciso perguntar como você vai; está maravilhosa.

— Obrigada — disse Joanna. — Ando me cuidando melhor, ultimamente.

E isso certamente aparece — disse Ruthanne.

Sinto muito por não ter telefonado — disse Joanna.

Ah, não faz mal. — Ruthanne colocou seu carrinho na frente do de Joanna, para que as pessoas pudessem passar.

— Eu tinha a intenção de lhe telefonar disse Joanna —, mas tive tanto que fazer na casa, sabe como é.

— Não tem importância — disse Ruthanne. — Também estive ocupada. Meu livro está quase terminado. Só mais um desenho grande e uns poucos pequenos.

— Parabéns — disse Joanna.

— Obrigada. O que é que você tem feito? Tem tirado fotografias interessantes?

— Ah, não — disse Joanna. — Não estou mais tirando muitas fotografias.

— Não está? — disse Ruthanne.

— Não. Eu não era muito talentosa, e estava desperdiçando um bocado de tempo que poderia ser usado com mais proveito.

Ruthanne olhou para ela.

— Telefonarei para você um dia desses, quando conseguir terminar algumas coisas — disse Joanna, sorrindo.

— Então, o que é que está fazendo além de trabalho doméstico? — perguntou Ruthanne.

— Nada, realmente — disse Joanna. — O trabalho doméstico é o suficiente para mim. Eu pensava que tinha outros interesses, mas agora me sinto melhor comigo mesma. Estou muito mais feliz também, assim como minha família. Isso é o que vale, não é?

— Sim, acho que sim — disse Ruthanne.

Olhou para baixo, para os carrinhos delas; o seu, todo amontoado, comparado com o de Joanna. — Talvez possamos marcar aquele almoço — disse, olhando para Joanna. — Agora que estou terminando o livro.

— Talvez — disse Joanna. — Foi um prazer vê-la.

— Para mim também — disse Ruthanne.

Joanna afastou-se, sorrindo. Parou, tirou uma caixa de uma prateleira, olhou-a e colocou-a no seu carrinho. Foi embora, ao longo da fileira do mercado.

Ruthanne ficou de pé, olhando para ela, virou-se e seguiu na outra direção.

Não conseguia trabalhar. Andava pelo quarto apertado; olhou através da janela para Chickie e Sara, brincando com os meninos dos Cohanes; folheou a pilha de desenhos terminados e não os achou tão divertidos ou bem-feitos como os havia imaginado.

Quando finalmente conseguiu começar a trabalhar no livro, já eram praticamente cinco horas.

Desceu até a saleta.

Royal estava sentado, lendo *Homens em grupos*, com os pés enfiados em meias azuis, apoiados no banquinho. Ergueu o olhar para ela.

— Terminou? — perguntou. Havia colado a armação de seus óculos com fita adesiva.

— Diabos, não! Apenas comecei.

— Como é que pode?

— Não sei. Alguma coisa está me perturbando. Escute, você me faria um favor? Agora que comecei, queria continuar.

— Jantar? — disse ele.

Ela anuiu.

— Você os levaria até aquela pizzaria? Ou ao McDonald's?

Ele apanhou o cachimbo de cima da mesa.

— Está bem — disse.

— Eu queria terminá-lo — disse ela. — Do contrário, não vou poder aproveitar o próximo fim de semana.

Ele colocou o livro aberto atravessado sobre o colo, e pegou seu equipamento para limpar o cachimbo de cima da mesa.

Ela se virou para ir embora e olhou para trás, em sua direção.

— Tem certeza de que não se importa? — perguntou.

Ele movia o limpador para a frente e para trás no cachimbo.

— Claro — disse ele. — Continue com o livro. — Levantou os olhos para ela e sorriu. — Não me importo.

O AUTOR E SUA OBRA

Alguns críticos já definiram Ira Levin como um dos mais brilhantes discípulos de Alfred Hitchcock. Enquanto o velho mestre do suspense arrepiava multidões nas salas de cinema, Ira Levin se transformou num escritor de best sellers que arrebatam milhões de leitores em todo o mundo) com suas intrigas fascinantes, cheias de mistério e medo.

Natural de Nova York, onde nasceu a 27 de agosto de 1929, filho de um importador de brinquedos, Ira Levin estudou na Universidade Drake (Des Moines) Iowa) entre 1946 e 1948) e na Universidade de Nova York, onde se formou em 1950. No mesmo ano começou sua carreira literária, escrevendo peças de televisão para as cadeias NBC e ABC. Em 1953, com apenas vinte e quatro anos de idade, surpreendeu a crítica e o público com o romance “O beijo da morte” (já publicado pelo Círculo). Obra caracterizada por uma notável técnica de suspense, narra a história de um jovem ambicioso que concebe e executa um crime perfeito) cuja vítima é a própria esposa. Saudada pela habilidade do autor na caracterização do protagonista, a novela recebeu o prêmio Edgar Allan Poe de Escritores de Mistério da América e tornou-se grande êxito na adaptação cinematográfica feita pelo diretor Gerd Oswald, em 1956) e interpretada por Robert Wagner) Joanne Woodward e Jeffrey Hunter.

Em 1955, o autor triunfou no teatro com a peça "No time for sergeants", que adaptou de um romance de MacHyman. Depois disso, dedicou parte de seu tempo à televisão e parte à Broadway, embora não conseguisse repetir o sucesso de sua primeira obra teatral. Em 1960, casou-se com Gabrielle Aronsohn com a qual teve três filhos. Em 1968, o casal divorciou-se.

Outro ano de grande sucesso para Ira Levin foi 1967, quando publicou seu segundo romance, “O bebê de Rosemary”, transformado em notável obra cinematográfica pelo diretor Roman Polanski. O público consumiu avidamente milhares de exemplares dessa obra-prima de satanismo e bruxaria. Três anos depois (1970), foi a vez de "Este mundo perfeito" ("This perfect day"), um romance de ficção científica que não teve o mesmo êxito dos livros anteriores.

“As possuídas” (“The Stepford wives”), publicado em 1972, contém a mesma atmosfera de mistério, horror e opressão que caracteriza a obra do autor. “Veronica’s room” (1973) marca sua volta aos palcos da Broadway. Com “Os meninos do Brasil” (“The boys from Brazil”), 1976, também publicado pelo Círculo, Ira Levin reconquistou seus milhões de leitores em todo o mundo, focalizando as tentativas de Joseph Mengele e outros nazistas de criar um IV Reich na América do Sul.

[1] O autor refere-se a um teste utilizado em psicologia, em que várias manchas indefinidas são apresentadas às pessoas, para que indiquem o que estão vendo. (N. do T.)

[2] Trocadilho de tradução impossível. No original, *“Stepford is out of step”*. (N. do T.)

[3] No original, *“dizzy”*, que significa *“tonto”*; trocadilho com o apelido do personagem, Diz. (N. do T.)

[4] *Henry Higgins*, personagem da peça *My fair lady*, que se gabava de poder classificar uma pessoa pela sua maneira de falar. (N. do T.)

[5] Iniciais de *White Anglo Saxon Protestants*, *“brancos, anglo-saxões, protestantes”*, famílias tradicionais americanas. (N. do T.)

[6] Em inglês, *“wasp”* também quer dizer *“vespa”*. (N. do T.)

Table of Contents

[PRIMEIRA PARTE](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[O AUTOR E SUA OBRA](#)